

**O ENSINO DO DESENHO  
NA ESCOLA DE BELAS ARTES DE PERNAMBUCO  
(1932 A 1946)**



Alunos e professores da EBAP, em 1932. Autor desconhecido. Fonte: MDB-BC/UFPE.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS**  
**MESTRADO**

**O ENSINO DO DESENHO NA ESCOLA DE BELAS ARTES DE PERNAMBUCO**  
**(1932 A 1946)**

**NIEDJA FERREIRA DOS SANTOS TORRES**

**NIEDJA FERREIRA DOS SANTOS TORRES**

**O ENSINO DO DESENHO NA ESCOLA DE BELAS ARTES DE PERNAMBUCO  
(1932 A 1946)**

Dissertação apresentada ao Programa associado de Pós-Graduação em Artes Visuais, da Universidade Federal de Pernambuco em parceria com a Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Artes visuais, na Linha de Pesquisa Ensino das Artes Visuais no Brasil.

Orientador: Prof. Dr. Erinaldo Alves do Nascimento

**RECIFE, 2015**

Catálogo na fonte

Bibliotecário Jonas Lucas Vieira, CRB4-1204

T693e Torres, Niedja Ferreira dos Santos  
O ensino do desenho na Escola de Belas Artes de Pernambuco (1932 a 1946) / Niedja Ferreira dos Santos Torres. – Recife: O Autor, 2014.  
150 f.: il., fig.

Orientador: Erinaldo Alves do Nascimento.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação. Artes Visuais, 2015.

Inclui referências, anexos e apêndice.

1. Artes. 2. Desenho – estudo e ensino. 3. Escolas de belas artes. 4. Ensino superior. 5. Artistas. I. Nascimento, Erinaldo Alves do (Orientador). II. Título.

700 CDD (22. ed.) UFPE (CAC 2015-131)

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS**  
**MESTRADO**

**O ENSINO DO DESENHO NA ESCOLA DE BELAS ARTES  
DE PERNAMBUCO (1932 A 1946)**

Aprovada em: 01 de Abril de 2015.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Erinaldo Alves do Nascimento** – Membro Titular Interno (UFPB)

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Emília Sardelich** - Membro Titular Externo (UFPB)

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Betânia e Silva** - Membro Titular Interno (UFPE)

RECIFE, 2015

## RESUMO

Esta pesquisa pretendeu elucidar questionamentos sobre o Ensino do Desenho e compreender algumas posturas dos professores diante do seu ensino, que se mantém até hoje. Para esta finalidade, apresenta as concepções e as maneiras de o Ensino do Desenho que foram praticadas nos cursos da Escola de Belas Artes de Pernambuco (EBAP), primeira instituição voltada para a formação artística no Estado de Pernambuco, no período de 1932 a 1946. Para responder a tais objetivos, identificamos o contexto histórico, as políticas públicas e educacionais que programaram o currículo da instituição, as propostas de ensino, o programa das disciplinas e os registros das práticas cotidianas escolar, empregadas na EBAP. Estes procedimentos nos permitiu conhecer os conceitos e maneiras de ensinar o desenho na instituição, no período mencionado. Esta pesquisa foi desenvolvida, em grande parte, no Memorial Denis Bernardes, da Biblioteca Central da UFPE, onde se encontra a maioria do conjunto documental da Escola de Belas Artes de Pernambuco. Constam desta coleção documentos tais como: a ata da fundação da escola, atas de frequência dos alunos, livros de assinaturas, relatórios para o Ministério da Educação, entre outros documentos significativos, até a incorporação da instituição ao Centro de Artes e Comunicação (CAC), da UFPE, no final dos anos de 1970. A relevância de estudar os percursos do Ensino do Desenho através do modelo empregado na EBAP, forneceu-nos elucidaciones dos caminhos percorridos para formação artística no Estado de Pernambuco. Promoveu uma visão de como foram implantados os cursos do Ensino Superior, na área de Arte, que temos atualmente nas graduações que são ofertadas pela UFPE. Portanto, este estudo nos forneceu pistas dos caminhos percorridos para uma concepção de Ensino do Desenho, que num dado momento histórico, segue duas linhas: a formação artística e a formação técnica, no Ensino Superior em Pernambuco.

**Palavras-chaves:** Ensino do Desenho; Ensino da Arte no Ensino Superior; Escola de Belas Artes de Pernambuco.

## ABSTRACT

This research intended to clarify questions on the teaching of drawing as well as to understand the teachers' mindset regarding this field that still persists upon to this day. In order to achieve its goal, this work presents concepts and ways through which the teaching of drawing were carried out in *Pernambuco School of Fine Arts (EBAP)*, the first institution devoted to art education in the state of Pernambuco, Brazil, in the period 1932-1946. Thusly, we identified the historical context along with the public and educational policies that compiled the institution's curriculum also in conjunction with the teaching proposals, the courses program and the records on EBAP's daily practices. Such actions allowed us to have a closer look at the concepts and ways of teaching drawing within the institution in the appointed period. This research was largely developed at the *Memorial Denis Bernardes - Central Library - UFPE*, where most of the documents from the *Pernambuco School of Fine Arts* are kept. Included in this collection are documents such as the minutes of the school's foundation, students' frequency minutes, signatures' log, reports to the Ministry of Education, and other significant documents, up when, in the late 1970's, the institution was merged into the *Arts and Communication Center (CAC) - UFPE*. The relevance of studying the teaching of drawing path through the model used in EBAP, brought up clarifications on the steps taken by the artistic education in the state of *Pernambuco*. This investigation gave a furtherance vision on how the higher education art courses were implanted in the graduate programs that are currently offered by UFPE (*Universidade Federal de Pernambuco*). Thence, this study provided us with clues upon the avenues taken towards the development of the teaching of drawing, which in a given historical moment, follows two lines: artistic training and technical training, within the estate of Pernambuco higher education field.

**Keywords:** Teaching of drawing; Art Teaching in Higher Education; Pernambuco School of Fine Arts.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Erinaldo Alves do Nascimento, pela atenção e paciência. Por me receber em sua casa, com uma acolhida especial junto a sua família, nos encontros de orientação.

À minha família, Edson, Nayara e Erika, pelo amor, pelo apoio e pela ajuda, em todos os momentos. Por entenderem a importância desta pesquisa para mim e pelas ocasiões em que estive ausente. Meus pais e irmãos, pelo respeito e compreensão pela minha ausência do convívio familiar. Em especial a Nayara Luiza, pelo tratamento das imagens e a Nelciene Santos, pelo apoio nas leituras do meu texto.

Aos meus amigos e amigas, em especial a Maria Juliana Sá, Marília França, Maísa Cristina e Rebeca Matos, pelo incentivo, antes, durante e depois das horas de estudo ao ingresso neste programa. Obrigada pela presença constante nos momentos mais difíceis e mais prazerosos, pelo companheirismo e apoio incondicional que só vemos nas verdadeiras amizades. Na verdade, também nos divertimos nas horas de escrita de trabalhos para publicação.

Aos professores, funcionários e colegas do PPGAV-UFPE/UFPB, em especial a professora Maria Betânia e Silva, nos acompanhamentos à minha pesquisa, sugestões de textos e leituras, por abraçar minha pesquisa com o mesmo entusiasmo que o meu.

Ao professor Maurício Carvalho e a bibliotecária Ana Cláudia e demais funcionários e estagiários do Memorial Denis Bernardes, pela acolhida e por me auxiliarem na busca dos documentos para a minha pesquisa e por me tratarem como “se eu já fosse de casa”, como eles mesmos diziam.

Aos colegas e amigos (as) do Colégio Municipal Visconde de Suassuna, do Município de Jaboatão dos Guararapes, pelo constante incentivo e solidariedade nas horas em que faltava o fôlego para dar conta, do trabalho na escola e dos estudos ao mesmo tempo. E igualmente, aos colegas e amigos (as) da Unidade Acadêmica de Educação à Distância (UA-EADTec), da UFRPE, pelos mesmos motivos.

Agradeço a Deus, pela saúde e vontade de aprender, e principalmente por colocar pessoas especiais em minha vida. Congrego da máxima: não conseguimos fazer nada sozinhos, nunca estamos sós...

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AIBA – Academia Imperial de Belas Artes

ASCOM/UFPE – Assessoria de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco

BC – Biblioteca Central

CAC – Centro de Artes e Comunicação

CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEDCA-PE – Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente de Pernambuco

DECA - Departamento de Extensão Cultural e Artística

DNE - Departamento Nacional de Educação

EBAP – Escola de Belas Artes de Pernambuco

ECA/USP - Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo

ENBA – Escola Nacional de Belas Artes

FUNDAJ – Fundação Joaquim Nabuco

IAC - Instituto de Arte Contemporânea

IBICIT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

IFPE – Instituto Federal de Pernambuco

MAMAM – Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães

MDB – Memorial Professor Denis Bernardes

NTI – Núcleo de Tecnologia da Informação

PPGAV-ECA/UFRJ - Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro

PPGAV-UFPB/UFPE - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pernambuco em parceria com a da Universidade Federal da Paraíba

PIU – Produção Intelectual da Universidade Federal de Pernambuco

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>CAPÍTULO I – A Escola de Belas Artes de Pernambuco e suas matrizes históricas e institucionais</b> .....	23
1.1 Percurso histórico da Escola de Belas Artes de Pernambuco.....	24
1.1.2 Desafios e dificuldades financeiras da EBAP.....	37
1.2 A visão artística da Escola de Belas Artes de Pernambuco e suas relações institucionais com a ENBA.....	42
1.2.1 Ensino do Desenho: Artes ou Ofício?.....	45
1.3 Professores da EBAP e a formação da classe artística de Pernambuco.....	48
1.3.1 Movimentação artística em Pernambuco.....	53
<b>CAPÍTULO II – Concepções educacionais da Escola de Belas Artes de Pernambuco</b> .....	58
2.1 Percepções de ensino da arte na EBAP (1932-1946).....	61
2.2 Aulas nos ateliês na EBAP: prática atrelada à teoria.....	65
2.3 Concepções tradicionais e o embate com o movimento modernista. Quais os conflitos?.....	73
2.4 O perfil dos alunos da EBAP e como se dava o ingresso na escola.....	74
2.5 Concepções de avaliação da EBAP.....	76
<b>CAPÍTULO III – O ensino do desenho na Escola de Belas Artes de Pernambuco (1932-1946)</b> .....	80
3.1 Cursos que ofertavam a disciplina de Desenho: a organização do currículo escolar.....	83
3.2 Os professores mestres do desenho da EBAP.....	86
3.2.1 Murillo La Greca.....	87
3.2.2 Fédora Fernandes.....	89
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	95
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	99

**APÊNDICE.....105**

**ANEXOS.....113**

## INTRODUÇÃO

Minha relação com o desenho vem da infância, como para a maioria das pessoas que gostam de desenhar. Passei a desenhar com frequência, estimulada pela minha mãe que elogiava todos os meus desenhos. O desenho tem relevância especial na minha formação pessoal e acadêmica tanto que, vez ou outra, vejo-me envolvida com este tema. Desde o início de minha formação, quando fiz a disciplina denominada de Expressão Plástica Infantil com a Professora Rosa Vasconcelos no Curso de Graduação da Licenciatura em Artes Visuais, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), iniciada em 2001, observo os desenhos produzidos pelas crianças, jovens e adultos. Sejam eles de origem artística ou não. E ao longo do meu processo formativo também acompanhei, com um olhar especial, os desenhos desenvolvidos em ambiente escolar e nas práticas em mediação cultural, nos museus e instituições culturais, espaços nos quais vivencio minha atuação como professora.

Saliento que o desenho vem acompanhando minha trajetória profissional substancialmente. Em 2007, para a conclusão da licenciatura, na disciplina de Prática de Ensino II, ministrada pelo professor Sebastião Pedrosa, que também atuava como coordenador do curso neste momento, eu e uma colega, planejamos um curso para um grupo de professoras da Educação Infantil da Rede Pública de Ensino do Recife. Fui motivada a desenvolver este trabalho por uma colega que levava os desenhos de sua turma da Educação Infantil para conversarmos sobre o assunto. Planejamos então, um curso de três semanas intitulado de *O Desenvolvimento Gráfico da Criança: como trabalhar com o desenho na escola*. Neste curso, incorporamos também as produções contemporâneas de desenho. Com isso, a finalização deste curso culminou numa visita ao Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (MAMAM) para conhecer, a pedido das nove professoras que participaram da oficina, a produção de artistas pernambucanos como Gil Vicente e Renato Valle, até então desconhecidos por elas.

Outra experiência que vivenciei com este tema foi a participação em comissões julgadoras de concursos de desenhos<sup>1</sup>, que geralmente, têm temas pré-estabelecidos. Nestas comissões, avaliávamos individualmente os desenhos e depois selecionávamos em conjunto. Diante desse processo de escolhas, incomodei-me com o discurso de alguns educadores. Muitas vezes os desenhos que apresentavam imagens de *logo* de alguma empresa, símbolos de trânsito, de publicidade e propagandas, do cinema, dos *HQs* ou outras do gênero, eram

---

<sup>1</sup> Concurso Arte Livre – CEDCA-PE e o Concurso Internacional de Cartaz pela Paz – Lions Club Internacional.

desclassificados. Havia um entendimento de que estas produções estavam impregnadas com elementos que não pertenciam ao universo da criança ou do adolescente. Estas imagens eram vistas como impuras, ficavam categorizadas como desenhos estereotipados ou não originais. Desta inquietação surgiram muitas perguntas, como: é correto não considerar um bom desenho ou tratar como não original os desenhos que apresentem relações ou tragam imagens que remetam ao cotidiano, ou a cultura visual? É coerente na contemporaneidade ainda trabalhar com o conceito de original? Se a imagem é trabalhada em sala de aula, como não conceber a incorporação do repertório visual na produção do desenho? Quais são e de onde vieram estas concepções sobre o ensino do desenho? Desde então venho pesquisando sobre o Ensino do Desenho. Logo, ao participar de eventos relacionados ao desenho, venho refletindo acerca de questões sobre a produção de desenho, seja ele de qualquer natureza, da educação formal, da educação não formal e das produções artísticas em geral, com mais intensidade.

Diante destes questionamentos, busquei na memória um curso que participei na Divisão de Extensão Cultural e Artística (DECA), antiga Escola de Belas Artes de Pernambuco (EBAP)<sup>2</sup>, nos anos de 1988. E do pouco que me recordo, fazíamos cópias a partir da técnica do desenho. Posso retratar uma passagem em que eu e os outros participantes fazíamos cópias de sólidos geométricos em gesso, seria o primeiro passo, até o domínio de desenhar estes objetos em tamanho natural. Depois de muitos exercícios e quando estávamos de posse desta habilidade, íamos para o exercício seguinte, que era dar-lhes volume utilizando a luz e a sombra. Pergunto-me por quanto tempo se manteve esta prática, como ela foi pensada e para quais finalidades. O curso teve duração de um ano, mas o frequentei por apenas seis meses. Percebi que não sentia estímulo suficiente para praticar, concluir os exercícios solicitados. Outros tempos, estes.

Pude perceber vivenciando esses contextos, que as concepções do ensino da arte ainda estão muito arraigadas a uma perspectiva romântica e de feição modernista, ou seja, ainda não estão desvinculadas de discursos que já passaram por diversas reelaborações conceituais. No período ao qual me reporto, a década de 1980, nosso país estava saindo de uma ditadura e iniciando um processo de redemocratização política. Era nesse cenário que o ensino da arte no Brasil vinha encontrando campo fértil para várias abordagens: a auto-expressão, a ideia de preparação técnica para o trabalho entre outras concepções de ensino da arte.

Esta pesquisa surge, inicialmente, das inquietações sobre o ensino do desenho adotado pelas escolas, abrangendo na sua totalidade, o ensino voltado para o incentivo à formação

---

<sup>2</sup> Justificamos a adoção desta sigla porque ela foi encontrada em diversos documentos oficiais da instituição e a diferencia da matriz de onde a escola se originou.

artística. Percebe-se que o ensino do Desenho, vê-se envolvido no conflito entre a formação artística e a técnica ao longo da história do ensino da arte. Estas duas instâncias, juntas ou separadas, levaram o predomínio do isolamento e elitismo da formação artística. Nascimento (2010, p.32) assinala que um modelo de ensino artístico introduzido pela Missão Artística Francesa de 1816, gerou uma ruptura no contexto brasileiro, de uma prática educativa que não restringia a aprendizagem do desenho apenas às Belas Artes, mas o articulava, concomitantemente aos propósitos da industrialização.

O objetivo central desta investigação é compreender as concepções e as maneiras do Ensino do Desenho que foram desenvolvidos nos cursos da Escola de Belas Artes de Pernambuco (EBAP), entre os anos de 1932 e 1946. A EBAP é a primeira instituição educacional voltada para a formação artística do Estado. É considerada uma matriz pernambucana do Ensino Superior das Artes Visuais.

A fim de compreender os procedimentos educacionais e conceituais do ensino artístico que embasam a história do ensino da arte em Pernambuco, emerge a questão central desta pesquisa: como são as concepções e as maneiras de ensinar o Desenho, adotadas na Escola de Belas Artes de Pernambuco (EBAP), no período de 1932 a 1946? É com o intuito de responder a tal questionamento que se faz necessário a realização desta pesquisa.

Deste modo, indo no cerne desta questão, busca-se conhecer as concepções de Ensino do Desenho e suas relações com as contribuições de Arte/Educação, numa das mais relevantes instituições de ensino artístico em Pernambuco: a Escola de Belas Artes de Pernambuco (EBAP). Esta instituição atuou marcadamente no campo do ensino e da formação artística. Assim, evidenciamos que a escolha da instituição deve-se ao fato de reconhecer a sua importância no cenário artístico, que se ramifica no campo educacional do ensino da arte, bem como na formação e produção artística em Pernambuco na contemporaneidade.

É notório como esta instituição prezava, especialmente no momento em foco, pela formação artística, no sentido de colocar Pernambuco em igual evidência diante da produção artística do país, especialmente à realizada no Rio de Janeiro. Durante a sua trajetória colaborou significativamente para a integração entre os saberes artísticos como, artes plásticas, arquitetura e teatro. Após sua federalização, em 1946, é incorporada à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), iniciando, nesta ocasião o curso de Música. É possível afirmar que abrangia as diversas linguagens e modalidades do ensino das artes. Esta instituição colaborou, de forma decisiva, na formação de vários artistas do cenário pernambucano. Além disso, “a Escola de Belas Artes voltava-se para o ensino clássico e

acadêmico e para a instrução superior geral e especializada no campo artístico. Era, especificamente, para os concluintes do curso secundário fundamental” (SILVA, 2004, p. 23).

Apontamos, dentre os objetivos específicos, contextualizar as políticas públicas e educacionais que programaram o ensino do desenho nos cursos da EBAP, no período de 1932 a 1946. Pretendemos ainda identificar as propostas de ensino do desenho empregadas na EBAP, que contribuíram para elucidar a estrutura metodológica e a sua articulação curricular. Outra pretensão é buscar no arquivo da EBAP as imagens que registram as práticas cotidianas em sala de aula ou em outros ambientes, relacionando-as aos conceitos de ensino do desenho da época que se pretende estudar.

## CAMINHOS METODOLÓGICOS

Versar sobre a Escola de Belas Artes de Pernambuco, foi a um só tempo, tarefa árdua e prazerosa. Foi doloroso constatar que parte da documentação oficial de uma instituição tão importante para a formação artística, tanto para o Estado como para a região Nordeste, se perdeu em uma enchente que aconteceu na cidade do Recife (SILVA, 2004, p. 19). A pinacoteca encontra-se atualmente no prédio em frente ao número 150, da Rua Benfica, onde a escola passou a funcionar. A sua biblioteca, neste momento, foi removida, também para o Memorial Denis Bernardes, da Biblioteca Central, da UFPE, e encontra-se em processo de organização, como todo o conjunto documental da EBAP.

A EBAP teve papel relevante na formação artística pernambucana, além do legado que deixou para o Estado, contribuindo para uma vasta produção nas artes visuais, teatro e música. Sobre o acervo de artes visuais, houve duas importantes exposições em Pernambuco. A primeira em 2006, intitulada de *Acervo - Escola de Belas Artes Pernambuco 1932-2006*, organizada por meio de um projeto do Professor Dr. Fernando Lúcio<sup>3</sup>, que apresentou o acervo de pinturas e de esculturas da escola entre os anos de 1932 e 2006, na Galeria Capibaribe, do Centro de Artes e Comunicação da UFPE. A segunda exposição, organizada pela turma de Museologia da UFPE, aconteceu em fevereiro de 2013, no Instituto de Arte Contemporânea (IAC), do Centro Cultural Benfica, da UFPE, localizado no prédio onde passou a funcionar a EBAP, após a escola integrar a Universidade. A exposição *Belas Artes: uma história em Pernambuco* apresentou informações sobre a fundação da escola, seu funcionamento, período de fechamento e parte do mobiliário. Nesta ocasião, foram expostas

---

<sup>3</sup> Pintor, desenhista e Professor adjunto da disciplina Desenho, do Departamento de Teoria da Arte e Expressão Artística, do Centro de Artes e Comunicação da UFPE.

obras de artistas, que foram professores e ou alunos da EBAP, tais como:, Vicente do Rêgo Monteiro, Samico, Murillo La Greca, Teles Júnior, Baltazar da Câmara e Mário Nunes.

A pretensão desta pesquisa é construir um percurso de investigação com aporte na abordagem qualitativa, que segundo Oliveira (2008, p.37), é “um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para a compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação”. Ela nos diz ainda que “é importante conhecer o contexto histórico através da análise de documentos, seguindo-se de observações sistemáticas [...]”.

O recorte temporal justifica-se pelo fato de que este período demarca sua fundação, em 1932, e posterior reconhecimento, em 1946, pelo Ministério da Educação e Saúde, denominação atribuída ao órgão que regulava as instituições escolares na época. A relevância do período justifica-se ainda pelo fato de que a escola passou, neste momento, por um processo de estruturação, no sentido de se adequar às exigências do ensino oficial do país. Também em 1946, o aluno da EBAP e artista Abelardo da Hora, juntamente com Hélio Feijó e Ladjane Bandeira, fundam no Recife a Sociedade de Arte Moderna, propondo a ruptura com o sistema acadêmico de ensino das artes plásticas. Além disso, após este período de transição, ainda no ano de 1946, a EBAP perde a sua nomenclatura inicial, passando a ser denominada de Escola de Belas da Universidade do Recife e, mais adiante, de Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Pernambuco.

Quanto à maneira de executar a pesquisa, em sua abordagem qualitativa, é “preciso delimitar espaço e tempo ou, mais precisamente, faz-se necessário o *corte epistemológico* para a realização do estudo segundo um corte temporal-espacial (período, data e lugar)” OLIVEIRA (2008, p.39, grifo da autora).

A definição dos objetivos específicos aponta-nos para a pesquisa de natureza histórica, de caráter exploratório, bibliográfico e documental. A pretensão é consultar as fontes primárias, seguindo os seguintes procedimentos metodológicos: levantamento e identificação das fontes documentais (MINAYO, 2000) e análise de dados. A análise de conteúdo (BARDIN, 1977) possibilitará uma visão de como eram os métodos de ensino aplicados na EBAP, no período indicado. As fontes documentais também incluem os registros de eventos, *folders*, catálogos de exposições, pôsteres, atas de assinaturas, relatórios, ficha de matrícula dos alunos, projetos desenvolvidos, premiações e registros fotográficos do período citado. Usaremos também o apoio dos recursos de pesquisa na internet porque “facilita o acesso aos periódicos científicos, às bibliotecas virtuais, além de oferecer informações sobre os mais variados temas que queira estudar” (OLIVEIRA, 2008, p. 71).

Por estarmos diante de uma construção social e histórica e, em face ao conjunto de documentos investigados, desenvolvemos este trabalho de investigação pautado na análise de conteúdo, visto que...

...A AC trabalha tradicionalmente com materiais textuais escritos, mas procedimentos semelhante pode ser aplicado a imagens ou sons. Há dois tipos de textos: textos que são construídos no processo de pesquisa, tais como transcrições de entrevistas e protocolos de observação; e textos que já foram produzidos para outras finalidades quaisquer, como jornais ou memorandos de corporações. [...] Todos estes textos, contudo, podem ser manipulados para fornecer respostas às perguntas do pesquisador (BAUER, 2003, p.195).

Outra necessidade de investigação envolve o percurso histórico da EBAP, conhecendo sua fundação, estrutura física e as condicionantes de sua fundação, pela sua importância para o Ensino da Arte e para o Ensino Superior em Pernambuco.

A respeito da relevância de realizar pesquisas de caráter histórico, é possível afirmar que:

Partindo do princípio de que as atuais formas de vida social, as instituições e os costumes têm origem no passado, é importante pesquisar suas raízes para compreender sua natureza e função. Assim, o método histórico consiste em investigar acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar a sua influência na sociedade de hoje, pois as instituições alcançaram sua forma atual através de alterações de suas partes componentes, ao longo do tempo, influenciadas pelo contexto cultural particular de cada época. Seu estudo, para uma melhor compreensão do papel que atualmente desempenham na sociedade, deve remontar aos períodos de sua formação e de suas modificações (LAKATOS E MARCONI, 2008, p. 107).

A relevância de estudar os percursos do ensino da arte por meio das concepções e maneiras de ensinar o desenho na EBAP, pode nos fornecer elucidaciones dos caminhos percorridos para a formação artística no Estado de Pernambuco. Colabora, da mesma forma, para a escrita da História do Ensino da Arte em Pernambuco, ressaltando a relevância das suas mais renomadas instituições.

Percebe-se igualmente, que esta investigação possibilitará a vários outros estudos, que vão além de uma reflexão crítica acerca das concepções e práticas, tanto do Ensino do Desenho como do Ensino da Arte na contemporaneidade. No ano de 1946, era instituída a Escola de Belas Artes da Universidade do Recife e, em 1950, era oficializada a Universidade Federal de Pernambuco, visto que a área de Ciências Humanas não teria sido preenchida segundo as normas do Ministério da Educação, sem a contribuição da EBAP, agregando seus

cursos a UFPE. E por isto, este estudo ainda permite a outras pesquisas relacionadas ao Ensino Superior Público em Pernambuco, pautadas na implantação dos cursos da área artística, que deram origem ao Centro de Artes e Comunicação (CAC), da UFPE, desdobramento dos cursos que eram ofertados pela EBAP.

As fontes documentais utilizadas nesta pesquisa são em sua maioria do acervo oficial da EBAP. Este conjunto documental encontra-se, em parte, na Biblioteca Joaquim Cardozo, no Centro de Artes e Comunicação (CAC), da UFPE. São periódicos do Diretório Estudantil da escola; encadernação que traz uma coleção de *folders*, atas e fragmentos de jornais. Encontramos também quatro pesquisas: sendo uma monografia de especialização em Arte Educação intitulada *Escola de Bellas Artes de Pernambuco: Aspectos de Estudo Histórico*, de Marques (1988). Este estudo apresenta a EBAP, da sua fundação à integração a Universidade Federal de Pernambuco. Encontramos ainda duas dissertações de mestrado: *A escola de Belas Artes de Pernambuco: contribuições para a cultura pernambucana*, de Câmara (1984) e *A pedagogia da Escola de Belas Artes do Recife: um olhar a mais*, de Melo e Silva (1995). *Memórias de uma cruzada: sua criação e sua vida* é uma importante publicação de autoria de Galvão (1956), um dos mais importantes diretores e professor da EBAP.

As pesquisas realizadas nos arquivos sobre a EBAP, na Biblioteca Joaquim Cardozo do Centro de Artes e Comunicação (CAC) da UFPE, apontaram-nos a existência de toda a documentação oficial, salvaguardada na Biblioteca Central (BC), no Memorial Professor Denis Bernardes (MDB). Indicaram também a existência de fontes na Divisão de Extensão Cultural (DECA) e no Instituto de Arte Contemporânea (IAC), que se encontram localizadas no antigo prédio onde funcionou a escola. Realizamos pesquisas em jornais da época a partir de uma coletânea de recortes de jornais, organizados em formato de livros, sem autoria. A pretensão foi buscar pistas do cotidiano escolar e de eventos que eram noticiados acerca da EBAP, prezando pelo compartilhamento das atividades da escola nos meios de comunicação da época.

Na Biblioteca Central, no recém-inaugurado Memorial Professor Denis Bernardes<sup>4</sup> (MDB), encontra-se a maioria dos documentos oficiais da fundação da EBAP. Trata-se de um espaço que passou a abrigar arquivos em suportes físicos de interesse memorial, científico e acadêmico de Pernambuco.

---

<sup>4</sup> Professor que dedicou sua vida acadêmica à UFPE, onde iniciou a sua formação de historiador e foi professor desde 1975. Foi editor da Revista Estudos Universitários da UFPE, cargo que ocupou até seu falecimento em 1º de setembro de 2012.

O conjunto documental da EBAP está em processo de inventário, catalogação e organização arquivística. A cada documento que era-nos disponibilizado iam surgindo informações valiosas, ora pertinentes à pesquisa, ora que não se enquadravam nas buscas pelas respostas que empreendemos inicialmente. Este fato foi desfavorável no sentido da organização do tempo. Vale ressaltar ainda que, nos livros encadernados, nem sempre vem especificando as datas, e os títulos das encadernações, muitas vezes, não se referem ao conteúdo. E por este motivo, para o acesso ao acervo, uma vez que sou especialista em Arquivo e Patrimônio pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO), *campus* Recife, disponibilizei-me nesta tarefa. O acesso da sociedade acadêmica a estes documentos têm relevância, principalmente, para as pesquisas na história da Educação do Ensino Superior em Pernambuco.

A coleção dos livros do período de 1932 a aproximadamente 1970, localizados no acervo documental da EBAP, que se encontram guardados no MDB, constam documentos mais antigos, tais como: a ata da fundação da escola, de frequência dos alunos, livros de assinaturas, relatórios para o Ministério da Educação, entre outros. Estes tratam da rotina da escola, das reuniões do conselho escolar, de relatórios e demonstrativos de despesas. Podemos citar ainda: livro de matrícula; de inscrição de alunos livres; de termos de provas parciais e finais; de posse dos membros da diretoria e do pessoal administrativo; livro de posse, de licença e de ponto dos professores; livro de presença dos alunos; livro de atas da congregação; livro de atas das reuniões do conselho técnico-administrativo; de protocolo de saída de ofícios e documentos. Fazem parte ainda do conjunto documental as atividades didáticas registradas da fundação da EBAP até a sua incorporação ao Centro de Artes e Comunicação (CAC) da UFPE.

Para compreendermos a estrutura educacional da escola, necessita-se ir ao cerne de sua composição, A Escola Nacional de Belas Artes (ENBA), instituição modelo que deu origem a EBAP e as demais escolas fundadas em várias capitais do país. Sobre este tema, fizemos o levantamento de pesquisas em revistas, importantes sites como o portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Foram encontrados diversos periódicos, artigos, livros e atas de congresso, em sua maioria em Inglês e em Espanhol. Em outro importante *site*, do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), obtivemos uma centena de periódicos, artigos, alguns livros e resenhas, que versam sobre a Escola de Belas Artes (RJ), dentre outros recursos textuais que fazem referência a esta instituição. Em meio a estes estudos, localizamos apenas dez trazem referências diretas à ENBA, a antiga Academia Imperial de Belas Artes (AIBA).

Nas pesquisas em artigos, dissertações e teses sobre a ENBA, encontramos uma importante referência: os *Anais do Seminário EBA 180*, organizado por Gomes Pereira<sup>5</sup> (1996) e que gerou esta uma publicação.

Nas pesquisas realizadas pela internet localizamos o site do Comitê Brasileiro de História da Arte (CBHA)<sup>6</sup>, fundado em 1972, que apresenta disponíveis os anais dos Colóquios do Comitê Brasileiro de História da Arte entre os anos de 1991 aos anos de 2013, nele temos o registro de diversas pesquisas que abordam diretamente a EBA/UFRJ.

Sobre o tema Ensino do Desenho, no período em foco, foram encontrados no portal da CAPES diversos periódicos, artigos e livros, dentre outros recursos textuais que fazem referência a este tema.

No Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAV-ECA/UFRJ), encontramos entre as teses dos anos de 2004 aos anos de 2013, as pesquisas de Ivan Coelho de Sá (2004), *Academias de modelo vivo e bastidores da pintura acadêmica brasileira: a metodologia de ensino do desenho e da figura humana na matriz francesa e sua adaptação no Brasil do século XIX ao início do século XX*. O trabalho de Sá focou na técnica de ensino da pintura acadêmica brasileira do século XIX e das primeiras décadas do século XX, partindo-se de suas origens acadêmicas, as academias italianas renascentistas e maneiristas. No Brasil, a investigação se relacionou aos métodos de ensino do desenho e da figura humana, que culminou na análise temática, técnica e formal das academias de modelo vivo, métodos praticados na Academia Imperial, depois Escola Nacional de Belas Artes. A pesquisa da Prof.<sup>a</sup> Helena Cunha de Uzeda, *Ensino Acadêmico e Modernidade o Curso de Arquitetura da Escola Nacional de Belas Artes: 1890-1930*, que trata da investigação sobre o ensino de arquitetura da Escola Nacional de Belas Artes, no período que vai da instauração da República até a saída do escultor Correa Lima da direção, em 1930, quando começa a gestão moderna de Lúcio Costa.

O livro *Ensino do Desenho: do artífice/artista ao desenhista auto-expressivo* (2010), gerado da tese de doutorado, *MUDANÇAS NOS NOMES DA ARTE NA EDUCAÇÃO: qual infância? que ensino? quem é o bom sujeito docente?*, de Erinaldo Alves do Nascimento, exalta as mudanças ocorridas no processo educacional do Ensino do Desenho, abrangendo o

<sup>5</sup> Historiadora da arte, museóloga e professora da Escola de Belas Artes da UFRJ. A professora Sonia Gomes Pereira tem pesquisas sobre o ensino artístico no século XIX e início do XX e desenvolveu estudos sobre os conceitos de desenho, composição, estilo, tipologia e tradição, tendo como eixo a forma como estas categorias foram entendidas na Academia Imperial de Belas Artes, depois Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro.

<sup>6</sup> Este comitê é uma associação de professores e pesquisadores dedicados a estudos no campo da história da arte brasileira e internacional. Filiado ao *Comité International d'Histoire de l'art* (CIHA). <http://www.cbha.art.br/index.html>

artista, o desenhista auto-expressivo e a formação docente. Desta forma, esta pesquisa nos fornece importantes contribuições acerca da História do Ensino do Desenho no Brasil, da formação artística em consonância à formação do professor de arte.

A tese do professor Vicente Vitoriano Marques Carvalho<sup>7</sup>, intitulada *Newton Navarro Flâneur: um intelectual em direção à arte e à pedagogia*, publicada em 2003, tem como objeto de estudo um artista potiguar, aluno da EBAP nos anos de 1946, que fez um curso livre de pintura com o então professor e artista pernambucano Lula Cardoso Ayres. Este trabalho reforça a importância da EBAP no cenário artístico regional. Encontramos desta forma, a abrangência que o ensino artístico da instituição alcançou na formação artística do Nordeste.

Para compreendermos as abordagens pedagógicas que estavam presentes no contexto da EBAP, no período dos anos de 1932 aos anos de 1946, utilizamos a publicação *Memórias de uma Cruzada*, de autoria de um dos diretores da EBAP, o professor Joel Galvão (1956). Este livro trata do percurso histórico da escola, da sua fundação à federalização, a partir de um apanhado de documentos oficiais elaborado pelo próprio diretor no caminho ao reconhecimento e à equiparação às outras escolas, de nível superior do país. Resultam desta publicação três pesquisas, que se basearam em Galvão (1956) e enriquecem o conjunto de trabalhos sobre a EBAP localizados na Biblioteca Joaquim Cardoso do Centro de Artes e Comunicação. A monografia de Norma de Oliveira Marques (1988), *Escola de Bellas Artes de Pernambuco: aspectos de estudo histórico*, que além de nos apresentar a história da escola, trata das questões educacionais da instituição. A dissertação de mestrado em História, *A pedagogia da Escola de Belas Artes do Recife: um olhar a mais*, de Beatriz de Melo e Silva (1995), que também contribui no sentido de apresentar-nos o modelo de ensino da EBAP e suas bases estruturais. E finalmente, a investigação da ex-aluna e funcionária, Aurora Christina Dornellas Câmara (1984), *A escola de Belas Artes de Pernambuco: contribuições para a cultura pernambucana*, pesquisa de especialização, encontra-se no acervo de obras raras do CAC/UFPE, por conter importantes entrevistas com professores e ex-alunos da escola, relatando suas relações como a metodologia de ensino e suas relações interpessoais, desde seus ingressos na instituição.

Como contar a história da EBAP? Como nos reportar a uma época usando uma série de documentos e fatos, relacionando-os, ao contexto coletivo e individual do lugar e das pessoas que a viveram? Em quais fontes poderíamos nos orientar nesta caminhada da escrita da história da EBAP? Estas indagações percorreram toda a pesquisa. Quem melhor poderia

---

<sup>7</sup> Professor associado da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, mestre em Educação (UFRN) e doutor em Educação (UFRN).

nos guiar nesta caminhada da escrita da história? Nas nossas leituras, foram surgindo muitos protagonistas e fatos históricos e daí veio-nos a responsabilidade de construir nesta investigação os rumos e uma narrativa construída a partir de ações e experiências do cotidiano.

Neste sentido, nos amparamos nas contribuições de Michel de Certeau, em a *Escrita da História* (2006), e para discutir “as operações dos usuários, supostamente entregues à passividade e à disciplina” utilizaremos a *Invenção do Cotidiano* (2014), ainda de Certeau. Para as questões relativas às inter-relações humanas e suas condicionantes, nos apropriaremos de *O processo civilizador* (2011) e *A sociedade dos indivíduos* (1994), de Norbert Elias. Estes teóricos nos auxiliaram nesta tarefa, dentre outros enunciados anteriormente.

Esta pesquisa está estruturada em três capítulos. No primeiro, apresentaremos a Escola de Belas Artes de Pernambuco, com suas matrizes históricas e institucionais. A fundação da O histórico da EBAP, a visão artística da escola e suas relações institucionais, os seus vínculos com a Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) do Rio de Janeiro. Apresentaremos os fundadores, os artistas/docentes da EBAP. Além trazermos a formação da classe artística da região Nordeste, especificamente de Pernambuco, os movimentos artísticos que influenciadas pela instituição.

No capítulo seguinte, abordaremos as concepções educacionais da EBAP, pela importância de se situar no panorama educacional como era a visão educacional que a escola estabeleceu para o ensino artístico. Como as concepções educacionais adotadas pela escola se comportaram as portas do movimento modernista. A rotina das atividades, as exposições e viagens culturais A rotina de atividades culturais na EBAP. A postura dos professores e alunos diante das metodologias empregadas no cotidiano escolar.

No terceiro e último capítulo, apresentaremos como se deu o Ensino do Desenho na EBAP. Os objetivos e a legislação que regia a escola. Os critérios de ingresso e a matrícula nos cursos que ofertavam a disciplina de Desenho Artístico. E como se dava a prática de ensino do desenho na organização dos cursos e no currículo escolar. Concluindo, quem eram os alunos e quem eram os docentes que lecionavam a disciplina Desenho nos cursos artísticos e o perfil destes indivíduos.



**A Escola de Belas Artes de Pernambuco - matrizes históricas e institucionais**

A Escola de Belas Artes de Pernambuco, extinta no ano de 1970, fechou um ciclo, quando foi criada a UFPE, de tal modo que deu início a uma etapa importante para o ensino da arte no Estado. Esta instituição influenciou, de sobremaneira, a formação artística e cultural no Nordeste do Brasil. Com o objetivo de conhecermos as concepções e maneiras do ensino do desenho instituídas na EBAP, apresentaremos o percurso histórico desta instituição fundada em 1932, por um grupo de intelectuais que ansiavam por uma escola de ensino artístico em Pernambuco. Conheceremos as suas matrizes históricas e institucionais, as bases que deram origem a sua estruturação, da sua fundação à federalização, a oficialização dos seus cursos e a sistemática da sua integração a Universidades Federal de Pernambuco.

Para tal, exibiremos o processo de sua idealização e implantação pelos professores fundadores, a sua regulamentação, oficialização e estruturação dos cursos, seguindo, inicialmente, as orientações da Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) do Rio de Janeiro. A antiga Escola de Belas Artes que foi trazida pela Missão Artística Francesa ao Brasil, em 1816.

As dificuldades enfrentadas pela EBAP, no decorrer do período de 1932 a 1946, não foram poucas. E por isto, os professores fundadores organizaram-se em comissões para que fossem cumpridas, com êxito, as metas de abertura da escola à sociedade. O intuito era um chamado aos jovens que desejavam desenvolver suas habilidades artísticas, todavia não ficou apenas por aí. Da mesma forma, apresentaremos aqui a visão artística da EBAP, visto que, esta recai no Ensino do Desenho ministrado na instituição. Além do que, concomitantemente, favoreceu para a formação da classe artística da região.

### **1.1 Percurso histórico da Escola de Belas Artes de Pernambuco**

Esta não foi a primeira e nem as únicas iniciativas com o objetivo de empreender uma escola de natureza artística em Pernambuco. Surgiu em 1657, a semente das artes plásticas em Pernambuco, com a vinda de Nassau e sua comitiva de artistas e intelectuais para o Estado. Mais uma ação com este propósito foi a do arquiteto e engenheiro-civil mineiro, Herculano Ramos<sup>8</sup>, que em 1888, “ofereceu à Província de Pernambuco em projeto completo para a

---

<sup>8</sup> (26.03.1854 MG - 17.01.1928 MG) cursou Arquitetura na AIBA. Residiu e trabalhou em Recife, Natal, Paraíba, Ceará e Pará, onde fez diversas construções, entre outras os teatros de Natal e Fortaleza. Disponível em: <<http://mediocridade-plural.blogspot.com.br/2011/07/cultura-no-rio-grande-do-norte-rico.html>>. Acesso em: 03 de novembro de 2014.

formação de uma *Escola Especial de Arquitetura* em Pernambuco, onde não faltava coisa alguma, desde a seriação até a parte construtiva do prédio, e que, infelizmente, não se positivou” (GALVÃO, 1956, p.5).

Outro projeto, registrado por Rodrigues (p. 127, 2008) afirma que “em reportagem do *Jornal Pequeno*, o pintor paisagista Telles Junior sonhava com uma Escola de Belas Artes no Recife onde se administrasse o ensino acadêmico das Artes Plásticas”, análogo ao da ENBA do Rio de Janeiro, a então capital federal.

Algumas questões nortearam a oficialização de uma escola artística nos moldes da ENBA do Rio de Janeiro. Quais os embates que seriam enfrentados ao se lançar a perspectiva de uma escola nos moldes de uma instituição tradicional, existente há quase um século? Havia uma intencionalidade específica com a criação da EBAP? Quais os enfrentamentos do grupo que organizou a criação da escola em Pernambuco? Como a escola foi recebida pelos artistas renomados de Pernambuco, que naquela ocasião estavam organizados em coletivos e associações artísticas no momento de sua implantação?

Enfim, a tarefa da implantação da EBAP não foi fácil e nem rápida. Após a decisão da sua implantação, levou-se quase um ano para a sua inauguração. Sob a liderança de Jayme de Oliveira, Bibiano Silva, Baltazar da Câmara e Mario Nunes, o grupo organizou-se em comissões, denominadas de Comitê Pró Escola de Belas Artes. Este grupo se reunia regularmente para discutir os rumos e os procedimentos de como estabelecer uma escola que viesse a atender as necessidades da formação artística no Estado de Pernambuco. Pela força e vontade destes importantes intelectuais e artistas pernambucanos, em 1932, criaram oficialmente a Escola de Belas de Pernambuco, que mudaria os rumos da produção artística do Estado de Pernambuco e suas adjacências.

Joel Galvão (1956, p. 6) afirma que o Liceu de Artes e ofícios também foi um precursor do movimento artístico na região por contribuir para a idealização de uma escola artística. Galvão defendia, em suma, que a existência de uma pinacoteca com respaldo institucional indicaria um interesse pelos poderes públicos.

Na ata de fundação da escola (em anexo), em 29 de março de 1932, redigida por Jayme Oliveira, o então diretor, o escultor Bibiano Silva reforça as tentativas anteriores de fundação de uma escola de arte em Pernambuco, “[...] quando orientando os trabalhos, o senhor Bibiano Silva teve palavras de carinho e reverências por outras tentativas, embora fracassassem, no sentido de uma fundação, de um Estabelecimento desse gênero em Pernambuco”.

No artigo publicado no *Jornal do Commercio*<sup>9</sup> (1949), intitulado “Como se faz a Escola de Belas-Artes de Pernambuco”, percebemos como foi, a partir da vontade deste grupo, a necessidade e a mobilização eminente de se estabelecer uma escola de cunho artístico em Pernambuco. Neste artigo, o artista Baltazar da Câmara registra as conversas do grupo que criou a mencionada escola e como se organizou o movimento Pró-escola, que vale o esforço de transcrevermos na íntegra:

No ano de 1932, lá pelo mês de março, tivemos um dia a visita em nosso atelier de Jayme de Oliveira e de Bibiano Silva. Nessa época, a nossa tenda de trabalho era nos altos do prédio da Farmácia Simões Barbosa.

Os dois artistas, um arquiteto e o outro escultor, não tinham, por hábito, visitar-nos, causando-nos por isso tanta surpresa a sua presença, que lhes ponderei não haver festa em nosso atelier...

Jayme, sonhador – perseverante, confiante no seu lema: “querer é poder”, retrucou:

– “A nossa visita é coisa mais interessante que festa”

Álvaro Amorim voltando-se para ele e colocando o monóculo no canto do olho esquerdo ficara impaciente por saber aquela “cousa tão interessante” e Mário Nunes, dando um longo suspiro disse:

– “Senta-te Jayme: Bibiano toma esta cadeira”

Sentâmo-nos todos ansiosos por ouvir o arquiteto! Jayme teve a palavra:

– “Vimo-nos reunir-nos a vocês, para que melhor possamos trabalhar pela criação da Escola de Belas Artes de Pernambuco.”.

Entreolhávamos!

Álvaro reajustou, com nervosismo, o monóculo no canto do olho, eu fiquei a olhar os dois temerários sonhadores, que não haviam, certamente, pensado na extensão da responsabilidade do que acabavam de dizer, pela palavra firme e resoluta do Jayme de Oliveira. Mário Nunes baixara a cabeça, olhando, vagamente para um canto do atelier, como que pensando as palavras do arquiteto.

– “O Norte precisa de uma Escola de Belas Artes e esta terá existência em Pernambuco” – disse Bibiano.

– “A ideia é magnífica” – ajuntou o Álvaro.

– “Com que recursos fundaremos uma Escola de Belas Artes? – indagou Mário Nunes.

– “Com recursos da vontade, da perseverança, do valor do querer e da audácia. Em qualquer parte instalaremos a Escola. Ela precisa nascer para ter existência. Não é somente do pão que vive o homem: o espírito precisa dêsse alimento transcendente que á arte” – assim falou Bibiano.

E de nada mais se tratou nessa tarde, pelo adeantado da hora, visto que Bibiano, respondendo àquela interrogação do Mário, consumiu cerca de três horas!

Essa reunião foi movimentadíssima! Todos a postos no dia e na hora convencionados: Bibiano Silva, Jayme de Oliveira, Henrique Moser, Mário Nunes, Álvaro Amorim, Heitor Maia Filho, Murilo La Greca, Adalberto Marroquim, Fédora Monteiro, que se fez representar: Luiz Franzozzi, Luiz Mateus Ferreira, José Maria, Henrique Eliot, Abelardo Gama, João Alfredo

<sup>9</sup> Baltazar da Câmara, *Jornal do Commercio*, “Como se faz a Escola de Belas-Artes de Pernambuco”. Recife, 18/12/1949.

não compareceu, por estar preocupado com a estética da “fachada” de um cliente que desejou remoçar e aformosear-se, mas se fez representar. E outros, inclusive o narrador desta história.

Jayme tomou a palavra, explicando os primeiros passos que deveriam dar, para a instalação da Escola, pois esta ficara [...] na reunião anterior.

Precisamos esclarecer que devido à agitação e calor das discussões, nunca foi lembrada a lavratura de uma ata, em nenhuma das reuniões.

Bibiano pediu a palavra. Era Jayme o presidente.

Acabou toda vozeria, como por encanto. Mário Nunes deu um longo e profundo suspiro Bibiano ia falar.

– “Meus grandes amigos e irmãos em arte e espírito disse Bibiano, vamos construir o sagrado templo das Belas Artes...”

Álvaro quis aoartear, mas Jayme levantou a mão, em sinal de silêncio.

– “Os nossos arquitetos, continuo Bibiano, projetarão esse templo, que será majestoso sublime, harmonizando, num feliz conjunto, as cinco ordens das arquiteturas grega e romana...”

Ia irromper um movimento de apartes, mas, Jayme levantou os braços pedindo silêncio:

Bibiano continuou:

– “O gênio do artista manifesta-se através das arrojadas iniciativas: é centelha do belo, do sublime, a serviço da grandeza majestosa das artes...”

E... ninguém mais falara, porque, quando Bibiano terminou com o clássico remate – “tenho dito” – eram três horas da madrugada!

Dias depois, Jayme e Bibiano estiveram conosco.

– “Devemos espalhar-nos. Não adianta estar juntos – disse Jayme, Bibiano modificou sua idéia de construirmos o prédio da Escola. Lembrou-se de que o nosso capital, que é coragem, não chega para um idealismo além das “fronteiras” daquilo que devemos realizar.”

“Encontramos uma casa, na Madalena, em que com pequena adaptação, poderemos instalar a nossa Escola.”

– “Quanto ao aluguel?” – indagou o Álvaro.

– “Quinhentos mil réis” – respondeu Jayme.

Álvaro tirou o monóculo, limpou-o com inquietação e reajustou-o no canto do olho, indagando impaciente:

– “Como poderemos pagar o aluguel dessa casa?!...”

– “Não devemos preocupar-nos com isto agora, somente depois de trinta dias e, até lá, muito teremos que fazer” – explicou, fleugmáticamente, o Bibiano.

– “Até lá teremos muito que pensar e realizar” – ajuntou o Jayme: vamos pedir, assaltar, mesmo, as repartições públicas, as casas particulares, onde encontraremos o que seja útil à nossa Escola” concluiu aquele arquiteto.

E assim, foi. Cavaletes, pranchetas, armários, estantes, cadeiras, tudo considerado imprestável, era prestável para nós.

Os governantes estadual e municipal, de então, tiveram muito trabalho conosco: não os deixávamos descansarem. Onde encontrávamos um “imprestável” batíamos, logo a porta do chefe do executivo estadual ou municipal.

Com Jayme de Oliveira e Bibiano Silva à frente, fizemos verdadeiros milagres. A Colheita foi penosa, mas proveitosa.

Snr. José de Barros, hábil marceneiro, hoje, zeloso bedel da Escola, foi incansável na restauração dos “imprestáveis”.

Obtivemos dádivas em dinheiro: entre elas, devemos ressaltar do construtor Crispim Velhote [...] (grifo do autor).

No diálogo exposto, observa-se a mobilização empreendida, nas reuniões que se sucederam, no sentido de instalar uma escola de artes no Recife. Perante as conversas que adentrava a madrugada, entre os atores deste acontecimento, levam-nos a crer nas diversas barreiras que este grupo enfrentou diante o tamanho do empreendimento que estava por vir. Até mesmo o desejo de se projetar o edifício onde funcionaria a escola com curso de Arquitetura foi abandonado diante das dificuldades financeiras. O fato não era simplesmente fundar uma escola de arte, mas uma instituição com respaldo da sociedade e da classe artística. A questão arquitetônica está diretamente ligada à visibilidade que a escola gostaria de expor á sociedade pernambucana. Seria fácil ou não implantar uma escola de formação artística, numa região onde tínhamos Telles Junior como referência nacional, entre outros nomes das artes, em Pernambuco? No diálogo acima, também vemos como se organizaram as frentes de trabalho, em comissões, tanto para dar suporte, como também para a estruturação física da escola.

As palavras proferidas neste diálogo por Bibiano Silva, “o Norte precisa de uma Escola de Belas Artes e esta terá existência em Pernambuco”, a explanação do escultor deixa transparecer uma lacuna que a região Nordeste viveu no cenário artístico e cultural, em relação às outras regiões, além de apresentar uma perspectiva de divisão Norte e Sul do Brasil. Concomitantemente, o termo Norte era muito utilizado para nomear a região Nordeste neste período. Isso ocorria porque esse termo aparece apenas no final da primeira década do século XX, “[...] antes que a significativa chamada Nordeste se constituísse perante nossos olhos, foi necessário que inúmeras práticas e discursos “nordestinizadores” (grifo do autor) aflorassem[...]” (ALBUQUERQUE JR., 2001, p.65).

Uma escola artística na região, pensavam os intelectuais do grupo fundador da EBAP, traria um sentido de desenvolvimento ao Nordeste? Na análise de Elias (2011), o conceito de civilização pode estar ligado a desenvolvimento, dentre outras várias possibilidades de interpretação. Para este autor, “o conceito de “civilização” refere-se a uma grande variedade de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às idéias religiosas e aos costumes”. E ainda, conforme Elias:

Até certo ponto, o conceito de civilização minimiza as diferenças nacionais entre os povos: enfatiza o que é comum a todos os seres humanos ou – na opinião dos que o possuem – deveria sê-lo. Manifesta a autoconfiança de povos cujas fronteiras nacionais e identidade nacional foram tão plenamente estabelecidas, desde séculos, que deixaram de ser tema de qualquer discussão, povos que há muito se expandiram fora de suas fronteiras e colonizaram terras muito além delas (ELIAS, 2011, p. 24).

Posto que, compreendendo-se que a classe artística tinha este entendimento de ensejo para o ‘avanço’ das artes visuais, não foi difícil unir forças para o movimento em prol da EBAP, que era formado por intelectuais que tinham um interesse especial pela arte. Eram artistas e intelectuais que estavam atuando no cenário artístico de Pernambuco. Do grupo do Movimento Pró-escola até a institucionalização da EBAP, os integrantes que permaneceram foram os seguintes: Murillo La Greca, Joel Galvão, Henrique Eliot, Mário Nunes, Bibiano Silva, Euclides Fonseca, Baltazar da Câmara, Henrique Moser, Fédora Fernandes, Heitor Maia Filho. De acordo com o livro *Ata da Congregação da EBA de Pernambuco dos anos de 1932/1940*, na segunda reunião do *Comitê Pró Escola de Bellas Artes*, as comissões foram organizadas da seguinte forma: comissão para aluguel do prédio; comissão para elaborar o regulamento da escola; comissão de divulgação na imprensa; comissão para aquisição do mobiliário; e comissão para angariar doações para a EBAP. Todas as ações dos fundadores, nas reuniões do comitê eram decididas em reuniões e eram registradas neste livro, com a assinatura dos presentes. Logo após a fundação da escola, este comitê denominou-se de congregação.

Vale frisar a presença da artista Fédora Fernandes Monteiro, única mulher a integrar este grupo iniciando uma ruptura com um modelo hegemônico, patriarcal e tradicionalista de acesso à arte. A Escola era um chamado aos jovens, na visão dos integrantes deste grupo, com vocação para as artes plásticas, que não tinham no Recife um centro regular de ensino com este propósito. La Greca defendeu a iniciativa em longa entrevista ao *Diário da Manhã*, dizendo que “a Escola não é um freio aos talentos ou tendências dos jovens: é apenas um meio de prepará-los, de iniciá-los na carreira artística, naquilo que ela tem de geral e imutável, que é, em suma, a expressão universal”<sup>10</sup>.

A EBAP foi inaugurada extra oficialmente, funcionando apenas internamente e ainda não aberta para o ingresso dos alunos, em 29 de março de 1932. Entretanto, a solenidade oficial de abertura da instituição à sociedade ocorreu em 20 de agosto de 1932. Apenas em 16 de dezembro de 1932, obteve inscrição jurídica, sob o nº 33076, de seu regulamento, publicado no *Diário do Estado* de 14 de dezembro de 1932, no livro A, nº 2, de registro de pessoas jurídicas, no 1º Cartório de Registro de Títulos e Documentos Particulares da Capital do Estado de Pernambuco.

Outra iniciativa do grupo fundador foi a mobilização da imprensa local, com a intenção de veicular várias propagandas nesse sentido, conforme se verifica pelos diversos

---

<sup>10</sup> “Escola de Belas Artes de Pernambuco”, reportagem do “*Diário da Manhã*”, Recife/PE, 1932.

recortes de jornais colecionados em livro encontrado no arquivo da escola. Observa-se que a imprensa local teve papel relevante, contribuindo para a fundação e estabelecimento da escola em Pernambuco. Pode-se deduzir, quanto a este fato, as boas relações que seus fundadores mantinham com a imprensa local. Eram intelectuais que pertenciam às diversas áreas e segmentos profissionais, além da articulação política e social que teriam que desempenhar daí por diante.

Diversos jornais locais noticiaram a inauguração da EBAP, como podemos observar pelos fragmentos de alguns jornais da época. Revelam uma parceria importante no sentido de difundir a escola e seus propósitos de persuadir a população quanto à necessidade de uma instituição deste gênero na região.



Imagem 1 Ampla divulgação da inauguração da EBAP, pelos principais jornais da época. Fonte: MDB-BC/UFRPE.

# Inaugura-se, hoje, oficialmente a Escola de Bellas Artes de Pernambuco

## A harmonia da inauguração será presidida pelo interventor Lima Cavalcanti

Em 20 de outubro de 1931, o Diário da Manhã, numa entrevista que o architecto Jayme Oliveira lhe concedeu sobre a Casa do Estudante Po-



Architecto Jayme Oliveira

bre, relembrou a necessidade de que Pernambuco se ressentia como um dos grandes centros de progresso do país, pela ausencia de um instituto de ensino artistico com que pudessemos assegurar, entre nós, a evolução dos diversos ramos da instrução mais um factor material de intensidade.

Daquella data em diante foi o proprio architecto Jayme Oliveira quem, ao lado de outros artistas dedicados, iniciou uma campanha ininterrupta e abnegada em favor da realização da idea, anteriormente fracassada varias vezes.

Mezês depois se esboçava nítidamente o exito da iniciativa comprehendida sob os auspícios da melhor acolhida publica e dos esforços de um grupo de propugnadores do alevantamento cultural de Pernambuco.

Já a Escola de Bellas Artes era, então, um empreendimento victorioso, apoiado pela im-

prensa que lhe proporcionava os melhores estímulos.

Solicitado e apoiado do governo revolucionario do Estado, o sr. Interventor Lima Cavalcanti teve ensejo de manifestar, mais uma vez, os seus patrióticos propositos de facilitar a consecução de todas as realizações que importem em beneficio para a collectividade. E a Escola de Bellas Artes lhe mereceu o mais franco acolhimento, como instituição que é de grande proveito para a vida social de Pernambuco.

Inaugurando-se hoje, oficialmente, o novel estabelecimento de ensino artistico, preenche-se uma grande lacuna que já não se justificava no nosso quadro de instrução superior, cujo nivel de desenvolvimento se tem mantido

que assistir a sua instalação definitiva, em condições que lhe asseguram um futuro de



Escultor Bibiano Silva

grande actuação em favor do nosso progresso social.

A inauguração da Escola de Bellas Artes de Pernambuco terá lugar, ás 20.30. O acto terá solennidade e será presidido pelo interventor Lima Cavalcanti, a convite da directoria.

Com a presença de familias, alumnos, professores das escolas superiores do Recife, autoridades, director da Educação e representantes da imprensa, terá inicio a solennidade.

O escultor Bibiano Silva, director da Escola, dará a palavra ao professor Adalberto Marroquim que discursará dando a Escola por inaugurada. Em seguida falará o alum-

no Gaston Manguinho, pelo corpo discente.

Após o acto inaugural será servida champagne, seguindo-se uma visita ás diversas dependencias da Escola.

Os convidados e as autoridades serão recebidos á entrada pela directoria do novel instituto de ensino.

A Escola de Bellas Artes acha-se installada num amplo edificio á rua do Bemfica. Manterá tres cursos especiaes: architectura, pintura e escultura. Alem desses cursos que conferem diplomas aos alumnos, funcclonam varias cadeiras livres.

A directoria é composta do escultor Bibiano Silva, director; architecto Heitor Mala



Sr. Emilio Fransozzi, professor da Escola de Bellas Artes e um dos mais esforçados propugnadores da sua fundação

Filho, vice-director; architecto Luiz Matheus Ferreira, thesoureiro; architecto Jayme Oliveira, secretario.



Architecto Heitor Mala Filho

numa ascendencia historicamente brilhante. Quantos concorreram para a fundação da Escola de Bellas Artes, não poderiam obter mais justa retribuição dos seus esforços do



O EDIFICIO DA ESCOLA DE BELLAS ARTES

DIÁRIO DA TARDE DO ANO DE 1932 - 20 - 8 - 1932

Imagem 3 - Inaugura-se hoje oficialmente a Escola de Belas Artes de Pernambuco. Diário da Tarde. Recife, 20 de agosto de 1932.

PAGINA III

## ESCOLA DE BELLAS ARTES DE PERNAMBUCO

### A inauguração official, sabbado proximo, desse novo estabelecimento de ensino especializado

**R**EALISAR-SE-Á, sabbado proximo, com sollemnidade, a inauguração da Escola de Bellas Artes de Pernambuco. Iniciativa que soube conquistar a sympathia do nosso povo e mereceu o apoio dos governos do Estado e do municipio, que lhe prestaram o seu valeroso concurso,

so predio da rua Bemfica, na Magdalena, a Escola que vae iniciar, sabbado proximo e seu movimento em favor do ensino tecnico profissional, conta ainda com a colaboração efficiente de um professorado capaz de realizar plenamente a grande finalidade que constitue o programma do novo estabelecimento de ensino pernambucano.

A inauguração official tera lugar sabbado vindouro e tera caracter solemne. Para esse fim, a direcção da Escola já expediu convites ás autoridades federaes, estaduais e municipais, devendo comparecer ao acto o sr. interventor federal e o Prefeito da cidade. Os alumnos matriculados, bem como todos os professores e representantes da imprensa, estaraõ presentes á sollemnidade que terá inicio ás 15 1/2 horas.

E' o seguinte o corpo docente da Escola de Bellas Arts.

Bachareis Adalberto Marroquim, José Maria de Albuquerque Mello, Luis Cedro, Barreto Campello, Ger. vasio Fioravanti, Mario Mello;

Medicos: João Alfredo e Geraldo de Andrade;

Engenheiros civis: Domingos Ferreira, Jayme de Lima Brandao, Newton Maia, Nestor Moreira Reis, Carlos Simon, Manoel Caetano Filho e Joel Galvão;

Architectos: Luis Matheus Ferreira, Giacomo Palumbo, Nelson Navares, Heitor Maia Filho, Georges Munier, Abelardo Gama e Jayme Oliveira;

Pintores: Mario Nunes, Balthazar da Camara, Alvaro Amorim, Fedora Monteseiro Fernandes, Avelino Pereira, Murillo La Greca, Henrique Elliot, Heinrich Moser;

Gravador: Emilio Franzosi;

Esculptor: Bibiano Silva,

Professores: Frei Mathias Teves, maestro Manoel Augusto.

Hoje pela manhã esteve na redacção deste jornal o architecto Jayme Oliveira, secretario da Escola, o qual nos veio convidar para assistirmos á sollemnidade de sabbado e nos representar na visita que a imprensa fará, amanhã, ás installações d'aquele estabelecimento de ensino.



**Esculptor Bibiano Silva, diretor da Escola de Bellas Artes de Pernambuco**

a fundação da nossa Escola de Bellas Artes, representa o esforço de um grupo de artistas do nosso meio. Entre elles convem destacar o escultor Bibiano Silva, o architecto Jayme Oliveira, os pintores Murillo La Greca, Balthazar da Camara, Mario Nunes e Henrique Elliot, incansaveis como se demonstraram em todas as phases que precederam á objectivação do seu ideal numa bella e patriótica realidade.

Installada num magnifico e luxuo-

Imagem 3 No recorte, a ampla divulgação da inauguração da EBAP, pelos principais jornais da época. Com destaque para o artista, o escultor Bibiano Silva. Fonte: MDB-BC/UFRPE.

A divulgação da EBAP foi tão amplamente empreendida que a escola recebeu vários visitantes, nos seus primeiros anos de funcionamento. O livro *Impressões* traz um o importante registro da passagem da artista Georgina Albuquerque pelo advento de inauguração da EBAP. A artista paulista expressa sua admiração por Murillo La Greca e o parabeniza pela inauguração da EBAP, como podemos observar no texto abaixo:

Murilo LaGreca, espírito de artista num corpo de bondade, deus nos o alto gozo espiritual de conhecer a Escola de Belas Artes, obra sua, sua filha e sua amada. Do que tem sido a serie quase sobrehumana de esforços precisos de superar, di-lo eloquentemente a realização de todo o dia, nesta casa.

Acrescenta-se o auxilio dos mais professores, e ter-se-a a prova de que a Escola é o resultado de um grande esforço digno de aplausos, pela forma com que é realizada e pela incondicionalidade em que se finaliza. Palmas a quantos cooperam nesta obra a todos os títulos dispor de incentivo para gloria do Estado e do País. Recife, 19-02- 1934. Livro Impressões s/d.

A finalidade da EBAP, segundo Relatório de Inspeção Federal do ano de 1938<sup>11</sup>, era desenvolver o ensino das belas artes e suas aplicações, mantendo um curso de Arquitetura e um curso de Pintura, Escultura e Gravura, de acordo com o regimento da escola.

A EBAP foi considerada de utilidade pública pelo Decreto Estadual nº 165, de 22 de dezembro de 1932. Teve o apoio do Governo Estadual e Municipal, com incentivos e isenção de impostos estaduais, pelo ato nº 224, de 18 de fevereiro de 1938 e de impostos municipais. A escola contou com uma redução no pagamento de água, de acordo com o decreto estadual nº 382, de 21 de março de 1935. A Lei Estadual de nº 204, de três de dezembro de 1936, autorizou o governador do Estado a constituir um patrimônio em favor da EBAP, representado por apólices da dívida pública do Estado, no valor de 200;000\$ (duzentos contos de reis).

Na reportagem do Jornal Pequeno, de 22 de agosto de 1932, com o título, “A Inauguração da Escola de Belas Artes”, Gaston Manguinho, orador oficial da solenidade, afirma “é como que e reminiscência do Circuito de Bellas Artes, infelizmente anulado pelo egoísmo e questões subalternas. A realidade de hoje é uma victoria para este espírito de batalhador - Bibiano Silva - sempre na vanguarda pró-Arte”. Também podemos visualizar, na mesma reportagem, a participação da sociedade no evento de inauguração, numa demonstração inequívoca de apoio à existência da escola em Pernambuco: “A solenidade da inauguração revestiu-se de brilho estando presentes as figuras mais representativas do governo, da sociedade e alumnos (grifos do autor)”.

Observando a imagem da edificação, na fachada do imóvel (Imagem 4), de estilo eclético, deixa evidente a beleza do casarão dos Amorim, onde funcionou a EBAP. Foi adquirido, inicialmente, por aluguel, no dia 22 de julho de 1932. O solar dos Amorim localizava-se na Rua Benfica. Foi comprado definitivamente em 22 de outubro de 1937, pela importância de 120:000\$ (cento e vinte mil contos de réis). Entretanto, a Diretoria de Obras Públicas do Estado o avaliou, no mesmo ano, em 200:000\$ (duzentos mil contos de réis).

---

<sup>11</sup> elaborado pelo inspetor José Campelo, designado para a avaliação da escola pelo Ministério da Educação.

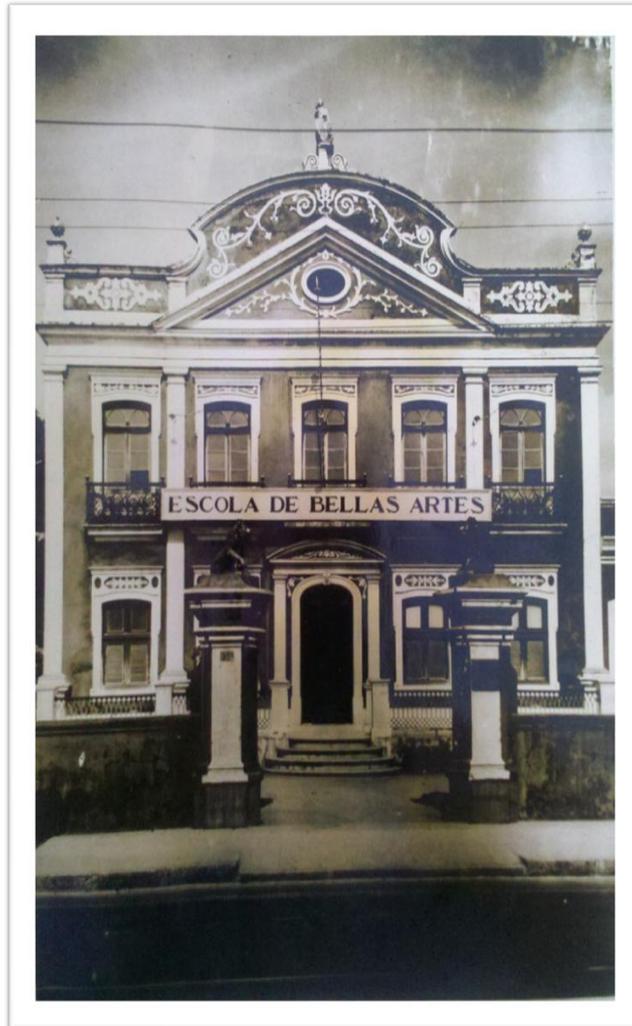


Imagem 4 - Fachada da EBAP. Fonte: Livro Memórias da EBAP. Acervo do Memorial Denis Bernardes – Biblioteca Central/UFPPE.

Mediante contrato firmado na Secretaria do Interior, a 05 de janeiro do ano de 1938, o governo cedeu à EBAP, pagando o prédio. O imóvel que contava com 50 anos de existência, tinha uma área total de 2.700m<sup>2</sup>, com dois pavimentos e um sótão. Ficava numa rua residencial que possuía linhas de bondes. A partir da visualização da fachada lateral, podemos perceber a imponência da edificação, que ficava próxima às margens do Rio Capibaribe.

O solar está localizado num dos mais nobres bairros do Recife, na Madalena. A respeito da localização Costa (1947) afirma: “[...] bem no coração do Benfica, um bairro melancólico como, de resto, são todos os bairros ricos do Recife. Tudo, em volta, é quieto e pesado como se o próprio ar que circulasse por ali fosse de moléculas de chumbo...”. A propósito do casarão, Costa assim o descreve na coluna *A Noite Ilustrada*:

O grande solar, pintado de vermelho, guarda todos os traços do estilo colonial. Peças acachapadas. Pendem do teto lustres de cristal despolido, cujos pingentes se entrechocam ao vento, produzindo uma musicazinha

insignificante, mas evocativa, que se escuta quase deitado, porque assim o obriga o lastro grande demais de uma velha mobília que está tão bem ali como num museu de obras clássicas de carpintaria. E, pelas paredes, quadros de alunos que passaram e que, dali, saíram ou para a imortalidade ou, prosaicamente, para a morte: um vigoroso nu, a “fusain”, de Baltazar da Câmara; uma natureza morta, de Carlos Amorim; uma paisagem bucólica de um pintor cujo nome, até hoje, não chegou a despertar maiores atenções e, ainda pelo largo corredor, de onde se vê, ao fundo, o jardim ralo de relva mas meigamente colorido, estatuetas e bustos de gesso, por entre os quais permanece o indefectível quadro de lembretes do Diretório (COSTA, 1947)

Não é difícil imaginarmos tal descrição quando o olhar percorre a imagem abaixo. São paredes, portas, janelas e objetos de um espaço carregado das histórias das práticas cotidianas que coexistiram nele. De acordo com Certeau, o espaço é um lugar praticado, e assim...

...Os lugares são histórias fragmentadas e isoladas em si, dos passados roubados à legibilidade por outro, tempos empilhados que podem se desdobrar mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo (CERTEAU, 2014, p.175-176).



Imagem 5 - Vista lateral da EBAP. Fonte: Livro Memórias da EBAP. Acervo do Memorial Denis Bernardes – Biblioteca Central/UFPE.

No pavimento térreo do prédio da escola, localizava-se a diretoria, a secretaria, o arquivo, o ateliê da disciplina de Modelagem, de Perspectiva, de Arquitetura Analítica, o ateliê da disciplina de Desenho Figurado, de Arte Decorativa e Pintura e o ateliê da disciplina de Escultura. No segundo pavimento, encontravam-se a sala dos professores, um salão de conferência e reuniões, a biblioteca, a sala da disciplina de Materiais de Construção, o ateliê da disciplina de Natureza Morta e duas salas para aulas teóricas.

Na sala de conferência, funcionavam os cursos de extensão universitária. O “Liceu Industrial” fabricou os móveis para esta sala.



Imagem 6 - Vista lateral da EBAP. Fonte: Livro Memórias da EBAP. Acervo do Memorial Denis Bernardes – Biblioteca Central/UFPE.

Veem-se, a partir da fachada do edifício, as características predominantes do neoclássico. Outra caracterização do estilo arquitetônico do prédio é assim descrita por Melo e Silva (1995, p. 123-126):

Construída em alvenaria, o edifício suporta dois pavimentos, um sótão e a cobertura. Possui colunas dóricas, mas sem conservar o rigor das proporções,

são mais elegantes e longilíneas que as da ordem. Na fachada nordeste aparecem duas colunas, na sudeste 4, tendo ainda colunatas no pórtico, e que definem a composição. Na fachada há materiais nobres, como o mármore de Lioz. Como todo edifício característico do neoclássico, não apresenta beiral à vista. O telhado, de duas águas, é coberto por platibandas de almofadas decoradas, com estilóbatas que sustentam pinhões de mármore, com beirais de cornija. O frontão da fachada sudeste possui padrões florais; ramos e formas abstratas, que são detalhes fitomórficos, marcando a presença eclética na arquitetura neoclássica, mas sempre contribuindo para assimetria, e aparece aí também o medalhão. O frontão triangular, nota característica do estilo tanto na arquitetura civil como na religiosa, aparece claramente na fachada nordeste com núcleo vazio. O pé-direito é alto, favorecendo a monumentalidade do edifício. É também do estilo a presença de nichos nas paredes e o uso de estatuas de mármore. Daí encontramos, no alto do pórtico, uma estatua de São João e seu carneirinho. Nas grades dos guarda-corpos das sacadas e do gradil que cerca as quatro fachadas, vergalhões decorados com traçado caprichoso dão leveza e delicadeza ao edifício. O piso do terraço que contorna a casa é em lajotas de lioz de duas cores. No piso do pavimento térreo usa-se o mármore e, no segundo pavimento, o assoalho de pranchas largas, de amarelo vinhático, que arrematam com rodapés de grande altura (MELO E SILVA, 1995, p. 123-126).

Na planta baixa da EBAP (em Anexo), temos a estrutura descrita por Costa (1947) e Melo e Silva (1995). Atualmente, o prédio que pertenceu a escola, está localizado na Zona Especial de Patrimônio Histórico (ZEPH)<sup>12</sup>, fazendo parte do Setor de Preservação Rigoroso, nº 03 (SPR - 03). Pela importância que estes imóveis têm para a história da cidade do Recife, toda e qualquer obra ou reforma realizada nos imóveis deste setor têm que ser comunicadas e autorizadas pela Prefeitura do Recife, pela Lei nº 13.957, de 1981 (planta da ZEPH em Anexo).

A escola funcionou na Rua Benfica, nº 150 até o início dos anos de 1970, quando houve a sua transferência para o Centro de Artes e Comunicação (CAC), da UFPE.

### **1.1.2 Desafios e dificuldades financeiras da EBAP**

Após quatro anos de sua fundação, a Escola de Belas Artes de Pernambuco ainda vivia a jornada em busca do reconhecimento federal para poder ser provida com recursos necessários para o seu pleno funcionamento. No ano de 1936, diversos alunos já tinham ingressado na escola, em parte gratuitamente, de acordo com a parceria firmada com os governos estadual e municipal, os quais contribuía com recursos para a escola. Em contrapartida podiam solicitar a matrícula de estudantes por indicação nos cursos de Arquitetura e Pintura, Escultura e Gravura ou nos Cursos Livres de Arquitetura, Pintura,

---

<sup>12</sup> Documentação e informações cedidas pela DPPC, na responsabilidade de Conceição Fragoso, chefe do Setor Operacional do Centro de Documentação do Patrimônio Cultural da Prefeitura do Recife.

Escultura e Gravura. A manutenção era precária, apesar das boas instalações, faltavam materiais didáticos para os estudos. Contava-se com a colaboração dos professores que, mesmo sem receber proventos, ministravam as suas aulas e doavam, além de si próprios, os artefatos necessários para a realização das aulas.

As dificuldades financeiras que acometeram a escola estão evidentes no livro intitulado de “*Contribuições feitas a EBAUR*”. Neste volume, estão registradas uma série de doações feitas à EBAP, como exemplo, a doação em dinheiro feita pelo arquiteto Crispim Antônio, datada de 30 de maio de 1932, com o seguinte enunciado: “Ofereço a quantia de quinhentos mil reis como donativo para a sua próxima instalação”. Doações em dinheiro, objetos para as aulas práticas, obras de arte que iriam integrar o acervo da Pinacoteca da escola e os livros que fariam parte da coleção da biblioteca. Neste registro, fica evidente, ainda, que a permanência da escola se dá por interesses de alguns profissionais da área, quando se predispunham em buscar recursos nas diversas instâncias. É lamentável afirmar que a EBAP não fez parte de uma política educacional para o país.

Mesmo diante de todas as dificuldades que a escola enfrentava, seus membros não deixaram de comemorar a existência, no Nordeste do Brasil, da primeira escola voltada exclusivamente para a formação artística. A possibilidade de chamar a atenção da opinião pública para a situação em que a escola enfrentava e o que esta poderia oferecer a sociedade em termos de formação, foi o mote para a mobilização dos quinze dias de evento com participação da comunidade da escola, de professores, de alunos, de familiares, de políticos e da imprensa. Chamava-se a atenção, nesta época, a mobilização da sociedade para a importância da escola no contexto educativo de Pernambuco e da região Nordeste.

Percebemos a dimensão das dificuldades que acometeram a escola, quando nos deparamos com o registro de um evento do porte da *Quinzena de Arte*<sup>13</sup>, que foi organizado pelo diretor Joel Galvão, em comemoração aos quatro anos de existência da EBAP. O principal propósito foi chamar a atenção da sociedade e das autoridades governamentais para a importância da escola no meio artístico e educacional. Um dos argumentos da justificativa foi exposto da seguinte maneira:

[...] com o fim de dar ressonância ao nome da instituição, e, também, com os reparos e adaptações que deveria sofrer o prédio, não só para as festas, quando o prédio seria visitado pelas autoridades e público, como para satisfazer a exigência da Inspeção. Fomos felizes, tal a impressão colhida pelo Sr. Governador do Estado, Prefeito da Capital, autoridades, público e

professor Anibal Freire, que assim se expressou: “Felicitações muito cordiais à Direção da Escola de Belas-Artes, que procura de modo tão meritório e altruístico dignificar e enaltecer o nome de Pernambuco (GALVÃO, 1956, p. 20)”.

O evento ocorreu no período de 19 de agosto a 06 de setembro de 1936, com vasta programação artística e cultural, amplamente divulgado, no dia 22 de agosto, pela imprensa. Inicia-se, pela manhã, com o hastear da bandeira nacional no pátio da EBAP, acompanhada de uma banda de música do 31º Batalhão de Choque, tocando o Hino Nacional. O acontecimento é presenciado pelo General do Exército Newton Cavalcanti, além de autoridades civis, familiares dos alunos, jornalistas. Seguido do discurso do capitão de Exército Pedro de Oliveira Palma. Na sequência discursa o engenheiro, professor e diretor da escola, Joel Galvão. Como se vivia um momento político, tal como ocorre ainda hoje, os eventos estudantis atrelavam-se às questões cívicas e militares.

À noite, houve uma sessão magna, no salão de conferência, homenageando o Governador Carlos de Lima Cavalcanti, que também presidiu a mesa. Na solenidade, estiveram presentes a comunidade da escola, junto com familiares, autoridades, representantes da imprensa. O professor João Alfredo homenageou a escola com aplausos. A seguir, o governador Cavalcanti finalizou a mesa com os agradecimentos. Finalizando, todos seguiram para as dependências da escola para apreciar os trabalhos dos alunos em execução. A banda de música da Brigada Militar do Estado concluiu a solenidade.

No dia 22 de agosto de 1936, os trabalhos e exercícios escolares compuseram uma exposição na galeria central do prédio. Os trabalhos dos estudantes da escola ficaram dispostos em nove grades de madeira, onde sete eram móveis e duas eram fixas. Nelas, ficaram expostos os exercícios das disciplinas de Artes Aplicadas, Desenho figurado e de Ornatos, Perspectiva, Composição de Pintura, Natureza morta, Desenho de Modelo Vivo, Pintura de Modelo Vivo e Paisagem – eram paisagens em aquarelas, pastel e nanquim. Outras pranchas apresentavam projetos das disciplinas de Composição de Arquitetura, Arquitetura Analítica, como exemplo, fábricas, hotéis, teatros, residências, creches, grupos escolares, habitações rurais, com todos os detalhes até perspectivas.

Esta exposição, aberta à visitação pública, durou sete dias e teve um público total de 238 visitantes registrados no livro de presença, com a presença do prefeito do Recife, o engenheiro João Pereira Borges. Todo o evento foi noticiado pelos jornais locais e teve registro fotográfico.

Houve, dentro da programação deste evento, três conferências na Rádio Club de Pernambuco. As palestras realizadas pelos professores da escola Mario Tullio, José Estelita e Frei Matias Teves, versavam sobre os conteúdos de suas disciplinas: Composição de Pintura, Urbanismo e Estética, respectivamente. Os temas das conferências “Technica e beleza na bellas artes”, “O urbanismo como sciencia e como arte – fim social do urbanismo – necessidade de um ensino e propaganda nas capitais brasileiras” e “esthetica na bellas artes”, respectivamente. As conferências ocorreram em dias alternados, entre os dias 24 e 29 de agosto.

Dentre as atividades agendadas, no evento, ocorreu uma excursão à ‘legendária’ cidade de Olinda. Foram realizadas visitas aos pontos turísticos, ao Museu de Olinda, ao Convento de São Francisco, à Igreja do Carmo, catedral, as praças e as paisagens para os interessados em história da arte. Estavam presentes, entre outros, o diretor Joel Galvão, Frei Matias Teves, Mario Nunes, Fernando Almeida, Mario Mello, José Maria, Octávio Moreira e Geraldo de Andrade, professor da disciplina de Estética, Paisagem, Sistemas e Detalhes, Arqueologia, História da Arte, Crítica e Sociologia Aplicada. Todo o evento foi registrado por fotografias, como narra o diretor Joel Galvão no relatório, por ‘comprovantes fotográficos’(grifo do autor).

Na finalização do evento, em comemorativo ao quarto aniversário da escola, em 29 de janeiro de 1937, contava-se com um concerto sinfônico no Teatro de Santa Isabel, organizado pelo maestro Manoel Augusto dos Santos, também professor da EBAP, e Ernani Braga e Vicente Fittipaldi, diretores do Conservatório pernambucano de música e pessoas de renome no meio artístico da cidade. A renda seria revertida na ampliação da pinacoteca da escola. Mas, o evento não foi realizado.

Entre as atividades das comemorações do quarto aniversário da escola, estava a campanha em benefício da pinacoteca, que foi divulgada na imprensa de Pernambuco com ajuda da imprensa da Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo e do Rio Grande do sul. A pinacoteca e a biblioteca só foram instaladas na escola no ano de 1937. Segundo o relator desta publicação, todo o evento foi organizado dentro dos recursos da escola. Galvão (1956, p. 20) afirma que depois da realização deste evento “sentia-se que o nome da Escola se reafirmava no conceito do público. Conseguia-se muito em cêrca de cinco meses e meio”. E, em setembro deste mesmo ano, começou a funcionar o curso de extensão universitária. Na reabertura dos cursos houve uma palestra do professor Frei Matias Teves intitulada de “Rumos da Arte”.

Mesmo com a organização do evento Semana da Arte, em 1936, o ano que a escola obteve a maior receita (ver quadro abaixo), dentre os cinco primeiros anos da escola foi em

1935, segundo o relatório elaborado por José Campelo, Manoel Caminha Sampaio e Otávio Augusto Lins Martins, em 26 de novembro de 1938. Isso se deve ao apoio que o Governo Federal destinava a instituição, em 1935. Este fato justifica a organização de eventos deste porte, para chamar atenção das autoridades locais e da sociedade, em prol de recursos para a EBAP.

Tabela orçamentária da EBAP de 1933 a 1937					
Recursos	1933	1934	1935	1936	1937
Federais			20:000\$0		
Estaduais	5:400\$00	5:400\$0	5:400\$0	5:400\$0	5:400\$0
Municipais	2:400\$00	2:400\$0	2:400\$0	4:300\$0	4:400\$0
Taxas escolares	9:117\$09	8:530\$3	8:937\$0	9:330\$0	11:500\$0
Outras fontes	2:800\$0	1:720\$2	-	4:476\$8	9:895\$0
Total	19:717\$9	17:850\$5	36:737\$7	24:007\$3	31:525\$5
Fonte da autora: tabela elaborada a partir do quadro demonstrativo para o relatório em 26 de novembro de 1938, do livro com mesmo título.					

Notamos que os governos estaduais e municipais foram de substancial ajuda à escola, dobrando os recursos destinados a instituição. Enquanto isso, apenas no ano de 1935, a EBAP recebeu recursos federais. Este quadro comprova que, sem ajuda do governo federal, a escola permaneceria em dificuldades financeiras, apesar de todo o empenho de seus administradores para levantar recursos. Percebemos também que as taxas cobradas aos alunos eram importantes receitas, uma vez que os alunos gratuitos pesavam no orçamento da instituição. Por outro lado, os alunos com gratuidade davam condições de equiparação, possibilitando a escola a receber recursos da União.

Podemos concluir provisoriamente, que a comemoração do aniversário da escola teve como propósito a mobilização de professores, alunos e funcionários, com o apoio da imprensa, para chamar a atenção da sociedade para as dificuldades financeiras enfrentadas pela instituição. O evento foi de vital importância para a permanência da escola, naquele momento. A sociedade, os familiares dos alunos e as autoridades eram convidados a participarem de todos os eventos da escola, pois a EBAP dependia, principalmente da “vontade política” dos poderes governamentais da época, mesmo contando com outras contribuições significativas, para o funcionamento da instituição. A imprensa teve um papel

fundamental no apoio à escola, divulgando os vários eventos realizados, sejam eles em jornais da época ou nas rádios locais. Porém os recursos federais e maior número de alunos, sem a gratuidade, eram necessários à manutenção da escola, cooperando, desta forma, à permanência e à sobrevivência da escola em Pernambuco.

Os cursos de Arquitetura, Pintura e Escultura da EBAP foram reconhecidos pelo decreto n. 19903, de 14 de novembro de 1945<sup>14</sup>. Com o título “A criação da Universidade de Pernambuco”, o Jornal A Noite<sup>15</sup> publicou uma nota sobre a cerimônia de assinatura do decreto pelo Ministro da Educação, Ernesto de Souza Campos, no Palácio do Catete, no dia 17 de maio de 1946. Compareceram ao ato, Gabriel Monteiro, secretário da Presidência da República, professores e alunos da escola, senadores e deputados, jornalistas, e “altos funcionários”, como cita o jornal, “da colônia pernambucana domiciliada nesta capital.” Os professores Azevedo Amaral, Josué de Castro, Antônio Amazonas e Carneiro Leão faziam parte da comissão de elaboração do projeto de Lei, que deu origem a esta instituição. Ainda na nota: “Encerrando a solenidade, o presidente da República ofereceu ao professor Amazonas a caneta que assinou o ato, para ser arquivada naquela Universidade”.

A guerra mundial também afetou a sociedade em geral e não foi diferente com a EBAP, situação comum a todas as outras instituições educacionais. Como registra o *Relatório de Subvenção Federal de 1941*, o funcionamento da escola foi comprometido pelo aumento dos preços dos materiais utilizados nas aulas, dos cursos de Arquitetura e de Pintura, Escultura e Gravura.

## **1.2 A visão artística da Escola de Belas Artes de Pernambuco e suas relações institucionais com a ENBA - RJ**

A EBAP foi concebida nos moldes da ENBA (RJ), que vem de uma tradição artística e histórica que remontam a vinda da corte portuguesa ao Brasil. Logo, esta escola, de moldes europeus, determinou a estrutura curricular do ensino da escola pernambucana. A importância de pesquisar acerca dos propósitos de sua fundação podem-nos dar respostas às questões relacionadas, principalmente, ao modelo de ensino da arte que foi estabelecido e que passou a vigorar desde a sua implantação no Brasil. Apesar da distância das duas instituições, de quase um século, os documentos oficiais apresentam referências e orientações que regulamentam o ensino e a estrutura administrativa da escola pernambucana.

---

<sup>14</sup> Escola de Belas Artes de Pernambuco. Jornal do Commercio. Recife, 27 de janeiro de 1946.

<sup>15</sup> A criação da Universidade de Pernambuco, Jornal A Noite. Rio de Janeiro, 20/05/1946.

A reforma educacional do Marquês de Pombal, que abrangia as Ciências, as Artes Manuais e a Técnica, rompeu com os moldes de ensino jesuítico no Brasil (BARBOSA, 2010, p. 22). Porém, a reforma, que teve autêntica significância nos moldes de ensino da arte apresentado neste período, configurou-se com a instauração da Academia Imperial de Belas no Rio de Janeiro em 1826. Acerca deste assunto, Barbosa afirma:

Antes da chegada de D. João VI, a reforma pombalina, no que toca ao desenvolvimento da ciência, centralizava-se na criação de aulas públicas de geometria. Em 1771 e 1799 são criadas respectivamente as cadeiras de Geometria na capitania de São Paulo e na capitania de Pernambuco. (BARBOSA, 2010, p.24)

A Academia Imperial de Belas foi implantada no Brasil pela Missão Francesa em 1808, Vale (1998, p. 349) afirma que esta missão “[...] caracterizou-se pela diversidade de atividades de seus membros, tendo em comum a especialização profissional [...]”. Para que esta formação fosse implantada, inicialmente, como material didático, “a Missão trouxe consigo 54 quadros ingleses e franceses, destinados a darem início a uma pinacoteca. Podemos ver nestes acontecimentos o desejo de se montar na antiga colônia, todo o aparato laico de relações arte - sociedade, diverso só sacro ligado à colônia. (VALE, 1998, p. 349).

Para Silva (1998, p. 119), a vinda da Missão Artística Francesa significou o início da constituição de um modo de adoção de padrões estéticos segundo os moldes europeus, em contraposição à tradição anterior, denominada como Barroco, e fundadora, a partir daquele momento, de um novo formato de produção artística no Brasil. A respeito da tradição anterior, conforme Silva (1998, p. 119) [...] “a produção do chamado “Barroco” perpassou desde o produtor erudito, com formação europeia, até os artífices de mão africana, com competências milenares na elaboração de uma arte conceitual, característica do continente africano.”.

Portanto, a instituição só começou a funcionar em 1816, e de acordo com Pereira (2008, p. 149) “um dos inúmeros atos de d. João VI, durante a permanência da corte portuguesa no Brasil, que visavam conferir ao país e sua capital, o Rio de Janeiro, uma infraestrutura digna de uma nação moderna para os padrões da época.”. Desta maneira, compreende-se que a implantação da escola tinha o propósito de aparelhar a colônia para a estada dos seus novos residentes com um formato que os deixassem confortavelmente ambientados. As condições podem ser sintetizadas da seguinte maneira:

[...] transposição do discurso da equipe francesa para o contexto brasileiro tornou-se viável, como já é notório, com a mudança repentina e estratégica

da capital do reino para cidade do Rio de Janeiro. A necessidade de adequar a cidade com condições e equipamentos condizentes com a vida cortesã exigiu investimentos e dispositivos capazes de acelerar mudanças na ordenação colonial. Essas mudanças coadunavam-se com os interesses de afirmação do império português no Brasil e no exterior (NASCIMENTO, 2010, p.33).

Como apresentamos anteriormente, sua fundação se deu pelos mestres franceses entre 1816 e 1826. E sua trajetória pode ser dividida em seis fases mais expressivas, como explicita Pereira (1998, p.12), de 1816 a 1835 como Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, e logo após, Academia Imperial de Belas Artes. Este autor explica: “compreendem a fundação da Academia, e instalação do ensino oficial de arte e a estruturação do sistema acadêmico, além de estar ligado diretamente à atuação dos mestres franceses.”

O período de 1835 a 1880 é considerado como o da consolidação da Academia e também o momento de maior prestígio na sua história. Duas figuras são aí fundamentais: Félix Émile Taunay, diretor em 1835, e Manuel de Araújo Porto Alegre, diretor em 1854, que injetam na Academia algumas mudanças fundamentais: o primeiro, a instituição dos prêmios de viagens, e o segundo, a preocupação com a introdução de novas cadeiras, como a História da Arte, Estética e Arqueologia – além de uma evidente preocupação com os problemas da arte brasileira – lançando as bases de um verdadeiro projeto nacionalista, que é seguramente o ponto de partida da produção do Segundo Reinado (PEREIRA, 1998, p.12).

Na década de 1880, experiências do Grupo Grimm trazem mudanças estruturais à Academia. Em 1890, na nova estrutura da Escola Nacional de Belas Artes, “os novos estatutos não contemplam as reivindicações da década anterior, seguindo-se até 1930, sem apresentar grandes mudanças das concepções formais e pedagógicas da velha academia” (PEREIRA, 1998, p.12). A pesquisadora ainda expõe:

De 1930 a 1970 inicia-se o período da direção de Lucio Costa e sua tentativa de modernização da Escola. Neste período o acervo da Escola é desmembrado para dar origem ao Museu Nacional de Belas Artes e nos anos 1940 o Curso de Arquitetura desliga-se da Escola, constituindo a Faculdade Nacional de Arquitetura (PEREIRA, 1998, p.12).

No período que compreende os anos de 1970 até hoje, abrange uma mudança radical no perfil da Escola: a perda do prédio de sua fundação, reforma do ensino, introdução do sistema de créditos, surgimento de outros cursos, como Desenho Industrial e Comunicação Visual. O momento político nacional, com o estabelecimento do AI-5, atingiu profundamente

a Escola, com o afastamento de alguns professores como, por exemplo, Mário Barata, Quirino Campofiorito e Abelardo Zaluar (PEREIRA, 1998, p.13).

### 1.2.1 Ensino do Desenho: Artes ou Ofício?

As concepções de Ensino do Desenho, desenvolvidas na EBAP, no período de 1932 a 1946, estão relacionadas com as práticas educativas adotadas pela ENBA. Inicialmente, a escola carioca foi denominada de Academia Imperial de Belas Artes (AIBA), na época da sua fundação pela Missão Artística Francesa, no Brasil. Compreendemos que a ENBA influenciou na estruturação do currículo de ensino da arte nas diversas escolas que foram fundadas em outras capitais brasileiras, como exemplo da escola pernambucana.

A visão de ensino do desenho na AIBA foi mantida, apesar das mudanças estruturais em que a escola passou? As mudanças estruturais e de denominação para a ENBA, influenciaram na concepção do ensino artístico até então vigente?

No Brasil, o ensino do desenho desenvolveu-se com mais intensidade a partir da fundação da Academia Imperial de Belas no Rio de Janeiro (AIBA), influenciando outros estados do Brasil. Em decorrência, muitas instituições similares, fundadas nos moldes da AIBA, passaram a funcionar com a denominação de Escola Nacional de Belas Artes. Esta instituição trazia um modelo educacional determinado pela Missão Artística Francesa, motivada, entre outros fatores, pela permanência e pela residência da corte real em nosso país. A prática da cópia de modelos neoclássicos era um dos seus principais objetivos e na contramão fazia-se a “limpeza” ou “clareamento” do barroco abasileirado que incomodava os novos moradores que aqui se fixaram. Sobre isso, Barbosa (2010, p.19) corrobora:

Aqui chegando, a Missão Francesa já encontrou uma arte distinta dos originários modelos portugueses e obras de artistas humildes. Enfim, uma arte de traços originais que podemos designar como barroco brasileiro. Nossos artistas, todos de origem popular, mestiços em sua maioria, eram vistos pelas camadas superiores como simples artesãos, mas não só quebraram a uniformidade do barroco de importação, jesuítico, apresentando contribuição renovadora, como realizaram uma arte que já poderíamos considerar como brasileira.

Segundo Pereira (2001, p. 74) no artigo *Academia Imperial de belas Artes no Rio de Janeiro: revisão historiográfica e estado da questão*, a função da Academia era a “construção do imaginário nacional” e seus diretores, Taunay e Porto-Alegre, tinham o papel dessa

formulação política. Almejavam a consolidação da Academia para colaborar para que os artistas atingissem o *status* de intelectual e a construção de uma arte nacional com padrão internacional.

A coleção de cinquenta e quatro quadros, trazida por Lebreton, então diretor da Real Escola de Ciências, Artes e Ofícios, para ser vendida ao Regente D.João, dar início a uma pinacoteca, base do Museu Nacional de Belas Artes, tinha de sobremaneira fins acadêmicos ou educacionais, servindo aos primeiros alunos da escola (CIPINIUK, 2008, p.49). A prática da cópia, com embasamento no acervo indicado, evidencia seu propósito para fins educativos e disciplinares. Diante do exposto, Pereira (2008, p. 153) afirma: “O sistema do ensino artístico acadêmico apoiava-se essencialmente na prática da cópia, tanto de obras da Antiguidade Greco-romana, quanto dos grandes mestres do Renascimento, além do estudo da figura humana, envolvendo estudos de anatomia e de modelo vivo”.

Quanto ao ingresso dos estudantes na Academia, era livre e bastava saber ler, escrever e contar, e segundo Pereira (2001, p.76) a opção pela Academia era, em geral, uma escolha das classes mais humildes onde a maioria era de escravos e alforriados e “analfabetos” que viam no ingresso uma possibilidade de ascensão social. No geral, o ingresso dava-se na observação do talento para o desenho, como se pode detectar na maioria das biografias dos artistas mais tradicionais, como Victor Meireles e Pedro Américo.

Observa-se, ainda, na entrada dos alunos na Academia, muita competitividade. A verificação da aprendizagem do aluno se dava por meio de concursos, com provas práticas que iam desde as mais simples até as mais complexas. Como forma de incentivá-los, havia o concurso “para o Prêmio de Viagem ao Exterior. A contratação de professores era igualmente realizada através de concursos, em que os candidatos deveriam produzir obras sobre um mesmo tema proposto pelo júri (PEREIRA, 2008, p.153)”.

Descreve-se, deste modo, a primeira Aula Pública de Desenho e Figura na antiga Escola de Belas:

A Aula Pública de Desenho e Figura, estabelecida por carta régia de 20 de novembro de 1800 foi a primeira ação oficial que se tem conhecimento para que se estabelecesse o ensino da arte no Brasil. Este, porém só teria início com a criação da Escola Real das Ciências Artes e Ofícios, por Decreto-Lei de D. João VI, em 12 de agosto de 1816. Com a chegada ao Brasil da Missão Artística Francesa, chefiada por Joaquim Lebreton, a convite de D. João VI, viabiliza-se o projeto do ensino artístico em nosso país. Durante os primeiros dez anos o que temos são apenas algumas aulas ministradas por Debret e Grandjean de Montigny numa casa do centro da cidade que os dois artistas alugaram para esta finalidade. Em 1826, já com o prédio próprio projetado por Grandjean de Montigny tem início o ensino oficial das artes no Brasil, de

acordo com o modelo da Academia Francesa, sendo que a Escola passa a chamar-se Academia Imperial das Belas Artes. Com o advento da República, a Academia passará a chamar-se Escola Nacional de Belas Artes e, a partir de 1971, será denominada Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, nome que mantém ainda hoje. (A EBA. Institucional)<sup>16</sup>.

O desenho tinha suma importância para Lebreton, líder da equipe francesa, que chegou ao Brasil em 26 de março de 1816. Esta habilidade determinava a hierarquia dos saberes pelos docentes. A observância do elitismo no ingresso à Escola de Belas Artes é notória no projeto do chefe da Missão Francesa, que reivindicou, conforme Nascimento (2010, p.37), “a construção simultânea de uma escola Belas Artes e de uma Escola Gratuita de Desenho acoplada ao funcionamento de *Ateliers* práticos”. Os mestres da Escola de Belas Artes, neste sentido, deveriam ter o domínio técnico do desenho. Lebreton considerava Debret, Taunay, o escultor Pradier e Grandjean os docentes que se destacavam no ensino do desenho.

Neste sentido, cabia a estes mestres a instrução mais rigorosa no desenho, haja vista, que era considerado a base de todo o trabalho artístico (NASCIMENTO, 2010, p. 40). A divisão da escola determinava concepções distintas, com uma proposta para atender à formação profissional de operários especializados, e a outra, voltada para a formação artística, atendendo à classe média.

Lebreton recomendava conhecimentos específicos a serem ministrados na Escola Gratuita de Desenho, destinados ao aperfeiçoamento dos ofícios. Nascimento (2010, p.39) afirma que, “além do estudo da figura, deveria vir o desenho de ornato e um pequeno curso de geometria prática.” Os dois primeiros tornaram-se, a partir desse momento, os saberes mais contemplados para o ensino do desenho na escola.

Lebreton incentivou o ensino artístico pautado na cópia, ficando responsável pela introdução dessa prática (LEITE, 2006, p. 516). O exercício da cópia consistia em reproduzir, a partir dos modelos neoclássicos, as estampas e moldes em gesso de rostos, braços, entre outras partes da figura humana. O Museu D. João VI, da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, ainda conserva parte do acervo da antiga Academia Imperial de Belas Artes, depois Escola Nacional de Belas Artes. Esta coleção de obras, como foi citado, tinha por finalidade ser utilizada como recurso didático. Os moldes em gesso foram encomendados ao Museu do Louvre, que fornecia essas cópias para academias de vários continentes. Priorizou-se, durante o século XIX a prática da cópia como ferramenta pedagógica na Academia Imperial. A

---

<sup>16</sup> Escola de Belas Artes (EBA). A EBA – Institucional. Disponível em: <<http://www.eba.ufrj.br/index.php/a-eba/institucional>>. Acesso em: 18 de Novembro de 2013.

Academia privilegiou a prática da cópia desdobrando-a também em várias “linguagens visuais”, partindo do desenho à pintura.

A respeito da importância dada ao ensino do desenho de ornatos, a disciplina com o mesmo nome, teve como professor o primeiro diretor da Academia Imperial de Belas Artes, Henrique José da Silva. Tinha como conteúdo o ensino de modelos clássicos de ornamentação arquitetônica como: rosáceas, folhas de acanto, frisos, detalhes de costumes, entre outros. Esta disciplina se manteve no arcabouço geral da Academia, quando se chamou de Escola Nacional de Belas Artes, até a proclamação da República (VIANA, 2012, p.1056).

Inicialmente, percebe-se que no período estudado na Escola de Belas Artes, o predomínio de uma abordagem do ensino do Desenho de caráter figurativo, embasado nas cópias de modelos europeus tendo em vista os métodos ornamentais nas últimas décadas do século XIX, ligado ao ideal das Belas Artes, veio à atender a uma elite que se instalava no Brasil. No sentido de atender a uma crescente vontade de modernização influenciada pelo Ocidente, este modelo educativo não se sustentou, diante da necessidade de industrialização que o país passava na época. A partir daí houve um afastamento e gradativa separação, entre as abordagens disciplinares e pedagógicas empregadas desde então, para uma formação profissional que estes moldes, de ensino do desenho não atendia.

A separação de escolas, sendo uma para atender à formação profissional, e a outra voltada à formação artística, ajudou a gerar um sistema de divisão social e de formação reforçando uma caracterização e diferenciação entre artista e artesão.

Observa-se que o estabelecimento dos ideais de industrialização romperam com algumas antigas concepções artísticas e instrumental, colaborou para a criação de metodologia de ensino de Desenho, que vigorou por um longo período. Tais mudanças também se expandiram, depois, para outros níveis da Educação Básica, colaborando para um ensino artístico, de forma mais técnica, para a valorização do ensino do Desenho Geométrico, bem como para a compreensão de ensino da arte como ensino do Desenho.

### **1.3 Os professores da EBAP e a formação da classe artística de Pernambuco**

O corpo de professores da EBAP era formado, como vimos anteriormente, por artistas, arquitetos e engenheiros. Durante sua existência, foi administrada por professores, que eram escolhidos pelo conselho administrativo da escola. Analisando os documentos oficiais da escola, vimos que os diretores da EBAP, que participaram desde sua inauguração em 1932, aos anos de 1936, tiveram um curto período de atuação na gestão da escola. Para compreender

como se deu a gestão da escola e como a instituição foi se estruturando, vale apresentarmos a equipe gestora nos iniciais.

Portanto, a composição da diretoria da escola de 1932 a 1938 foi-se constituindo da seguinte forma: Bibiano Silva assumiu a gestão em 20/08/1932, durante de nove meses; Heitor Maia Filho assumiu em 17/05/1933, por apenas dois meses; Murillo La Greca, assumiu a direção interina em 24/07/1933, por oito meses; Heitor Maia Filho reassumiu a direção interina em 26/02/1934, durante quatro meses; João Alfredo da Costa Lima, assumiu, interinamente a direção em 01/06/1934, por apenas quatro meses; Mário Nunes, também interinamente, em 02/10/1934, também durante quatro meses; Domingos Ferreira assumiu em 22/07/1935, por nove meses; Joel Galvão, assumiu em 04/03/1936 até 31/05/1938, atuando por dois. Após Joel Galvão, assumiu Pelópidas Silveira, momento que a escola passa a denominar-se de Escola de Belas Artes, da Universidade do Recife, apesar de, ainda não receber os recursos necessários, nem seus cursos serem reconhecidos pelo governo federal.

O professor Joel Galvão foi o diretor que atuou por um período maior na direção da escola, de 04 de março de 1936 até os anos de 1943 (MELO E SILVA, 1995, p. 130). Percebe-se, pelos relatórios produzidos pela escola, que a curta gestão em forma itinerante, se deu pelo fato de muitas vezes, o diretor ter que se ausentar para atender a compromissos externos. Esta constatação leva-nos a considerar dois pontos importantes: primeiro que as dificuldades financeiras enfrentadas pela escola, desmotivavam os professores; segundo, é possível deduzir que os professores, passavam por períodos de ausência, para trabalhar em outros locais ou fazer outras atividades fora da escola, que pudessem lhes trazer proventos.

Podemos observar que, nos seis primeiros anos de existência da EBAP, uma rotatividade de gestores da escola. Apenas o professor Joel Galvão foi quem permanecer por mais tempo nesta função. Outro fato não esclarecido é a saída do artista Bibiano Silva, da função de diretor e sua ida ao Rio de Janeiro, para resolver pendência da escola sem o seu retorno. No relatório do secretário Rubens Cristiano, escrito durante sua viagem ao Rio de Janeiro, no Livro de Relatório para Inspeção Federal dos Anos de 1938, para solicitar a avaliação do Ministério da Educação, encontra-se um bilhete direcionado ao artista e professor Bibiano. A comunicação nos traz as seguintes informações, fornecidas pelo secretário ao diretor Joel Galvão:

Levava daqui a incumbência de procurar o prof. Bibiano Silva e com ele resolver o seu velho caso com a Escola. Sabia o morar à rua Paraguay, n. 180, no Meyer. De posse desse seu endereço, fui procurá-lo, sendo inútil, visto haver se transferido de residência. Nas imediações busquei

indagações, sem resultados [...] Aproximando-me o meu regresso a esta capital, não pude finalmente desobrigar-me do compromisso, fazendo por esse motivo e esposição acima. (grifos do autor)

Várias eram as instituições de ensino federais e estaduais que funcionavam no contexto da implantação da EBAP. Dentre elas, a mais antiga, Faculdade de Direito do Recife, fundada em 1827; Instituto Histórico e Geográfico de Pernambuco, de 1862; a Escola de Engenharia de Pernambuco, de 1895; a Escola Superior de Agricultura, de 1912 e a Faculdade de Medicina do Recife, 1920 (SANTOS, 2012, p. 50). Sobre os cursos superiores, afirmava-se o seguinte:

[...] o interessante a ser frisado sobre a criação dos quatro primeiros cursos superiores em Pernambuco é que os mesmos não vão deixar de reproduzir as aspirações de uma elite e uma noção hegemônica e clássica das áreas mais importantes do saber científico (Direito, Engenharia, Medicina, e Agronomia) (SANTOS, 2012, p. 51).

Sabe-se que grande parte do professorado da EBAP partiu destes centros educacionais. Todavia é provável que tenham repassado para a EBAP as mesmas noções elitistas de ensino, a propósito de ser específico para a formação artística.

No *Livro Nº 110 Relatório para Inspeção Federal dos Anos de 1938*, temos que “de acordo com o regulamento primitivo, eram professores catedráticos<sup>17</sup> os professores fundadores e aqueles que viessem a ser classificados em primeiro lugar em concurso público. Até o período estudado, eram catedráticos, especialistas nas disciplinas em que atuavam e fundadores da EBAP os seguintes professores:” Gervásio Fioravanti; José Maria Carneiro de Albuquerque Melo; Francisco Barreto Rodrigues Campelo; Mário Carneiro do Rêgo Melo; Adalberto Afonso Marroquim; Luiz Cedro Carneiro Leão; João Alfredo Gonçalves da Costa Lima; Geraldo Souza Paes de Andrade Filho; Newton de Silva Maia; Manoel Caetano Filho; Domingos da Silva Ferreira; Nestor Moreira Reis; Joel Francisco Jaime Galvão; Carlos A. Simon; Jaime Estácio de Lima Brandão; Heitor da Silva Maia Filho; George Munier; Jaime Oliveira; Nelson Novares; Luiz Mateus Ferreira; Abelardo de Albuquerque Gama; Giacomo Palumbo; Álvaro Amorim; Murillo La Greca; Baltazar da Câmara; Fédora Monteiro Fernandes; Mário Nunes; Henrique Eliot; Heinrich Moser; Avelino Pereira; Bibiano Silva; Emílio Franzoni; Manuel Augusto dos Santos e Frei Matias Teves.

---

<sup>17</sup> Especialista de uma disciplina ou cátedra.

Os professores que atuaram no período dos anos de 1932 a 1946, na EBAP, tanto nos cursos de Arquitetura quanto no curso de Pintura, Gravura e Escultura, tinham que ter seus diplomas reconhecidos pelo Departamento Nacional de Educação (DNE). Aos professores que não eram concursados, eram solicitados uma série de documentos por um órgão oficial, de acordo com o Decreto Federal nº 3.085, como registro de nascimento, carteira profissional, título de eleitor, atestado de idoneidade, comprovação de ensino superior, comprovação de exercício no magistério durante dois anos, no mínimo, fotografia 3x4, titulação, e pagamento de taxa por disciplina ministrada para que, pudesse ter o reconhecimento e atuar na EBAP.

Os que não tinham esta comprovação profissional tinham um tempo para fazê-la ou eram substituídos nas disciplinas e afastados da escola.



Imagem 7 - Registro da arguição do professor José Estelita. Autor desconhecido.  
Fonte: GALVÃO, Joel. Memórias de uma Cruzada.

Para permanecerem na escola precisavam passar por uma banca e defender um trabalho na sua área de atuação na escola e se tornarem catedráticos da disciplina em que atuavam. O registro da arguição do professor José Estelita (Imagem 7) Apresenta-nos declaradamente a adoção desta prática. Podemos pontuar dois fatores quanto a esta prática: primeiro o

reconhecimento e equiparação federal da escola; segundo a manutenção dos professores nas disciplinas, com a agravante de atuarem sem receber remuneração das aulas ministradas.

Sobre a seleção dos professores para ministrar as disciplinas dos cursos oferecidos pela escola, conforme o inspetor federal, denominado pelo Ministério da Educação e Saúde, José Campello, corrobora que:

[...] A congregação em longos debates procedeu a escolha das cathedras tendo em vista a especialização, publica e notória de cada um dos seus occupantes, que já prelecionavam, anteriormente, em instituições superiores e secundários, como a Faculdade de Direito, Faculdade de Medicina, Escola de Engenharia, Faculdade de Commercio e Escola polytechna de Pernambuco, Conservatório Pernambucano de musica, Curso Phylosophico do Convento de São Francisco (Olinda), Gymnasio Pernambucano, Escola Normal Official, escola Normal Pinto Junior e vários outros. Cadeiras para o desenvolvimento da cultura geral dos alumnos, como as de Esthetica, critica, Archeologia e Sociologia Applicada, são divulgadas em conferencias, com auditório publico, das quaes se vêm encarregando figuras de larga projeção em nosso meio social e cultural. O corpo discente [...] “amplia-se cada vez mais e, desde o início dos trabalhos da Escola, vem obedecendo as mais rigorosas disposições disciplinares. Para a sua orientação pratica, realizam os alumnos excursões artísticas e de alcance social a monumentos históricos, a estabelecimentos industriais, hospitalares e pedagógicos; à construção em andamento, alem de exercícios topographicos etc. (grifos do autor).<sup>18</sup>

A formação dos professores, na área de atuação, era exigência a ser cumprida pela EBAP, para ser contemplada com a equiparação federal. Gradativamente observamos que este item foi sendo cumprido pela gestão da escola. Na abertura do ano letivo de 1944, o *Jornal do Commercio* registra a defesa do mestrado do professor João Alfredo, com o título “Anatomia e artes plásticas”, como podemos conferir abaixo:

[...] a preleção de mestre, sob o título Anatomia e artes plásticas foi proferida pelo dr. João Alfredo, catedrático de Anatomia e Fisiologia Artísticas. Presidiu à reunião o vice-diretor em exercício, snr. Mário Nunes, catedrático de Paisagem (*Jornal do Commercio*. Recife, 12 de março de 1944).

Os aspectos da atuação dos professores na EBAP, vale-se pela participação que eles desempenharam e pela influência que exerceram no ensino oficial do Estado, muitos atuavam em outros estabelecimentos educacionais. Ao apresentando-os, damos visibilidade aos profissionais que também atuaram em outras áreas (ver APÊNDICE). Sabe-se que, no período

---

<sup>18</sup> Relatório elaborado por José Campello, designado pelo Ministro da Educação e Saúde para proceder a inspeção prévia da EBAP, em 9 de Janeiro de 1937, texto que integra o livro do Relatório de Inspeção Federal do Ano de: 1937.

pesquisado, os professores da EBAP ministravam aulas sem receber remuneração. As profissões exercidas fora da escola era o que os mantinham financeiramente.

Por oito anos seguidos, Murilo La Greca, Álvaro Amorim, Baltazar da Câmara, Mário Nunes, Bibiano Silva, Jaime de Oliveira, Joel Galvão, João Alfredo e Nestor Moreira Reis lecionaram gratuitamente, porque as subvenções davam apenas para as despesas com o material indispensável às aulas e à secretaria (COSTA, 1947).

Até o ano de 1940, os professores “ensinaram sem um níquel de remuneração [...] e isso por uma simples circunstância: falta de apoio oficial” (COSTA, 1947). Ainda, em paralelo às atuações no magistério, os professores tinham suas produções artísticas e participavam de salões, concursos e exposições. E nem por isso, a contribuição destes docentes era menos valorizadas por eles.

Respeitável contribuição para a EBAP foi impressa pelo professor Joel Francisco Jaime Galvão, pernambucano, nascido em 1895. Diplomou-se em Engenharia Civil pela Escola de Engenharia de Pernambuco, tendo exercido sua profissão na Diretoria de Viação e Obras Públicas e na Diretoria do Saneamento do Recife, onde foi engenheiro. Exerceu em comissão o cargo de diretor de Obras Públicas do Estado. Dedicou-se à engenharia sanitária, dirigindo a seção fundada e organizada pelo gabinete do sanitarista Saturnino de Brito. Escreveu artigos e fez conferências sobre o assunto. Fez parte da Comissão do Plano da Cidade, representando a Secretaria de Viação e Obras Públicas. Foi fundador da escola, diretor (1932 a 1946), e professor catedrático efetivo de Higiene da Habitação, Saneamento das Cidades. Teve seu diploma registrado no DNE em 17/01/1936. Além de autor de grande parte dos documentos oficiais e relatórios do período de 1932 a 1946, escreveu o livro “*Memórias de Uma Cruzada*”, publicado em 1956, onde relata o percurso da EBAP para a federalização, ou equiparação federal, termo muito utilizado na época.

### **1.3.1 Movimentação artística em Pernambuco**

Reportando-nos no tempo, a dez anos antes da fundação da EBAP, poderemos compreender a movimentação artísticas em Pernambuco, que promoveu a fundação da instituição. Na época em questão, vislumbrávamos um intenso movimento cultural na cidade do Recife. Na região Sudeste do país, um grupo de artistas organizou um movimento de cunho modernista, ponto essencial, com visíveis alcances na classe artística pernambucana.

Ainda em 1922, Vicente do Rego Monteiro e o poeta Manuel Bandeira fazem parte da Semana de Arte Moderna, em São Paulo (BRUSCKY; VIANA, 2006, p. 150). Quatro anos depois, Gilberto Freyre lança o Manifesto Regionalista no Recife. E, sete anos depois, o Museu do Estado é criado pelo Ato 240, assinado pelo governador Estácio de Albuquerque Coimbra, por força da Lei Estadual nº 1.918, de 24/08/1928.

Toda esta movimentação, antes da fundação da EBAP, mesclava as referências dos artistas locais às suas práticas e dimensionavam propostas em torno de eventos necessários, ao apresentarem as suas produções à sociedade.

Nos anos de 1930, é realizado o Baile Surrealista do Recife, organizado por Percy Jan, Soares e Augusto Rodrigues, que fez toda a decoração do baile com rótulos de um remédio conhecido na cidade, o xarope Santo Antônio, para prisão de ventre. As cadeiras foram coladas no teto. O baile é encerrado antes da hora prevista. Ainda no mesmo ano, Vicente do Rego Monteiro traz ao Brasil, com a colaboração de Geo-Charles, a exposição A Escola de Paris. Esta exposição foi exibida em Recife, Rio de Janeiro e São Paulo. A mostra incluía artistas com Picasso, Léger, Braque, Gris, Severini, Marcoussis, Lhote, Joaquim do Rego Monteiro e Foujita, entre outros (BRUSCKY; VIANA, 2006, p. 151).

Após a fundação da EBAP, é realizado o I Salão dos Independentes, com a participação de Augusto Rodrigues, Hélio Feijó, Percy Lau, Elezior Xavier, Francisco Lauria e Nestor Silva, entre outros. Em 1934 é criado o Museu Regional de Olinda e inaugurado em 1935. O primeiro Jardim Ecológico do Brasil surge em 1937, em Recife, criado por Burle Marx. A Diretoria de Estatística, Propaganda e Turismo da Prefeitura do Recife, foi transformada em 1945, em 1945, em Diretoria de Documentação e Cultura – DDC – é instituída e, depois, passou a ser considerada um importante órgão para a Cultura.

Em 1942, é realizado o I Salão Anual de Pintura do Museu do Estado (BRUSCKY; VIANA, 2006, p. 152). No mesmo ano, acontece o Salão da Primavera, no Sindicato dos Empregados do Comércio, tendo como participantes Norberto Vale, Augusto Rodrigues, Helio Feijó, Clotilde Cavalcanti. Dentre eles, os professores da EBAP, Mario Nunes e Fédora, e seus irmãos Joaquim e Vicente do Rego Monteiro. Amplamente noticiado pela imprensa<sup>19</sup>, a Folha da Manhã divulgou o III Salão Anual de Pintura, realizado em 16 de novembro de 1944, que premiou Vicente do Rêgo Monteiro por unanimidade, com o quadro “Assunção”. O

---

<sup>19</sup> Terceiro Salão Anual de Pintura. Julgamento dos quadros. Folha da Manhã, Recife 17 de novembro de 1944. Notas de Arte. Terceiro Salão Anual de Pintura. Jornal do Commercio. Recife 17 de novembro de 1944. Terceiro Salão Anual de Pintura. Julgamento dos quadros. Diário de Pernambuco. Recife 17 de novembro de 1944.

artista Reinaldo Fonseca, ex-aluno da EBAP e os professores da escola Mario Nunes, Carlos Amorim e Elezzer Xavier também foram contemplados neste evento.

O Teatro do Parque também foi palco para as artes visuais. Em 1945, a *Folha da Manhã*<sup>20</sup> divulga que o diretor da EBAP inaugurou a exposição de pintura do artista Eustórquio Wanderley, com a presença de grande número de visitantes.

Ainda nos anos de 1946, é realizada, na Faculdade de Direito do Recife, a exposição individual de Lula Cardoso Ayres. Deve-se salientar a grande contribuição para a Cultura local, apadrinhada pela Faculdade de Direito para a cidade do Recife. Além de receber exposições, foi nas suas instalações que surge o Teatro de Estudantes de Pernambuco, do qual fazem parte, entre outros artistas, Hermilo Borba Filho, Ariano Suassuna, Aloísio Magalhães, que fazia os cenários e os figurinos e Hélio Feijó, também professor da EBAP, que confeccionava as barracas em lona para os espetáculos em locais públicos.

Podemos listar importantes nomes que foram formados ou que participaram do corpo docente da EBAP, os quais pertencem, ao universo da produção das artes visuais do Estado de Pernambuco. Os professores da EBAP participavam de várias exposições e muitos se afastavam da escola para tomar parte destes eventos, como registra o livro *Ata da Congregação da EBA de Pernambuco dos anos de 1932 A 1940*, solicitando licença e a substituição deles por outros professores nas suas disciplinas.

Os professores e artistas da EBAP (ver Apêndice), o escultor Bibiano Silva, os pintores Baltazar da Câmara, Carlos Amorim, Mário Nunes, o vitralista Henrique Moser, dentre outros não menos relevantes, contribuíram substancialmente para a movimentação artística de Pernambuco. Além da atuação destes artistas no panorama educacional, apresentavam uma importante produção artística no cenário das artes visuais, com prêmios nos salões da ENBA e exposições em ventos da área.

Embora Abelardo da Hora tenha frequentado a escola por um curto período, nos documentos consultados sobre o registro da vida escolar dos alunos, como exemplo, históricos, matrícula nos cursos e comprovação nas “grandes provas”, não foram encontradas referências da sua passagem pela escola. Entretanto, este artista é um dos destaques da EBAP e do cenário artístico pernambucano, neste período.

Desta forma, um contraponto ao ensino empreendido pela EBAP, foi a Sociedade de Arte Moderna, que tinha no seu discurso uma alusão às mudanças na produção artística sedimentada pela EBAP. Fundada em 1946, por Abelardo da Hora, Hélio Feijó e Ladjane

---

<sup>20</sup> Exposição de Pintura. Folha da manhã. Recife, 3 de junho de 1945.

Bandeira, este grupo propôs a ruptura com o sistema acadêmico de ensino das artes plásticas. Contudo, a associação só foi registrada e efetivamente oficializada em 1949. No período, Hélio Feijó, alegou que...

... Na idéia de preservar e propagar o sentido atual das Artes, com as suas características fortemente definidas pelas concepções estéticas e realizações plásticas dos intelectuais e artistas da vanguarda, tomámos a iniciativa de reuni-los, numa organização de eficiente programa, visando educar e servir ao público nesse setor. É nosso propósito substituir o nosso esforço isolado – de mais de 10 anos de luta – por uma associação de maiores valores capazes de ampliar as possibilidades do movimento para criação de um clima artístico VERDADEIRAMENTE MODERNO no Recife.

Abelardo da Hora, nascido em 1924, foi estudante da EBAP, em 1939, no curso de Pintura, Escultura e Gravura. Tendo neste mesmo período aulas de desenho com a artista Fédora Monteiro Fernandes. Participou do Diretório Acadêmico da escola nos anos de 1940, sendo eleito presidente e, na mesma década, vai morar e trabalhar na cerâmica na casa-grande da usina industrial dos Brennand. Lá tem a função de desenhar ornatos para as peças da fábrica, como exemplo, jarros, potes e salvas. Ainda neste ano deixa a casa da família Brennand e participa do comício pela redemocratização do país, contra a ditadura Vargas.

Nestor Silva, aluno do artista Álvaro Amorim, teve uma história dramática dentro do seu percurso na EBAP, conforme Costa (1947), jornalista de A Noite Ilustrada...

[...] o que morreu de fome! Foi um pobre rapaz, tido hoje como um gênio, mas que viveu faminto e mal vestido, passando as noites de jornal em jornal, rabiscando caricaturas ou fixando aspectos típicos do Recife, em dois ou três traços [...]”. Costa narrar ainda que ele dormia nas bancas dos redatores, ou nas tábuas duras e empoeiradas do Teatro Santa Isabel, quando trabalhava nas montagens teatrais. Teve um desenho consagrado, segundo Costa, de uma menina “rindo pelos olhos a mais irreprimível gargalhada já fixada por um artista, com três ou quatro traços, no máximo”. Este trabalho de Nestor Silva ficou guardado na escola, no arquivo de seu professor, até que “um alto funcionário do Banco do Brasil” o arrematou. Costa complementa que “é um trabalho tido pelos entendidos como algo profundo e misterioso [...] e que pode ser comparado com a Gioconda, de Leonardo, guardando-se, naturalmente, as devidas proporções”.

Aurora Lima (1915), aluna fundadora, que conclui o curso de Escultura em 1936, também se destacou no panorama artístico de Pernambuco. A artista deu continuidade aos ensinamentos de vitral do professor da EBAP, Henrique Moser, assumindo a condução do seu

ateliê. Mais tarde, durante as décadas de 1960 e 1970, ela repassou seus conhecimentos a alunos de artes plásticas e arquitetura, sempre fiel ao estilo do mestre. É de autoria de Aurora o vitral da Biblioteca Central da UFPE.



**Concepções educacionais da Escola de Belas Artes de Pernambuco**

“A história da educação é uma história de oposições teóricas”

(DEWEY, 2010, p. 19)

No final do século XIX, no período após a inauguração do regime republicano, viu-se a industrialização crescente, frente ao modelo econômico agrário, dar alicerce para várias mudanças nas bases educacionais e culturais do Brasil. Da mesma forma, o crescimento populacional e a precariedade da mão de obra existente, não dariam conta do modelo industrial. Estes foram os principais fatores que permitiram ampliar a educação para as camadas menos privilegiadas economicamente da população. Quanto a estes fatos, Leal (2008) reitera:

Em torno de 1920, os meios de comunicação se expandem com rapidez em todas as direções, época em que a Europa recém-saída da Primeira Grande Guerra recebe o apoio de todas as nações, visando a reconstrução do mundo devastado, retomando a expansão e a revolução das artes e das ciências, iniciadas desde fins do século XIX, com a teorização dos simbolistas, tendo como principais núcleos irradiadores das vanguardas, Paris, denominada por Nietzsche *a capital da cultura*. É o momento em que transporte extremamente rápido – o avião – difunde, por todos os continentes, jornais, revistas e livros contendo as idéias novas dos pintores e poetas parisienses, internacionalizam-se, através de um intercâmbio altamente procriador, as criações das vanguardas européias e hispano-americanas, em particular o modernismo do Azul, do mexicano Gutiérrez Nájara e Rubén Dario, os manifestos de Marinetti e Apollinaire, o dadaísmo de Hugo Ball e Emmy Hennings, Tzara, Eluard, Breton e Aragon, não podendo o Brasil deixar de refletir a imagem especular desses movimentos renovadores, embora com muito atraso em relação aos demais países latino-americanos. Nessa busca de conhecimentos, a relação sujeito-objeto-imagem não podia deixar de ser considerada (LEAL, 2008, p.27-28).

Para contextualizarmos o período de fundação da EBAP, trazemos aqui a Constituição Federal<sup>21</sup>, de 1934, que propôs traçar as diretrizes da educação nacional, determinando as condições de reconhecimento oficial dos estabelecimentos e dos institutos de ensino superior, bem como as condições a fiscalização. A Constituição de 1937 dava continuidade às mudanças da anterior e previa, no Art. 132, dar auxílio e proteção às instituições fundadas por associações civis. No Art. 134. alegava proteger os monumentos históricos, artísticos e naturais. Além de que, em 1937, um golpe militar instaura o Estado Novo, que vigorou até 1945. Desta nova política, surgiram mudanças na legislação educacional que afetaram as instituições escolares do país, dentre estas a EBAP. Até mesmo a implantação da CLT de

---

<sup>21</sup> Legislação Histórica. Constituições anteriores. Disponível em: <http://www4.planalto.gov.br/legislacao/legislacao-historica/constituicoes-antiores-1>.

1943, que implica na valorização profissional, ordena que a EBAP cumpra o papel de remunerar os professores para atender as fiscalizações necessárias e poder se equiparar às outras instituições de ensino.

Neste sentido, a propósito dos anos de 1930, Albuquerque Jr. (2001) corrobora que:

A década de trinta é um momento de intensa disputa entre os diferentes projetos ideológicos e intelectuais para o país, momento em que as organizações e instituições como a Ação Integralista Brasileira, o Partido Comunista, a Aliança Nacional Libertadora, a Igreja, o Estado e seus ideólogos travam uma intensa batalha em torno da atribuição de um novo sentido à história do país, à nação e ao seu povo. Nesse momento a literatura se converte num meio de luta importante, para se impor como uma visão e como uma fala sobre o real, oferecer uma interpretação e uma linguagem para o país e produzir subjetividades coletivas, afinadas com os objetivos estratégicos traçados por cada micropoder. O romance social, influenciado não só pelo modernismo, mas sofrendo ecos do realismo socialista, serve aos artistas como veículos de enfrentamento da ordem existente, ordem que solapava a própria aura que envolvia o artista e a obra de arte, que envolvia o escritor e o romance (ALBUQUERQUE JR., 2001, p. 208).

É neste panorama, do Brasil no início do século XX, que vemos surgir alterações na educação que buscavam atender às necessidades, também impostas pela modernidade, que se instaurava e fazia emergir uma classe trabalhadora e profissionalizada. É neste cenário político e social que a EBAP vai atuar, tendo como base, as mudanças na legislação da educação, pleiteando a equiparação federal da escola. Por conseguinte, alterações na seriação do currículo dos cursos, nos programas das disciplinas, no ingresso dos alunos e principalmente na atuação dos professores, foram exigências a serem atendidas, para a escola alcançar o almejado reconhecimento dos seus cursos. É possível inferir que as mudanças, exigidas pelo Ministério da Educação, apontaram para uma adequação da EBAP a tais determinações. Um processo não muito fácil para a instituição. Tratava-se de uma tentativa de gerar um melhor desempenho e uma busca para a execução de um ensino, atento às necessidades da época, com ganhos para a formação artística e técnica dos estudantes que cursavam a EBAP.

Neste capítulo, almejamos abordar a compreensão educacional da EBAP em consonância às diversas mudanças estruturais que a escola passou, na tentativa de penetrar na formação artística ambicionada pela escola. A partir daí, pretendemos identificar e visualizar, algumas das mais significativas atividades escolares, relacionando-as com concepções e metodologias de ensino adotadas pela escola. Outra indagação é acerca das concepções

educacionais, seguidas pela escola, como estas se comportaram à portas do movimento modernista e como foi sendo apropriado pela instituição e seus integrantes. Atentaremos ainda, para as rotinas das atividades, as exposições e viagens culturais empreendidas pelos professores no cotidiano das atividades culturais. A postura profissional dos professores e dos alunos diante das metodologias empregadas no dia a dia escolar também serão analisadas.

## **2.1 Percepções de ensino da arte na EBAP (1932-1946)**

A EBAP teve seu arcabouço curricular, inicialmente, a partir da ENBA. Adiante, foi estruturada pelo Decreto de nº 19.852 de 1931, que organizava o ensino artístico, técnico e profissional. Uma modificação ocorreu em 6 de julho de 1933, pelo Decreto nº 22.897, que também alterou o ensino artístico ministrado pela ENBA. Este decreto pretendia ter uma “intervenção mais direta na conservação do patrimônio artístico do país, nos meios de difusão do seu conhecimento e incentivo ao progresso das artes plásticas”. Foi a partir deste modelo que a escola passou a organizar o seu ensino, regulamentada nos moldes da escola carioca. Algumas modificações foram determinantes, abrangendo a ampliação de tempo para conclusão dos cursos e uma nova distribuição para as disciplinas (SILVA, 1995, p. 135). Em razão disso, “a organização didática foi planejada pelos fundadores segundo seus conhecimentos na prática do magistério e durante sua vida discente na Europa, pois, uma parte dos fundadores frequentou cursos na Europa” (MARQUES, 1988, p. 34).

Inicialmente, as referências filosóficas da EBAP, e apesar do regulamento da escola ser elaborado com referências na estruturação curricular da ENBA, tinham “características da filosofia germânica, com influências de Heinrich Moser e Frei Matias Teves” (MARQUES, 1988, p. 31). Moser vinha da escola alemã e o Frei Matias Teves, de formação religiosa, e podem ser considerados importantes referências norteadoras das ações do corpo docente e da estrutura educacional da instituição em sua fundação.

Sobre a metodologia escolar destacam-se a observação e a prática de exercícios, pautada nos fundamentos do ensino academicista,

É dada a ênfase a observação que o aluno deveria desenvolver na prática, a qual só se conseguiria com o treino regular e a crítica que através do conhecimento teórico e prático viria possibilitar-lhe o domínio da criatividade artística. [...] As estratégias de ensino são as de debate, discurso didático, conferência, esclarecimento de dúvidas,

argumentação, visitas ao campo e visitas aos locais que venham a complementar a teoria (MARQUES, 1988, p. 33).

Por intermédio das atividades, amplamente desenvolvidos em sala de aula, “[...] o professor deveria ensinar o aluno a utilizar seus conhecimentos nos exercícios das disciplinas práticas, no campo, em excursões e em visitas a (sic) obras em construção” (MARQUES, 1988, p. 33-34). As visitas programadas pelos professores tinham esta finalidade. O professor de História da Arte, frei Matias Teves, apresentava esta compreensão quanto à importância dos alunos observarem a arquitetura na relação direta com os monumentos históricos que tinha a seu dispor, como podemos observar na fotografia abaixo (Imagem 8) que registra uma das aulas da disciplina.



Imagem 8 - O professor Matias Teves acompanha os seus alunos em aula de campo de História da Arte. Local e autor da fotografia desconhecidos. Fonte: Acervo do MDB-

Desta forma, podemos inferir que o aluno era motivado pelo professor a realizar “perguntas; os temas para os exercícios escolares são escolhidos dentro de uma possível aplicação que conduza a um resultado aceitável na prática” (MARQUES, 1988, p. 34).

A participação dos alunos era efetiva. Esta prática pode ser verificada também a partir dos registros realizados pela imprensa. Adiante, temos uma nota, divulgada pela Folha da Manhã, que traz, como exemplo, a excursão dos alunos à praia de Gaibú, no Cabo de Santo Agostinho, hoje região metropolitana do Recife.

Por iniciativa do Diretório Acadêmico da Escola de Belas Artes, os alunos daquele estabelecimento excursionarão, hoje, à praia de Gaibú. Os estudantes viajarão em ônibus cedido pelo secretário do Interior, fazendo-se acompanhar de professores. Trinta pessoas compõem a caravana, que partirá pela manhã do edifício da escola (Folha da Manhã. Recife, 26 de setembro de 1943).

A EBAP promoveu inúmeros eventos acadêmicos nas suas dependências, como conferências e palestras proferidas por intelectuais da área de artes, vindos de outras regiões do país e do exterior. Em meados de 1945, estes eventos ocorreram com mais frequência promovidos pelo apoio do Estado e pelo aumento das subvenções desta instância.

Outro exemplo da participação dos alunos nas atividades escolares fora da escola, registrada no Jornal do Commercio<sup>22</sup>, foi a visita organizada pelo professor de História da Arte, frei Matias Teves, a uma exposição de arte sacra, no município de Goiana, em Pernambuco. Neste evento os alunos conheceram as igrejas, o Convento de Nossa Senhora do Carmo e na volta foram conhecer as igrejas da cidade de Igarassu, onde encontra-se a Matriz dos Santos Cosme e Damião, a igreja católica mais antiga do Brasil.

Podemos verificar, na imagem abaixo (Imagem 9), mais uma atuação dos professores da EBAP, no sentido de aliar a prática à teoria, proporcionando aos alunos apreenderem os conhecimentos específicos das disciplinas *in loco*.

Um exemplo dos eventos realizados, foi a palestra do escritor Mário Sete, “O Recife de outrora através de velhas estampas”, que ocorreu no aniversário da escola, como divulgam os jornais<sup>23</sup> Folha da Manhã e o Jornal do Commercio. A palestra do professor Pelópidas Silveira, sobre “Anatomia e Artes Plásticas”, divulgada pela Folha da Manhã, em 15/11/1945. A conferência do professor Lucien Poussel, “adido cultural da França no Recife, pronunciará, focalizando a pintura francesa na época medieval. Ilustrando a conferencia, serão projetados vários filmes sobre as obras mais características da pintura religiosa na França 6/04/1946”. Também foram realizadas conferências do professor Antonie Bon<sup>24</sup>, da faculdade de Filosofia do

<sup>22</sup> Jornal do Commercio. Alunos da Escola de Belas Artes em Visita a Goiana. Recife, 10 de outubro de 1944.

<sup>23</sup> Jornal do Commercio. Recife 15 de agosto de 1945. Folha da Manhã. Recife, 19 de agosto de 1945.

<sup>24</sup> Arte Barôca. A conferência, ontem, do professor Antoine Bon. Folha da manhã, 09/11/1944. Arte barôca. A segunda conferencia, hoje, do professor Antoine Bon. Jornal do Comercio. Recife 9 de novembro de 1944.

RJ, convidado pelo governo do Estado, sobre a história da arte; a arte barroca e a pintura francesa do século XX (FOLHA DA MANHÃ, 09/11/1944; JORNAL DO COMMERCIO, 8/11/1944).

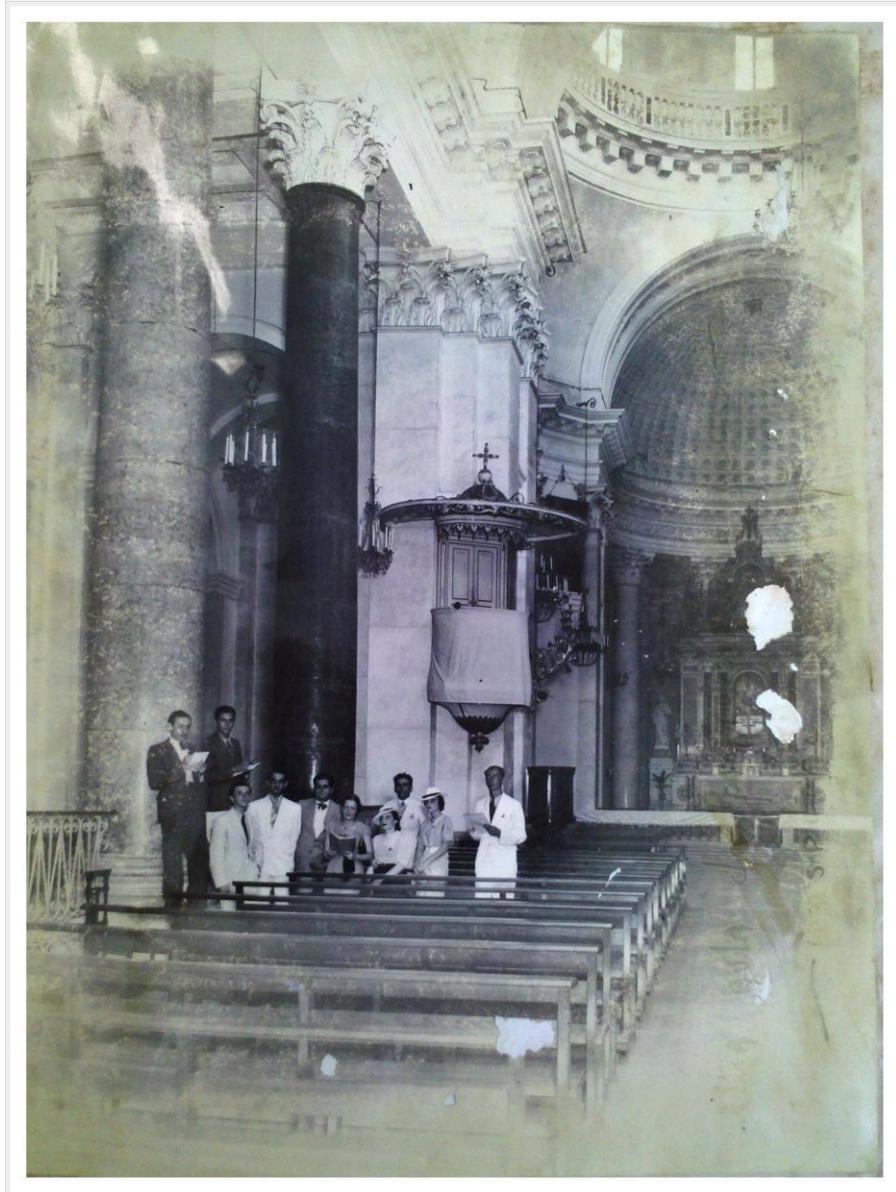


Imagem 9 - Uma aula da disciplina de Arquitetura Analítica acompanhados pelo professor da disciplina, na Basílica da Penha, Olinda. Autor desconhecido. Fonte: Acervo do MDB-BC/UFPE.

A EBAP realizava mostras públicas dos trabalhos dos alunos, do ano letivo, das disciplinas dos cursos de Arquitetura, Pintura e Escultura. Uma destas exposições, em 1941, permaneceu aberta ao público durante vinte dias e teve o número de 1.203 visitantes. Sobre estes eventos, Galvão (1941) corrobora, “os jornais deram amplas notícias louvando a

iniciativa desta instituição, que apresentava para conhecimento do público os seus valores até então ocultos, dando-lhe ao mesmo tempo o necessário estímulo” (RELATÓRIO DA EBAUR DOS ANOS DE 1941 A 1942).

Embora a EBAP mantivesse uma prática de apresentar os trabalhos escolares realizados durante o ano letivo aos familiares e ao público em geral, organizadas em exposições<sup>25</sup>, os trabalhos realizados durante o ano letivo, os alunos também participavam de apresentação de trabalhos fora da instituição. Em comemoração aos nove anos da escola, os alunos do curso de Arquitetura e Pintura proferiram palestras na Rádio Clube de Pernambuco (JORNAL DO COMMERCIO. Recife, 19 de agosto de 1941). Estas apresentações estavam associadas aos conteúdos escolares.

As atividades que a escola promovia nas suas dependências geravam uma movimentação entre os estudantes. Constatamos que, um prêmio em dinheiro, no valor de cem mil réis - 100\$000, foi instituído para estimular os alunos a frequentarem a biblioteca da EBAP. Como podemos conferir no *Relatório da EBAUR dos anos de 1941 a 1942*, os alunos deveriam frequentar a biblioteca, realizar pesquisas individuais ou em dupla, sendo o trabalho em formato de texto, apresentado a banca examinadora que selecionaria os ganhadores.

## 2.2 Aulas nos ateliês da EBAP: prática atrelada à teoria

As aulas no ateliê eram os primeiros passos aos exercícios básicos vivenciados pelos estudantes da EBAP. Por este motivo, estas aulas eram de fundamental importância na construção da metodologia adotada pela escola. Conforme Galvão, deveriam ser a segunda casa dos estudantes da EBAP.

Na EBAP, que os ateliês apresentavam a seguinte estrutura:

[...] os seus estúdios, a sua biblioteca, os seus salões de aulas de anatomia, com telas para projeção, os seus modelos, tudo conseguido sabe Deus como. Os estúdios são quentes mas claros e limpos e, dentro deles, num mourejamento encantador, sessenta a oitenta alunos cada ano perfazem a sua média de frequência e povoam as suas peças semi-assombradas, o que prova o prestígio da instituição, muito embora de raro em raro, o que é naturalíssimo, surja um ou dois nomes de nomeada, depois de um longo preparo, mercê do qual, de traço em traço e de pincelada em pincelada,

---

<sup>25</sup> Exposição dos trabalhos dos alunos dos cursos de Pintura e Escultura da EBAP. Aberta ao público. Jornal do Commercio . Recife 15 de dezembro de 1944.

aprendem a recobrir uma maçã ou a penetrar no segredo da forma e do colorido (COSTA, 1947).



Imagem 10 - Ateliê ou gabinete de Topografia. Autor desconhecido. Fonte: Acervo do MDB-BC/UFPE.

Segundo Aurora Lima, professora, artista e aluna fundadora, a EBAP, era indicada para atender aos seus propósitos, pois “era um ambiente todo de arte, nós tínhamos trabalhos em madeira, trabalhos em escultura, era tudo muito organizado, era cheio de espelhos dourados, jarros, porcelanas chinesas, japonesas e francesas, de forma que era um ambiente rico que estimulava o aluno” (SILVA, 1995, p.134). Aurora Lima, ainda complementa: “As aulas transcorriam com tranquilidade”. A aluna mais antiga, ainda viva, da escola, relata que o dia a dia dos alunos era agradável (SILVA, 1995, p. 143).

Pela manhã, conforme o seu horário, o aluno chegava e ia direto trabalhar. Quando o professor chegava, em geral os alunos já estavam em sala, dedicados a alguma tarefa. Assistia-se a nova orientação. Caso fosse um trabalho para ser desenvolvido em sala, logo se movimentavam. Quando não, pegavam pranchas ou se dirigiam a salas especiais. Faziam desenhos, pinturas, cartazes, tudo o que o professor pedia, com o material que se podia aproveitar (SILVA, 1995, p.143).



Imagem 11 - Ateliê de Composição de Pintura. Autor desconhecido.  
Fonte: Acervo do MDB-BC/UFPE.

Observando uma imagem da aula de Pintura de Paisagem, podemos até intuir que os alunos do artista Mário Nunes atuavam “de cabeleira ao vento, de cavaletes transportados para o quintal, copiando o rio, os fundos das casas ou um detalhe da ponte da Madalena, antes de estar habilitados a invadir campos e praias do Recife, sob a tutela espiritual do seu dedicado mestre” (COSTA, 1947).



Imagem 12 – Aula de Pintura de Paisagem na área externa da EBAP.  
Autor desconhecido. Fonte: Acervo do MDB-BC/UFPE.

Considerando as imagens dos ateliês, podemos confirmar ainda que as aulas eram voltadas para a cópia dos vários modelos de gesso, bustos e placas de ornatos, doados, comprados ou enviados por artistas do Rio de Janeiro, para serem utilizados como material didático nas aulas das diversas disciplinas dos cursos de Pintura, Escultura e Gravura.



Imagem 13 - Ateliê ou gabinete de Artes Decorativas. Autor desconhecido.  
Fonte: Acervo do MDB-BC/UFPE.

O ateliê de Artes Decorativas era composto por bancadas com bancos para quatro alunos, pranchetas individuais, fotografias com o tema da disciplina, arquivos móveis para expor os trabalhos, móveis, tecidos e modelos de gesso (Imagem 15). Podemos perceber que os alunos tinham os elementos que favoreciam a execução de projetos para o planejamento de ambientes, que atendiam as especificações da disciplina.



Imagem 14 - Ateliê ou gabinete de Artes Decorativas. Autor desconhecido. Fonte: Acervo do MDB-BC/UFPE.

Como foi citado anteriormente, a metodologia da escola seguia três passos: o primeiro seria a observação; segundo a cópia dos modelos de gesso no ateliê; o terceiro, após o aluno desenvolver a habilidade do desenho, ele teria aulas externas aos cômodos da escola, de observação da natureza.



Imagem 15 - Busto de gesso, para realizar as cópias feitas pelos alunos no ateliê de Escultura. Fonte: Acervo da EBAP, MDB – BC/UFPE.

Como o neoclássico serviu de base para a implantação do sistema de belas artes, “são criadas normas e regras para o ensino que são uma imposição de modelos europeus, que interferem de forma contundente na procura de uma linguagem ligada à identidade nacional” (SILVA, 1995, p. 138).

Neste sentido, como podemos visualizar na imagem abaixo, que o ateliê possuía elementos didáticos, como exemplares em mármore, da Vênus de Milo, bustos de gesso, modelos de diversas partes do corpo, cavaletes rotativos, local para a posse dos modelos e um conjunto decorativo de baixo relevo.



Imagem 16 - Ateliê de Escultura. Fonte: Acervo da EBAP. MDB – BC/UFPE.

O programa da disciplina determina que sejam feitas cópias dos modelos clássicos em gesso, exercícios práticos da observação dos modelos de flores, folhas, frutos. Apenas no 2º ano o aluno fará exercícios de estudos da figura humana, inicialmente as cópias dos elementos em gesso e depois do modelo vivo. No ateliê de Modelagem (Imagem 17) podemos visualizar, a partir da imagem, fragmentos de vários elementos arquitetônicos das ordens dóricas, jônica e coríntia, cartelas de renascença, frisos de entablamentos, fragmentos de flores.



Imagem 17 - Ateliê de Modelagem. Autor desconhecido. Fonte: Acervo do MDB-BC/UFPE.



Imagem 18 - Ateliê de Natureza Morta. Autor desconhecido. Fonte: Acervo do MDB-BC/UFPE.

A aluna fundadora, Chloris Marcella Dornella Câmara, que concluiu o curso de Pintura em dezembro de 1936, comenta que as aulas da disciplina de Anatomia, “aconteciam em Hospital, sob a responsabilidade do médico João Alfredo da Costa Lima” e que o professor dissecava cadáveres diante da turma (CÂMARA, 1984, p. 15), como podemos observar na imagem abaixo.



Imagem 19 - Uma aula de Anatomia no necrotério do Hospital “Santo Amaro”. Descrição do diretor Joel Galvão, fotografia de autor desconhecido. Fonte: Acervo do MDB-BC/UFPE.

No programa da disciplina Anatomia e Fisiologia Artísticas o aluno tinha a possibilidade de conhecer toda a estrutura do corpo humano, do esqueleto aos músculos, e toda a sua nomenclatura. No tópico ‘cabeça’, havia estudos das expressões das emoções. Depois, o aluno estudava o movimento do corpo humano em várias posições, deitado, sentado, dentre outras.

A disciplina era finalizada com o tópico ‘Anatomia comparada - Dados Gerais’, onde o estudante via a fisiologia animal: do cavalo, dos animais ruminantes, e dos felinos: o leão e o tigre. E por último a águia. Este programa identifica-se como de origem da ENBA, do Rio de Janeiro, em 14 de março de 1933. Visto que, apesar das modificações empreendidas pela instituição para a almejada equiparação, a EBAP ainda seguia o escopo curricular da escola do Rio de Janeiro.

Podemos observar o interesse especial de associar esta disciplina as artes visuais, pelo professor João Alfredo, visto que este foi o tema da seu mestrado apresentado na EBAP, em 1944. Temos ainda o convite para a conferência, realizada no dia 18 de março de 1944, e depois publicada na íntegra, com transcrição para a leitura do público, no *Jornal do Commercio*<sup>26</sup> com o título “Anatomia e Artes Plásticas”.

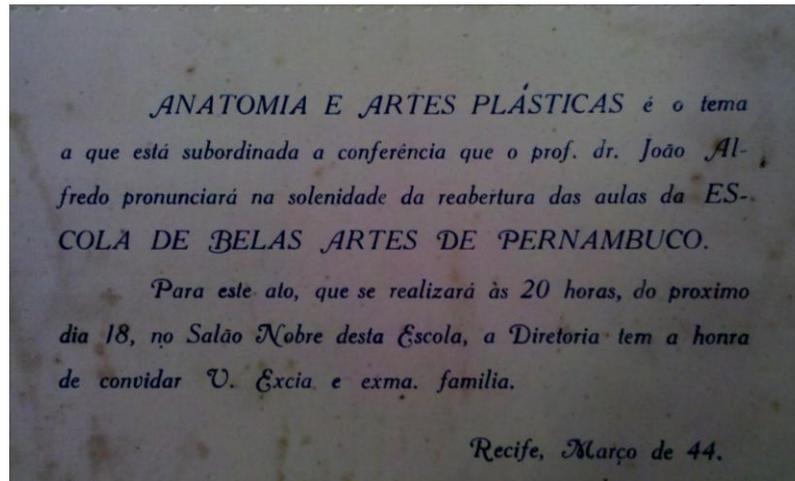


Imagem 20 - Convite para a conferência do professor João Alfredo. Livro Recortes de Jornais. Fonte: Acervo do MDB-BC/UFPE.

Os cursos de Pintura e Escultura impulsionavam as atividades da escola, como se depreende do comentário adiante:

Incidem outras alterações no currículo dos cursos, porém é no curso de Pintura e Escultura que vislumbra-se um crescente avanço na área técnica, além de receber a introdução de História das Bellas Artes e Perspectiva e Sombras, no primeiro ano e a retirada de Geometria Descritiva. No segundo ano, sai a cadeira de Perspectiva, que havia ido para o primeiro ano, e Arquitetura Analítica, e introduz-se História das bellas artes (SILVA, 1995, p. 146).

### 2.3 Concepções tradicionais e o embate com o movimento modernista. Quais os conflitos?

Para Mario de Andrade, o modernismo não era um movimento artístico e nem era

<sup>26</sup> *Jornal do Commercio*. Recife, 20 de abril de 1944.

uma estética nem na Europa nem aqui. Era um estado de espírito revoltado e revolucionário, que, se a nós nos atualizou, sistematizando como constância da inteligência nacional o direito antiacadêmico de pesquisa estética, e preparou o estado revolucionário das outras manifestações sociais do país, também fez isso mesmo no resto do mundo (ANDRADE APUD PEDROSA, 2004, p.135-136).

Em paralelo a implantação da EBAP, outro termo “estético se iniciava em Recife: o modernismo, que chega a terras pernambucanas relativamente com pouco atraso em relação à *Semana de Arte Moderna de 1922*, marco da atualização do Brasil com a modernidade europeia”. Os primeiros ares modernistas chegaram por meio do irmão de Fédora Fernandes, o pintor Vicente do Rego Monteiro, que traz, em 1930, a *Escola de Paris* para Recife. A exposição apresenta nomes como Picasso, Leger, Dufy, Braque e Miró expuseram na capital do Estado. Recife, nesse aspecto, esteve na vanguarda em relação ao eixo Rio/São Paulo (ALVES, 2010, p.187).

Jovens artistas organizaram, no Recife, em 1933 um salão particular de pintura. Seria um contraponto ao tradicionalismo da EBAP? A esse respeito, Rodrigues (2008, p.31) afirma, “essa ação coletiva representou, sobretudo, uma ruptura com a arte tradicional, inclusive um alerta à recém-criada Escola de Belas Artes do Recife ao que houvesse de conservadorismo no ensaio das artes”.

## **2.4 O perfil dos alunos da EBAP e como se dava o ingresso na escola**

Existia um regulamento de ingresso na escola? Os critérios de matrícula e a questão criteriosa do ingresso dos alunos na escola podem ser averiguados no livro *Nº 33 Livro Taxa de Matrícula do Curso Livre dos Anos de 1932 A 1941*<sup>27</sup>. Igualmente podemos analisar qual o perfil dos alunos da EBAP e como se dava a candidatura à estudante da escola, através dos documentos solicitados.

No comprovante do departamento de saúde as seguintes informações: nome, naturalidade, residência, a vacinação contra varíola, idade, cor de pele, e o número de cicatrizes. Outro documento expedido pelo Departamento de Saúde Pública, de 1938, do Centro de Saúde de Santo Antonio, no qual consta a comprovação de vacinação e que não sofre de doença infecto contagiosa e mental.

---

<sup>27</sup>Dados coletados do livro *Nº 33 Livro Taxa de Matrícula do Curso Livre dos Anos de 1932 A 1941*, com a lombada descrita Matrículas Cursos Livres -1932 A 1947 EBAP .

Atestado de procedência, de bom comportamento no trabalho ou da escola de origem, como exemplo, o atestado do Colégio Ateneu Pernambucano, de 1938, que traz no corpo o texto “*Atesto que o senhor Olimpio de Meneses Filho é aluno deste Colégio, cursou o curso primário e cursa, agora, o 1º ano ginásial, tendo se mostrado menino de ótimo aproveitamento e comportamento*”. Um outro atestado anuncia a habilidade da candidata a aluna da EBAP, da Escola Technico Profissional Feminina, em 1939, da seguinte forma: “*Atesto que Isaura Costa Campos frequentou regularmente a secção de Pintura e Arte Decorativa desta Escola, tendo demonstrado sempre aproveitamento e ótimo comportamento*”.

Era necessária a apresentação pelos pais, caso fosse menor de idade de idade, e ainda solicitação por escrito dos professores para obter a gratuidade de seus filhos na escola. Documentos como Título de Nacionalidade, para os que eram estrangeiros, também eram requeridos.

Em 1938, poderiam se inscrever no concurso, segundo os critérios do edital, TITULO II - Dos candidatos ao Concurso, até mesmo os alunos que solicitavam ingresso com gratuidade. Temos neste documento uma solicitação, de 1940, direcionada ao diretor da escola, justificando e descrevendo as condições do candidato a estudante da EBAP: “Venho recomendar à sua vontade o menor Fernando Cardoso que deseja se matricular, gratuitamente, no curso de desenho da Escola de Belas Artes. Filho de operário, sem recursos para custear os seus estudos, mercê bem que lhe seja facilitada essa oportunidade”.

Ainda sobre o perfil dos estudantes e suas preferências pelos cursos, podemos inferir, a partir de dados do livro *Nº 33 Livro Taxa de Matrícula do Curso Livre dos Anos de 1932 a 1941*, que a procura pelos cursos livres artísticos, aqueles que podiam frequentar a escola, mas que não tinham vínculo com a instituição, eram na sua maioria pelo público feminino. A visão tradicional que a formação profissional e técnica era destinada apenas ao público masculino, é visível nas matrículas até os anos de 1941. É fato afirmar, observando o quadro abaixo, que os cursos livres, com perfis técnicos, eram procurados pelo público masculino e os cursos livres, com perfil artístico, pelo público feminino.

Este modelo leva-nos a inferir que a formação artística ainda não era valorizada como profissão para as mulheres. Os cursos técnicos eram voltados para a formação masculina, preparando-os para o mundo do trabalho. A ideia do acesso à arte para as mulheres apenas como forma de lazer, contemplação, e elevação das qualidades e dos dotes femininas, é recorrente. Zaccara (2014, p. 12) assevera que “No Nordeste, a ideia de que arte para as mulheres era passatempo, uma prenda a mais, consolidando uma formação voltada

principalmente para o casamento foi bem mais presente do que na região Sudeste [...]”. Zaccara completa, “essa realidade reflete-se na inserção feminina no mercado de trabalho”.

Como podemos observar na tabela a seguir:

ALUNOS MATRICULADOS NOS CURSOS LIVRES DE ARQUITETURA, PINTURA, ESCULTURA E GRAVURA ENTRE OS ANOS DE 1932 A 1941.																					
CURSOS LIVRES	ALUNOS	ALUNAS	TOTAL	PINTURA	COMPOSIÇÃO	MODELAGEM	ARTES APLICADAS	DESENHO	NATUREZA MORTA	DESENHO FIGURADO	ESCULTURA	ANATOMIA	MODELO VIVO	PEQUENAS COMPOSIÇÕES DE ARQUITETURA	HISTORIA DAS ARTES	MATERIAS DE CONSTRUÇÃO	PAISAGEM	ARCHITECTURA	PERSPECTIVA	GEOMETRIA DESCRITIVA	ARTES DECORATIVAS
	5	15	20	0	1	13	8	4	9	22	16	6	8	11	1	1	8	3	6	1	5
	2	11	13	4	4	13	8	4	4	22	16	6	8	11	1	1	8	3	6	1	5
	4	4	8	4	9	22	16	6	8	22	16	6	8	11	1	1	8	3	6	1	5
	4	9	13	4	9	22	16	6	8	22	16	6	8	11	1	1	8	3	6	1	5
	1	22	23	1	22	22	22	7	8	12	1	1	8	13	6	3	5				
	6	16	22	1	11	12	1	1	1	8	13	6	3	5							
	1	6	7	0	8	12	1	1	1	8	13	6	3	5							
	0	8	8	10	3	6	1	2	0												
	1	11	12	0	1	1	1	0	0												
	0	1	1	0	1	1	1	0	0												
	0	1	1	0	1	1	1	0	0												
	0	1	1	0	1	1	1	0	0												

Fonte do autor, em 22/09/2014.

A aluna Chloris Câmara, que concluiu sua formação na EBAP, em 1936, menciona sobre a preferência dos alunos pelo Curso de Pintura, que “era um dos mais concorridos e que a turma era constituída de uns vinte alunos, da camada social média, os quais ingressaram por exame de seleção” (CÂMARA, 1984, p. 15).

## 2.5 Concepções de avaliação da EBAP

No que diz respeito à aprovação dos alunos, o ano letivo era dividido em dois períodos: período de exames e de férias> De acordo com as disposições vigentes na Escola Nacional de Belas Artes, os períodos didáticos tinham uma duração de total de 230 dias (7

meses e 20 dias). Os horários de cada disciplina tinham duração de 45 minutos, sendo ministradas três vezes por semana. A frequência era obrigatória. Os alunos que não comparecessem a dois terços das aulas de preleção, não podiam realizar as provas finais. Os alunos que não compareciam e/ou não tinham executado pelo menos três quartos dos trabalhos escolares propostos e aceitos pelos professores. A frequência era registrada pelo professor em cadernetas, unicamente para este fim, e apuradas anualmente para fins de aprovação para o período posterior.

A aprovação em uma cadeira dependia de três elementos: a média de trabalhos escolares, a média de provas parciais e da nota do exame final. O modelo e número de trabalhos escolares dependiam da natureza da disciplina. As provas parciais eram duas, uma no fim de cada período letivo. Consistiam na solução de questões propostas, mediante sorteio entre a matéria dada ou, para as cadeiras práticas ou especiais, na execução de trabalho cujo tema era escolhido mediante sorteio. Os exames finais consistiam de prova oral, compreendendo parte vaga e ponto sorteado, para as cadeiras teóricas e teóricas-práticas; da execução, em número determinado de sessões, de tema escolhido pela banca examinadora, para as cadeiras práticas; e do desenvolvimento, em número determinado de sessões, de tema também escolhido pela banca examinadora, para as cadeiras especiais.

Para a inscrição em exame final era necessário que o aluno obtivesse média igual ou superior a cinco, quer nas provas parciais, quer nos trabalhos escolares da respectiva disciplina. Caso não satisfizesse estas condições, o aluno repetiria a cadeira. O aluno que obtinha a média igual ou superior a seis nas provas parciais e nos trabalhos escolares e preenchesse as condições de frequência era aprovado, independentemente de prestar exame final. No caso de prestação de exames finais, a aprovação dependeria de ter sido obtida a média igual ou superior a cinco, entre a média das provas parciais, a média dos trabalhos escolares e a nota de exame final. Esta média geral era ponderada (com pesos 1, 2 e 3) nas cadeiras que exigiam a prova prática final, sendo adotada média geral aritmética nas demais.

Eram consideradas 'teórico-práticas' as seguintes cadeiras: História da arte e Anatomia. Eram consideradas cadeiras práticas: Geometria Descritiva, Desenho, Modelagem, Perspectiva, Arquitetura analítica, Arte Decorativa, Desenho de Modelo Vivo (1º, 2º e 3º ano), Pintura (2º ano), Escultura (2º e 3º anos). São consideradas cadeiras especiais: Grandes Composições de Arquitetura, Modelo Vivo (4º ano), Pintura (3º e 4º anos) e Escultura (4º ano).

O rigor com que eram realizados os exames pode ser avaliado pelo seguinte resultado no ano de 1937: em 67 exames de promoção realizados, houve 40 aprovações contra 27 reprovações, ou seja, 59,7% aprovados e 40,3% reprovados.

Em 1944, o *Jornal do Commercio*<sup>28</sup> divulgava o edital do Diário Oficial que trazia o programa do concurso para o exame vestibular para os cursos de Pintura, Escultura e Gravura. Para os exames, eram exigidas as seguintes matérias: Desenho Figurado, Modelagem e Desenho Geométrico. Os documentos exigidos eram o certificado de conclusão do curso secundário fundamental e para o ingresso do Curso Livre pedia-se o certificado da 3ª série do curso secundário.

O Diário de Pernambuco<sup>29</sup> divulgava que as disciplinas para o exame para o curso de Arquitetura eram: Matemática, Física, Desenho Projetivo e Desenho Figurado. Divulgava ainda os Cursos Livres de Desenho Figurado, Natureza Morta, Paisagem, Desenho de Modelo Vivo, Modelagem, Escultura, Geometria Descritiva, Arquitetura Analítica, Anatomia, História da Arte, Perspectiva e Arte Decorativa.

Após o reconhecimento dos cursos, o ingresso na escola sofreu algumas alterações, como demonstra a reportagem do *Jornal do Commercio*, de 1946, que trazia informações sobre o vestibular para os cursos de Arquitetura, Pintura e Escultura:

Esta sendo publicado no Diário Oficial o edital para o concurso de habilitação desses cursos, encerrando-se as inscrições no dia 10 de fevereiro próximo. Os candidatos deverão juntar ao requerimento de inscrição os seguintes documentos: certidão de nascimento (idade mínima de 17 anos para Arquitetura e 15 para Pintura ou Escultura); prova de identidade; atestado de sanidade, de vacina e de idoneidade moral; prova de que está em dia com as obrigações relativas ao serviço militar; e, para o curso de Arquitetura certificado do curso complementar, clássico ou científico ou de curso secundário quando for o caso e para os cursos de Pintura e Escultura, certificado de conclusão do curso secundário fundamental ( ou da 3ª serie para o curso livre). A taxa de inscrição é de Cr\$ 50,00. O concurso para Arquitetura versará sobre Matemática, Física e Desenho. O concurso para Pintura e Escultura versará sobre Desenho Geométrico, Desenho Figurado e Modelagem<sup>30</sup>. (grifos do autor)

A partir da análise realizada, comparando as imagens, os depoimentos e os documentos oficiais da EBAP, observamos a preocupação do professorado da escola em relacionar a teoria à prática, visível nas aulas que aconteciam fora da escola. Estas atividades eram uma constante dentre os eventos planejados pelos professores. Tendo como base a

<sup>28</sup> Escola de Belas Artes de Pernambuco. *Jornal do Commercio*. Recife, 30 de dezembro de 1944.

<sup>29</sup> Diário de Pernambuco, Recife, 01 de fevereiro de 1946.

<sup>30</sup> ESCOLA DE BELAS ARTES DE PERNAMBUCO. *Jornal do Commercio*. Recife, 27 de janeiro de 1946.

ENBA do Rio de Janeiro não deixou de ter um jeito próprio, característico as nossas raízes e cultura. Apesar de ter uma base curricular comum a escola carioca, a EBAP promoveu a cultura e os artistas locais em exposições de arte e eventos culturais. Percebemos que toda a metodologia educacional foi-se moldando aos ideais dos anseios da comunidade artística local, próximos do propósito da manutenção de uma escola artística em Pernambuco.

A participação dos alunos, nos diversos segmentos da instituição também era motivada. A formação do Diretório Acadêmico, do grêmio estudantil dos estudantes foi amplamente apoiada, segundo documentos oficiais. Além das viagens, em forma de visitas a entidades, onde os estudantes acompanhavam os professores para atender as demandas externas da escola.

A EBAP estimulava a participação da comunidade do entorno da escola, como toda a sociedade recifense, esta sendo uma importante aliada à permanência da escola na cidade. Promovia eventos culturais e acadêmicos, comemorações onde envolvia não apenas os alunos e seus familiares.

Os professores da EBAP dos cursos artísticos vinham das diversas instituições educacionais do Recife e não se isolaram da movimentação artística influenciada pelas vanguardas que vinham no sudeste do país, ao contrário, estas foram absorvidas. E consecutivamente, influenciaram os estudantes da escola. Estes alunos e alunas, que não mais tinham que deixar sua região para estudar arte, muitos originários de classe média e alta, filhos dos professores que viram nos cursos da EBAP uma oportunidade profissional, o ingresso no mercado de trabalho que indicava a necessidade de uma formação técnica, além da formação artística. Estes estudantes vinham do interior do Estado, de outras cidades do Nordeste, como o exemplo de Newton Navarro, artista potiguar. Dai a importância da EBAP para a região.

Os estudantes eram avaliados conforme sua competência de aplicar, nas atividades práticas, os conhecimentos teóricos introduzidos em cada disciplina pelos professores. A produção acadêmica era amplamente valorizada e exposta como resultado. Avaliação era acompanhada também pelos familiares, ponto positivo na observância do crescimento dos estudantes.



**O Ensino do Desenho na  
Escola de Belas Artes de Pernambuco (1932-1946)**

Por um longo período no Brasil, o ensino da arte foi compreendido, como o ensino do desenho. Segundo Barbosa (2010, p. 11-12), “[...] o século XIX, especialmente a década de 70, foi o período da História da Educação Brasileira em que a preocupação com o ensino da Arte (concebida como Desenho), se nos apresenta como mais extensa e mais profunda”. Mesmo no século posterior, das metodologias mais tradicionais as mais atuais, a ênfase na técnica do desenho nas aulas de arte foi evidente e amplamente praticada.

Conforme Pereira (2013), no período inicial da existência da AIBA, iniciava-se copiando, por meio do desenho, as estampas francesas, desenvolvendo-se aos poucos a habilidade de representação dos elementos do corpo humano e, depois do corpo inteiro. Após esta etapa, comprovando-se sua aptidão, o aluno passava da cópia das estampas para a dos moldes de gesso, em sua maioria greco-romanos, para que os estudantes apreendessem as proporções do corpo humano, tendo o contorno como elemento ordenador de seu trabalho. Passada estas duas etapas, vinha o aprendizado do desenho com o modelo vivo, a partir dos modelos nus, masculino ou feminino. Desta forma, sobre a metodologia da AIBA, Pereira corrobora, “era buscada a idealização clássica no desenho deste modelo, passando-se, com as modificações introduzidas pelas várias reformas no ensino, a um naturalismo de cunho mais científico”.

Desde o Renascimento [...] o desenho era visto como o meio fundamental para o artista dar concretude as suas ideias, sem o qual não conseguiria chegar a um bom termo em seus propósitos, seja na pintura, na escultura, na arquitetura ou em qualquer outra criação plástica. É por isto que, seguindo o modelo francês trazido pela Missão, desde os primórdios da nossa Academia o ensino do desenho tinha um papel preponderante entre as demais disciplinas (PEREIRA, 2013).

Ressaltando que, em determinados períodos da nossa história, quando se buscava a modernização do Brasil, o domínio do desenho representou um meio para o desenvolvimento econômico e social do país, associando-se progresso ao ensino da Arte aplicada à indústria. Sobre este fato, em consonância com o ideal de crescimento do país, dava-se ênfase ao ensino do Desenho. O Liceu de Arte e Ofícios deste período, sob a influência destes ideais, tenta articular o ensino da Arte com aplicações à Arte e à indústria. Sobre a importância do ensino do desenho, “justifica-se, nesse caso, porque servia como uma aliança entre a formação artística e a formação do artífice. O ensino do desenho era, a um só tempo, objeto e efeito do processo de disciplinarização interna dos saberes” (NASCIMENTO, 2010, p. 37),

No século XIX, Rui Barbosa empreendia a defesa do ensino do Desenho na Educação, na Reforma do Ensino Secundário e Superior, parecer e projeto apresentado à Câmara dos Deputados, para o decênio 1870-1880. Quando questiona, em seu relato, que o desenho até deveria preceder a escrita, ele afirma que:

Si alargarmos as bases da educação, associando os elementos da sciencia e da arte às materiais do ensino escolar, abriremos entradas ainda inacessiveis para aproveitar as faculdades de cada espirito, conforme os dotes peculiares a cada um, e pôr ao alcance de todos os primeiros passos em muitas carreiras uteis. Desta sorte nos premunimos contra esse malbaratamento da humana energia e essa desorientação da vida humana, ao mesmo tempo que alhanamos o caminho à diffusão geral da intelligencia e à propagação dos mais polidos hábitos do homem civilisado. [...] De mim para mim pergunto, até, si o desenho, na educação, não deve preceder á escripta, como estylo, que é, de escrever mais singelo, mais natural, menos intrincado, e que não emprega tanto as faculdades reflexivas como o uso de signaes arbitrarios, representantes, só por convenção, de idéas, das quaes algumas nunca lh acudiram, outras, si occorresse à creança, e as conseguisse perceber, n o lhe obteriam fé (BARBOSA, 1882, p, 41).

Porém, temos a referência ao ensino do desenho como componente ao desenvolvimento técnico e para o mundo do trabalho, que fica evidente no trecho:

O que cumpre, é que todos os generos de desenho elementar sejam ensinados, não como arte, mas como linguagem commum, e se utilizem, não como diversão, mas como instrumento prestadio. Tratado como linguagem, o desenho é uma como critica, exercida por nós mesmos sobre os nossos conhecimentos, mediante a qual ou sondamos a profundeza da nossa ignorancia, ou intelligivelmente exprimimos as noções e idéas de que dispomos. E', especialmente, a arte do desenho docil serva ao estudo da sciencia, estampando-lhe as verdades, pintando-lhe os phenomenos, e exhibindo-lhe as leis. Na escola, convem tomar rigorosas cautelas contra o risco de se praticar o desenho meramente com o intuito de produzir trabalhos de mimo ou belleza. Havemos de consideral-o como auxiliar, ou vehiculo, que nos ajude a expressão no estudo de outros assumptos; assim, por exemplo, na geographia, o desonho de cartas. Em vez de ensinar, pois, a uma classe, como prenda, a arte de desenhar flores, eu lhe daria lições de botanica, exigindo que os alumnos desenhassem os exemplos, afim de fixar na memoria os principios do desenvolvimento, os pontos de partida. Deste modo obteríamos desenhos exactos, alcançando-se, ao mesmo tempo, de lucro o conhecimento da botânica (BARBOSA, 1882, p, 41).

Silva (2004, p. 59) afirma que “a influência dessa disciplina continuou fortíssima no século XX e tinha por base o fato dos neoclássicos considerarem o artista como um “gênio”, uma inteligência superior que, por meio do desenho, seria limitada, domada pela razão, pela teoria, pelas convenções da composição para melhor atender à tradição e à história.

A importância da discussão da breve trajetória, do entendimento de ensino do desenho, em períodos espaçados da Educação em nosso país, clareia a compreensão do objetivo de sua inserção nos currículos escolares, principalmente do ensino superior.

Voltando ao questionamento desta pesquisa, pretendemos expor, neste capítulo, como era ministrado o ensino de Desenho na EBAP, nos cursos ofertados pela instituição. Atentaremos para a organização dos currículos dos cursos, tais como conteúdo, planos de aula, avaliação dos alunos, como se dava a permanência dos alunos nos cursos. Outro enfoque será como os professores ministraram a disciplina Desenho no período de 1932 a 1946.

### 3.1 Cursos que ofertavam a disciplina de Desenho: a organização do currículo escolar

Os cursos oferecidos pela EBAP eram organizados seguindo criteriosamente a seriação da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro (ENBA). Neste período, eram proporcionados, a título de formação profissional e artística, dois cursos: o de Arquitetura e o de Pintura, Escultura e Gravura. O curso de Arquitetura ofertado pela EBAP ainda não possuía a configuração em semestres, era ministrado em seis anos, nos quais tinham a seguinte distribuição das disciplinas:

CURSO DE ARQUITETURA					
1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	5º Ano	6º Ano
Matemática Superior	Resistência dos Materiais. Grafo-estática. Estabilidade das Construções (1ª parte)	Resistência dos Materiais. Grafo-estática. Estabilidade das Construções (2ª parte)	Teoria e Filosofia da Arquitetura (1ª parte)	Teoria e Filosofia da Arquitetura (2ª parte)	Legislação. Noções de Economia Política
Geometria Descritiva	Perspectiva. Sombras. Estereotomia	História da Arte (1ª parte)	História da Arte (2ª parte)	Física Aplicada	Prática Profissional e Organização do Trabalho
Materiais de Construção. Terrenos e Fundações	Elementos de Construção. Noções de Topografia	Sistemas e Detalhes de Construção (1ª parte)	Sistemas e Detalhes de Construções (2ª parte)	Higiene e Habitação. Saneamento das Cidades	Urbanismo. Arquitetura Paisagista
Arquitetura Analítica (1ª parte)	Arquitetura Analítica (2ª parte)	Arte Decorativa (1ª parte)	Arte Decorativa (2ª parte)	Grandes Composições de Arquitetura (1ª parte)	Grandes Composições de Arquitetura (2ª parte)

Desenho (1ª parte)	Desenho (2ª parte)	Pequena Composição de Arquitetura (1ª parte)	Pequena Composição de Arquitetura (2ª parte)		
	Modelagem (2ª parte)				

Observamos que as cadeiras de Geometria Descritiva, Arquitetura Analítica, Desenho, Modelagem, Perspectiva, História da Arte e Arte Decorativa eram comuns aos dois cursos ofertados pela escola. Segundo o relatório que apresenta os dados apresentados aqui, havia ainda as cadeiras opcionais de Arqueologia e Sociologia Aplicada, ministradas regularmente como cursos de extensão universitária.

O curso de Pintura, Escultura e Gravura era ministrado em quatro anos. O ensino das cadeiras de Desenho de Modelo Vivo, de Pintura, de Escultura e de Gravura eram realizadas sem limite de tempo, durante tantos anos quantos fossem necessários à formação artística do aluno.

CURSO DE PINTURA, ESCULTURA E GRAVURA			
1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano
Geometria Descritiva	Perspectiva e Sombras	História da Arte (1ª parte)	História da Arte (2ª parte)
Arquitetura Analítica (1ª parte)	Arquitetura Analítica (2ª parte)	Arte Decorativa (1ª parte)	Arte Decorativa (2ª parte)
Anatomia (1ª parte)	Anatomia (2ª parte)	Pintura, Escultura ou Gravura	Pequena Composição de Arquitetura (2ª parte)
Desenho de Modelo Vivo	Desenho de Modelo Vivo	Desenho de Modelo Vivo	Desenho de Modelo Vivo
Desenho	Modelagem (2ª parte)		Pintura, Escultura ou Gravura
Modelagem (1ª parte)	Pintura, Escultura ou Gravura		

O relatório, *Livro Nº 110 Relatório para Inspeção Federal dos Anos de 1938*, traz-nos a informação que, a título de cursos de extensão universitária, eram ainda ofertadas as disciplinas de Crítica, Arqueologia e Estética, com frequência facultativa. Anterior a este período, a escola mantinha um “curso anexo”, com o propósito de preparar candidatos, com os conhecimentos essenciais, ao ingresso nos cursos ministrados pela EBAP. Este curso foi extinto em 1937.

O formato de ensino, de acordo com o regulamento, era por meio da instrução adotada de forma oral, baseada nos debates e arguições, nos exercícios de aplicação práticas, nas excursões ao campo e no estabelecimento, bem como, na execução de projetos. A orientação das cadeiras especiais não apresentava ‘rigidez doutrinária’, propunham-se a desenvolver ‘a personalidade artística’ dos alunos, ainda segundo este relatório.

Os programas das cadeiras de Modelagem e de Desenho Figurado eram diferenciados para os cursos de Arquitetura e Pintura, Escultura e Gravura.

As provas da cadeira de Desenho Figurado para Arquitetura e Pintura, Escultura e Gravura consistiam de cópia de uma máscara, uma cabeça ou ornato, realizadas em três etapas, no máximo, a critério da banca examinadora, como podemos observar no programa da disciplina, que consta do *Livro Nº 91 Relatório de Inspeção Federal do Ano de: 1937*.

Programa da cadeira DESENHO FIGURADO, do 1º Ano. Em 05 de agosto d 1933. 1h			
Preliminares	Figura	Planejamento	Planejamento sobre figura de gesso
Gesso:	Busto clássico - perfil - homem	Tecido de lã	Segue a mesma indicada acima
Mão (esquerda e direita) clássica - homem	Busto clássico - três quartos - homem	Tecido de algodão	
Mão (esquerda e direita) moderna - homem	Busto clássico - frente - homem	Tecido de seda	
Mão (esquerda e direita) forma direta - homem e mulher	Busto Moderno - perfil - mulher	Tecido de cambraia	
Pé (esquerdo e direito) clássica - homem	Busto Moderno - três quartos - mulher		
Pé (esquerdo e direito) moderna - homem	Busto Moderno – frente mulher		
Pé (esquerdo e direito) forma direta - homem e mulher	Busto clássico - escorço - homem		
	Busto clássico - escorço - mulher		

O programa da cadeira de Desenho Figurado para o curso de Arquitetura apresentava uma metodologia diferenciada. Como podemos observar no programa original, descrito abaixo, contido no livro *Nº 91 Relatório de Inspeção Federal do Ano de: 1937*. As aulas tinham características teóricas e práticas. Visto que na disciplina ministrada pela professora Fédora Fernandes, para a turma do 1º período, as aulas eram práticas. É visível percebermos o caráter da ênfase à observação e do exercício do desenho mais direto.

PROGRAMA DA CADEIRA DE DESENHO FIGURADO CURSO DE ARQUITETURA	
1º	Explicação, na primeira aula, do que seja desenho e do seu conceito como meio de interpretação. Desenho aparente ou à mão livre e desenho real ou projetivo ou à mão armada.
2º	Desenho do natural de um objecto qualquer de uso comum.
3º	Desenho do natural de um grupo de objectos: ou solido e geométricos ou outros objectos qualquer.
4º	Desenho do natural de um detalhe da sala de estudos, em que entrem janellas, portas, etc. estudo da perspectiva e do claro-escuro (luz e sombra)
5º	Desenho do natural de qualquer construção, ao ar livre, em que sejam estudados os efeitos de perspectiva e do claro-escuro (luz solar e as respectivas sombras-proprias e projectadas).
6º	Estudo do natural de ornatos clássicos em uso nas construções civis.
7º	Composição original (de cada Alumno) de ornatos rectilíneos, curvilíneos e mixtilíneos.
8º	Composição original (por cada alumno) de ornatos decorativos interpretados da flora e fauna brasileiras.
9º	Estudo do natural de elementos de architectura, através de modelos em gesso, clássicos e de estilo.
10º	Desenho do natural de detalhes de machinas da officina da Escola.
11º	Desenho do natural de machinas da officina do museu da escola.
12º	Desenho do natural de machinas da Escola, estudadas em conjunto.

### 3.2 Os professores mestres do desenho da EBAP

O ingresso dos docentes na escola, inicialmente, seguia criteriosamente o regimento da ENBA. Desta forma, o professor deveria preencher alguns requisitos, como ser catedrático.

Obedecendo o regimento da escola, os professores catedráticos seriam os fundadores e, posteriormente, os primeiros colocados em concurso público. Porém, ao término de dois anos de atuação, todos os professores que não tivessem cátedra, ou seja uma especialização nas disciplinas que atuavam, inclusive os fundadores, deveriam escrever teses sobre o assunto de sua especialidade (GALVÃO, 1956, p. 26). Os professores dos cursos de Pintura, Escultura e Gravura tinham geralmente formação artística. A rotatividade nas disciplinas de Modelo Vivo e Desenho Figurado não foi muito intensa. Passaram pela cadeira poucos professores, porém os artistas pernambucanos, Murillo La Greca e Fédora do Rêgo Monteiro, que depois adota o sobrenome Fernandes, após seu casamento em 1917, foram os professores que atuaram de forma efetiva e por mais tempo nestas duas disciplinas respectivamente.

Álvaro Amorim e Baltazar da Câmara são citados, pelo jornal Folha da Manhã, de 10 de outubro de 1943, como professores que ministraram as aulas de Desenho Figurado e Modelo Vivo na EBAP. Baltazar da Câmara foi professor catedrático efetivo da disciplina de Desenho de Modelo Vivo, no 4º ano, do Curso de Pintura. Além de sido professor de Desenho em outras instituições, como exemplo, o Ginásio Osvaldo Cruz, a Escola Normal Pinto Junior, o Instituto Nossa Senhora do Carmo, o Liceu Pernambucano e o Ateneu Pernambucano (ver no Apêndice). Nos documentos oficiais não fica claro a causa da substituição de Murillo e Fédora nas disciplinas. Podemos inferir que, por motivo de falta de remuneração e pela trajetória artística destes artistas, a ausência se sustenta pela agenda de compromissos como eventos da área e exposições que participavam neste período.

### 3.2.1 Murillo La Greca

O professor e artista Murillo La Greca, filho de imigrantes italianos, começa seu interesse pela artes aos 10 anos de idade incentivado pelos professores, padres italianos e alemães, do Colégio Salesiano, instituição onde estudava. Posteriormente, frequentou o ateliê dos irmãos Bernardelli<sup>31</sup>, no Rio de Janeiro. Lá produziu estudos a carvão e conheceu Portinari. Em Roma, aprimora-se no desenho da figura humana e entra em contato com o artista italiano Giacometti. No ano de 1926, expõe 53 trabalhos em Natal, no Rio Grande do Norte (MELO; BORBA, 1999, p. 72).

---

<sup>31</sup> Fundado em 1931, por alunos dos cursos livres da ENBA, tinha pretensões de democratizar e renovar o ensino de arte, de introduzir modificações no regulamento do Salão e de oferecer oportunidade para os novos artistas. Sem ter as características de uma escola, este grupo, tinha feições de um ateliê livre ou um Movimento Independente de Belas Artes (BOURDETTE, 1998, p.407).

Desta forma, podemos perceber vasta trajetória artística de La Greca, anterior a sua participação na EBAP, como fundador e professor. Sua atuação teve enorme significado, ele foi incentivador da criação da escola pernambucana. Além de assumir a direção interinamente, foi diretor do curso de Pintura, Escultura e Gravura, de acordo com o *Relatório de Inspeção Federal de 1938*.

Instituída a Escola, fundada no casarão número 150, da Rua Benfica, bairro da Madalena, o professor La Greca passou a ensinar a cadeira de Desenho de Modelo Vivo. Foi um pioneiro no Nordeste, não somente por ter implantado uma disciplina dessa natureza, tão necessária à especialidade da prática artística, como por iniciar a modalidade de Curso Livre. Tratava-se de um curso aberto a qualquer pessoa, mesmo estranha à escola, sem vinculação com o curso oficial, objetivando estimular o aprendizado do desenho, que defendia como fundamental para as artes plásticas. Esse fato foi esclarecido, muitos anos mais tarde, por Sílvia Decusati La Greca<sup>32</sup> (MELO, BORBA, 1999, p. 37-38).



Imagem 21 - Atelier de Desenho. Autor desconhecido. Fonte: Acervo do MDB-BC/UFPE.

<sup>32</sup> LA GRECA, Sílvia Decusati – “D’Après Nature”, descrição – Recife-PE.

De acordo com a lista de materiais do ateliê de Desenho do Modelo Vivo, descrita no Relatório da EBAP de 1936, estavam dispostos para a utilização dos alunos: cavaletes verticais, mobiliário Luis XV para composição de ambiente, pranchetas, estrado para os modelos posarem, gráficos das proporções da figura humana, quadros à fusain e à óleo de nu para “educação visual” dos alunos, painéis para compor fundo do ambiente, conjunto de gráficos, fotografias, da fisionomia da figura humana. A partir da imagem do ateliê, podemos conferir muitos destes materiais. Podemos inferir que esta organização passava pela idealização de espaço para aulas condizentes com o perfil do professor. Local onde eram passadas várias horas do dia na companhia ou não dos alunos.

Sobre a atuação de La Greca como professor, Medeiros (1975) aponta que o artista “conduzia com extrema competência e seriedade sua cátedra na Escola de Belas Artes de Pernambuco”. Seu assistente, o Professor Inaldo Medeiros, em depoimento aos autores, contou como eram as aulas de desenho ali ministradas:

Os cavaletes dos alunos, que ele exigia que fossem sólidos e de cedro, para resistir ao tempo e aos insetos, se colocavam em semi-círculo; ao fundo, o grande estrado, iluminado por projetores especiais, com os objetos a serem representados – tratando-se de modelos vivos, estes nunca posavam nus, mas em vestimentas sumárias; o papel para os desenhos era da melhor qualidade; Murillo não admitia conversas nem ruídos excessivos, para não perturbar a concentração exigida pelo trabalho. Se uma abelha atravessasse o ateliê – o santuário – todos perceberiam” comenta Ipiranga Filho, seu ex-aluno, tamanho era o silêncio que se fazia dentro dele. Certa vez, “o professor Murillo afastou por várias aulas o seu aluno predileto Ismael Caldas, por ter ele estalado os dedos na aula” depõe o mesmo ex-aluno. Expressava com desenvoltura cada vez maior suas convicções sobre arte. A jovem repórter que lhe perguntou sobre técnicas de pintura, respondeu: minha filha, não há essa história de técnicas de pintura. Tem modernos por aí que resolvem pintar com um tamanco, um cabo de vassoura, uma pá, e dizem que isso é técnica. A técnica é bem desenhar, bem pintar. Ou é boa ou não é boa (MEDEIROS, 1975, p. 101-102).

### 3.2.2 Fédora Fernandes Monteiro<sup>33</sup>

Única mulher que foi professora deste período, dentre os 33 professores, que se tem registro, Fédora do Rêgo Monteiro, nasceu em 1895, em Pernambuco. A irmã do também artista Vicente do Rego Monteiro, fez seus estudos na ENBA e na Academia Julien, em Paris, tendo tido, entre outros mestres, Brocos, Visconti, Gervais e Gultin. Obteve medalha de prata no Salão de Belas Artes do Rio de Janeiro e menção honrosa no Salon de 1º Art de La

<sup>33</sup> Nasceu em 03/01/1896, casou com o jornalista Aníbal Fernandes em 1917, aos 21 anos. Faleceu em 1975.

Femme. Na Pinacoteca Estadual tem os seguintes trabalhos: “La Sorcière, La Danseuse em rouge, La Dame au manchon”, além de outros em coleções particulares do Recife, São Paulo e Rio de Janeiro. Foi fundadora da EBAP e professora catedrática efetiva da disciplina de Desenho Figurado. Esteve presente desde a fundação da EBAP. Dentre os 33 professores, que passaram pela gestão da escola, durante a existência da instituição, a artista nunca fora indicada para a sua direção. Diferentemente de Georgina Albuquerque<sup>34</sup>, a artista e professora de Desenho da ENBA, em 1929, que assumiu a direção da ENBA entre os anos de 1952 e 1954.

Em 1910, a pintora e desenhista Fédora foi estudar na ENBA, e entre 1911 e 1915 viaja para a França. Após sua volta de Paris, a artista passa a morar no Rio de Janeiro, entre 1915 e 1917. Participou da XXIII Exposição Geral de Bellas Artes, em 1916, onde foi premiada (ZACARRA; PEDROSA, 2010. p.188).

Fédora viajou para a França entre os anos de 1911 e 1915, com seus irmãos Joaquim e Vicente do Rego Monteiro, para estudar pintura na Academia Julian (ALVES, 2010, p.185). A academia Julian, afirma Simioni (2010, p. 57), “era o primeiro endereço buscado em Paris”. Fundada por [...] Rodolf Julian, um antigo aluno de León Cogniet e Alexandre Cabanel – consagrou-se internacionalmente pelo ensinamento em moldes comuns àqueles oferecidos pela École des Beaux Arts. “[...] algumas brasileiras também buscavam na *Académie Julian*, a formação que lhes faltava em sua terra natal” (SIMIONI, p. 62, 2010).

Após a volta de Fedora de Paris, a artista passa a residir no Rio de Janeiro de 1915 a 1917 e lá participou e foi premiada na XXIII Exposição de Geral de Bellas Artes, em 1916 (ALVES, 2010, p.188).

De volta a Recife, atua como professora de pintura e desenho nas instituições educativas da cidade. E logo mais, participa da criação da EBAP, nunca foi indicada para a direção da instituição. Tornou-se professora em 15 de julho de 1932, lecionando inicialmente a cadeira de Natureza-Morta. “Quase solitária, enquanto artista mulher no espaço artístico pernambucano, ela participou dos *Salões de Arte de Pernambuco* que tinham o objetivo de promover o desenvolvimento das artes na região” (ALVES, 2010, p.188).

O início das atividades da EBA implicou no conjunto de condições necessárias para o fortalecimento do aprendizado e exercício da arte acadêmica no Estado. Ao lado da criação da instituição iniciou-se um processo de interligações que abrangia múltiplos universos dentro da

---

<sup>34</sup> Georgina de Albuquerque (SP), (1885 – 1962) <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa21325/georgina-de-albuquerque>

comunidade: artistas, funcionários e apreciadores reforçavam a legitimação das Belas Artes no Estado. Esse contexto se verifica no momento em que Fedora se insere no meio artístico recifense (ALVES, 2010, p.188).

No final do século XIX e início do XX, no que se refere a profissionalização artística das mulheres, conforme Zaccara (2011, p.2) “durante muito tempo teve o seu trabalho legitimado a partir do seu atrelamento ao mundo masculino”.

Porém, os estudos fora do país e no eixo Rio/São Paulo, proporcionaram uma visibilidade, até então pouco direcionada às mulheres, no caso de Fédora Fernandez, que foi ovacionada como colaboradora da escola pernambucana na manchete sobre a inauguração da EBAP. Como podemos conferir na matéria do *Jornal Pequeno*, publicada no Recife, no dia 22 de agosto de 1932, como foi a recepção pela imprensa local, da artista no corpo docente da EBAP:

Merecem rasgados applausos os seus colaboradores, esforçados artistas, procurando levantar o nível cultural do Recife. Entre os professores figura uma pintora, nome bastante conhecido e a garantia de que a aula que tiver a seu cargo será conduzida com brilho: Fedora do Rego Monteiro Fernandes, já laureada e mais – consagrada pelo \*Salon Oficial\* de Paris, onde expoz um soberbo auto-retrato”.

Conforme a aluna fundadora<sup>35</sup>, Aurora Lima, “a professora Fédora dava desenho decorativo a partir de jarros, flores, natureza morta”, em geral com fusain e, depois, lápis ou pastel, pois era ela quem preparava o aluno em desenho. Um ano depois ia-se trabalhar com o professor Baltazar, em natureza morta ou Modelo Vivo. “Todos os professores faziam desenho de observação. Só o professor Moser, que o trabalho dele era de imaginação, decorativo, então é que se trabalhava a imaginação” (SILVA, 1995, p. 145).

No ateliê da disciplina de Desenho Figurado encontrava-se todo o material didático utilizado nas aulas, por exemplo, bustos de Laectus, Júpiter, Sêneca, Nicolau, Neobe, Brotolone, Lourenço de Médices, uma cabeça de cristo, várias máscaras e grifos. Inicialmente a biblioteca deste período, que também servia de apoio às aulas de desenho, era composta por 832 volumes “de cultura em geral e a maioria sobre arquitetura, pintura, escultura e gravura”. Não eram catalogados, nem por assunto e nem por autor. As obras eram relacionadas por

---

<sup>35</sup> Entrevista a Beatriz Silva, em 1995, publicada na pesquisa *A pedagogia da escola de Belas Artes – Um olhar a Mais* da mesma autora.

ordem alfabética dos assuntos. Na pinacoteca havia uma coleção de quadros de pintores brasileiros, que eram utilizados nas aulas de desenho e pintura. Muitos destes materiais foram adquiridos por doação, e estão registrados no livro *Contribuições Feitas a EBAUR*.



Imagem 22 - Ateliê de Desenho Figurado. Autor desconhecido. Fonte: Acervo do MDB-BC/UFPE.

De acordo com a imagem acima, a relação dos materiais da disciplina Desenho Figurado que estava à disposição dos alunos eram: cavaletes, colunas de madeira, coleção de bustos clássicos, fragmentos de arquitetura, coleção de fragmentos do corpo humano em gesso. Estes mesmo materiais também encontravam-se nos demais ateliês. Visto que os exercícios iniciais, desenvolvidos pelo aluno era a cópia através da observação dos modelos de gesso (Relatório da EBAP de 1936).

A nota publicada em jornal (Imagem 23) registrou a convocação para modelos para as aulas de desenho. Observa-se que, a pesar das disciplinas do Desenho Figurado e do Modelo Vivo ter a evidência voltada, na maioria das vezes, para o corpo feminino, o chamado no texto solicita pessoas, sem distinção de gêneros, que queiram posar para as aulas destas disciplinas na escola. Outro ponto a ser colocado, diz respeito a remuneração informada na nota, muito

maior que a remuneração da hora aula, destinada aos professores da instituição, que era no valor de CR\$ 50,00.



Imagem 23 - Nota publicada em jornal não identificado, s/d. Este fragmento consta no *Livro Recortes de Jornais* da EBAP, página 73.

E nesta outra manchete da coluna A Noite Ilustrada, do jornal A Noite, percebemos como foi a aceitação pelos pais das alunas da EBAP, da presença dos modelos posando para as aulas práticas de desenho, das disciplinas de Modelo Vivo e Desenho Figurado:

O primeiro modelo-vivo apareceu, enfim, hesitante. E ainda mais hesitante ficou o preconceito estreitamente provinciano. Antes mesmo que completasse o primeiro mês de atividade, se viu cercada de rumores e ameaças que pretenderam em vão, circundar a sua profissão de um halo de escândalo. Os pais das alunas achavam que aquela mulher despida por trás dos cavaletes era o espelho da nudez de suas filhas e que aquela “licenciosidade” talvez contagiasse... E a Escola de Belas Artes de Pernambuco estremeceu, segunda vez, nos seus alicerces, tal como a velha Torre do Ramires... Venceu, porém a razão. O arcabouço oscilou mas não ruiu. E lá está o modelo feminino ainda trabalhando, até agora insubstituível, por ser o tipo mais anatômico de entre todos os outros que já surgiram na E. B. A. P. Trabalha duas horas por dia, descansando de quinze em quinze minutos, dividindo a sua plástica entre as cátedras de escultura e a de nu artístico (A Noite. A Noite Ilustrada, 1947).

Conforme Costa (1947), ainda que muitos estudantes fossem promessas da escola, o autor tem a crença de que o que recordarão da EBAP e que serão os momentos marcantes destes estudantes, são os dias “passados diante do modelo, uma moça simples e meio

encabulada, quando conversa com estranhos sobre a sua transcendental profissão.” Conquanto, a preferência pelos modelos femininos é evidenciada mais uma vez, por Costa (1947), que “o ex-condutor de bonde positivamente não servia. Excessivamente perfeito – diz-nos antigo aluno que nos serviu de cicerone – excessivamente perfeito, como homem, quando muito os alunos podiam copiar-lhes os níveos braços e o largo tórax liso ou a cabeleira loura. Mas “nada anatômico”.

Fica confirmada, assim, a preferência pelo nu feminino, mais uma vez, como na maioria das práticas artísticas mais tradicionais, que veem o belo, na plástica feminina, nos modelos idealizados de beleza. A artista Jeanine Toledo indaga que “a mulher tem que estar nua para entrar no Museu?”, título da publicação de uma conceituada revista de Arquitetura, decoração, Design e Arte<sup>36</sup> que traz na capa uma homenagem a outra artista pernambucana, Janete Costa. Jeanine continua: “menos de 5% dos artistas na sessão de Arte Moderna são mulheres, mas 85% dos nus são femininos”. Motivo óbvio para preocupar na época as famílias das alunas da EBAP? É o olhar masculino que determina estas representações? Por fim, ainda podemos apontar duas questões que ficam visíveis na nota do jornal acima (Imagem 23): quais os valores estéticos referentes à ‘boa aparência’ e o que a arte promovia como rompimento dos valores morais para a época?

Convivendo entre movimentos artísticos e os anseios de uma educação artística, a EBAP, enfrentou diversos desafios, como os que vimos anteriormente. A ótica apresentada pelos documentos oficiais é de uma aceitação pela sociedade. Ao mesmo tempo em que percebemos em algumas passagens, a oposição das famílias dos estudantes acolherem as mudanças impostas pela academia, como no caso dos modelos vivos para posarem para as aulas de desenho e pintura.

No entanto, o que norteou todas as expectativas dos professores e do ensino artístico da EBAP, foi o ensino do Desenho como base estruturante para a formação artística nas diversas opções de cursos que a escola oferecia. A habilidade para o Desenho e os esforços para sua apreensão foi o principal fundamento para a boa formação dos profissionais de despontaram da EBAP. Murillo La Greca e Fédora Fernades tiveram especial participação para estes princípios. Eram artistas com habilidades peculiares para o desenho. Portanto, não deixariam de empreender tais procedimentos na exigência de um bom domínio no ato de desenhar de seus alunos e alunas. Comprova-se pela quantidade de artistas que são oriundos da Escola de Belas Artes de Pernambuco.

---

<sup>36</sup> Revista SIM!, Ano VII, nº 52.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas questões nos levaram a pesquisar, sobre o ensino do desenho na EBAP. Dentre as várias indagações que nortearam esta pesquisa, há uma que gira em torno da percepção de ensino de Desenho que temos hoje. Outras não menos relevantes, que não são o foco desta análise, mas que perseguem os professores de arte, como por exemplo, por que e quando abandonamos o prazer de desenhar, ato inerente ao indivíduo e tão comum na infância? Inquietações, comuns aos educadores, que acompanham e observam a prática do desenho, das crianças e jovens, nos mais diversos locais.

As compreensões de Desenho, como base para a formação artística, mesmo diante das diversas abordagens que promoveram significativas mudanças na concepção do ensino da arte, persistem. Cito as concepções que fazem parte da história do ensino da arte no Brasil: como exemplo, a auto-expressão, que tem o foco no aluno.

A visão modernista do ensino da arte predomina por longo período apesar de que novas e distintas práticas arte/educativas estivessem em ascensão no Brasil. Percebe-se que concepções com base na auto-expressão, na espontaneidade, na originalidade e na liberdade de criação do desenho convivem, ainda hoje, na prática dos educadores diante das tendências contemporâneas de ensino da arte (BARBOSA, 2008, p.14-15).

Concepções sobre o desenho estereotipado ou não original, ainda hoje, é vincular-se a uma abordagem modernista do ensino da arte, que entende a produção artística da criança espontaneísta e original (LOWENFELD; BRITTAN, 1977)? É comum compreender que a interferência do professor é prejudicial ao desenvolvimento artístico infantil? Muito próxima a ideia de infância de Rousseau, quando afirmar que temos a tendência de pensar que as crianças aprendem sozinhas “[...] e esquecer que só nós lhes poderíamos ensinar. [...] Pelo contrário, quantas pessoas vemos que andam mal por toda a vida porque lhes ensinaram mal a andar! [...] (SOËTARD, 2010, p.38)”.

A visão espontaneísta e de originalidade está impregnada nas práticas educativas das escolas formais e em instituições culturais que tratam do ensino da arte. Nem mesmo no ambiente familiar, os pais compreendem a produção do grafismo infantil. O gosto de desenhar das crianças não se alterou, “[...] apesar do computador e de outras mídias, os adultos, pais e professores continuam tendo dificuldade de entender e situar esta produção, principalmente porque eles não sabem lidar com seus próprios desenhos” (COUTINHO, 2008, p. 193), São questões a serem avaliadas.

Final dos anos 1980, se valeu da visão multiculturalista “[...] com base na diferença de classes sociais, este esforço multicultural trazia a necessidade de encarar criticamente a produção do povo, das minorias e das mídias [...] (BARBOSA (2008, p. 15)”. No entanto, é a denominação de "multicultural" que se encontra consagrada na literatura, tanto na área da educação quanto da arte-educação, pois é desta forma que a questão da diversidade vem sendo estudada e discutida há muito tempo. Concordando com Marjorie e Brent Wilson (2001), que ainda veem-se práticas de ensino da arte onde na produção de desenho não se leva em consideração o contexto cultural dos estudantes.

Registramos que a habilidade com o desenho também habilita o indivíduo como artista. Muitos artistas da EBAP, como Murillo da Greca, Abelardo da Hora, Fédora Fernandes, não desenhavam apenas. Porém todas as suas produções são embasadas no desenho, como é o caso de Abelardo da Hora. Esta visão é mantida até o momento nas escolas, nas universidades, em editais de arte e cultura, em concursos de desenho que prezam pelo original, pelo espontâneo e o domínio da técnica sobre a habilidade de criação.

Por este motivo, buscamos na EBAP, as maneiras de ensinar o desenho, nos cursos que eram ofertados pela instituição nos seus anos iniciais. Por entender que a EBAP, deu origem as concepções educacionais que vemos atuantes em nosso Estado, nos cursos de formação artística, além de que promoveu a formação da classe artística em Pernambuco e da região Nordeste.

A metodologia aplicada na EBAP seguiu os propósitos de formação artística, com base na ENBA, do Rio de Janeiro, que já tinha um século de existência no Brasil. Esta, por sua vez, enfatizava a doutrina acadêmica. Ressaltando a importância do desenho na construção da obra de arte, considerado como prioridade na formação do artista. O desenho era visto, principalmente, como concepção da obra de arte, seu ponto inicial. O ensino do desenho está intimamente relacionado ao domínio das técnicas, como base para todas e quaisquer modalidades das artes visuais, sejam elas na pintura, na escultura, na gravura, no vitral ou na arquitetura. Sendo base fundamental, a disciplina Desenho, esteve presente em todos os cursos da EBAP, como alicerce do caminhar dos alunos durante o curso e como percurso evolutivo. Daí vem sua importância.

Fica evidente que esse método de ensino pretendia desenvolver nos alunos a capacidade conceitual em primeiro lugar e que o desenho estava diretamente ligado à idéia da obra – independentemente do tratamento plástico que a obra pudesse receber na sua etapa seguinte. Apesar de existir desde o Renascimento, esse procedimento tornou-se mais geral no século XIX, com a expansão do ensino artístico acadêmico e a sua internacionalização, de tal

maneira que é possível afirmar que, nessa época, praticamente todo artista – pelo menos no mundo ocidental - era treinado para proceder dessa forma. Pereira, Sonia Gomes. Repensando Alguns Conceitos do Ensino Acadêmico: Desenho, Composição, Tipologia e Tradição Clássica. Comitê Brasileiro de História da Arte. XXIV Colóquio CBHA. p. 2.

Mesmo os professores que não eram artistas (ver no Apêndice), ministravam a disciplina Desenho. Professores que eram engenheiros ou arquitetos também atuavam no ensino do desenho, visto que podemos inferir que eles davam a disciplina, um perfil mais técnico, de acordo com sua formação acadêmica.

Decerto que a EBAP teve papel relevante nas concepções de ensino de desenho que vivenciamos atualmente. A separação da formação artística da formação técnica, gradativamente, apontou para duas diferentes maneiras de se ensinar o desenho, uma voltada para o mercado de trabalho, processo mecânico de Desenho, fundado na cópia e nas tradicionais noções de arte e outra para a Arte, mesmo que ainda não vista como profissão. De tal modo que possibilitou a formação profissional de várias gerações de artistas pernambucanas. Pois, observamos que os artistas e intelectuais da época não se isolaram e que estes profissionais contribuíram para que as artes visuais em Pernambuco vivenciassem as mudanças que viam acontecendo tanto no resto quanto fora do Brasil.

A propósito das pesquisas sobre o Ensino do Desenho, vale registrar ainda que, a maioria dos estudos encontrados, estão em língua espanhola e inglesa, e não fazem referência direta ao ensino do desenho artístico. Dentre estas, muitas apresentam outras relações com o desenho, como por exemplo, com a Matemática, a Arquitetura, o Design, as Ciências Biológicas e com a Geografia, e não com o ensino do desenho artístico. Elencamos outro ponto para a visão de ensino do Desenho, o de um suporte para ilustrar outras disciplinas e facilitar seus entendimentos. Desta forma, percebe-se que a natureza do tema desenho encontra-se mesclado às diversas outras áreas do conhecimento. Neste momento ressaltamos a condição de apropriação desta modalidade artística, para dar suporte a outras áreas que não sejam da Arte.

Outro ponto a ser levado em consideração, são as poucas pesquisas sobre a EBAP e sobre o ensino do desenho em instituições de formação artísticas em Pernambuco. Percebesse que um mapeamento da trajetória do ensino do desenho, em outras instituições do Estado, colaboraria para o entendimento de ensino que temos atualmente.

Portanto, esta pesquisa apontou para segmentos por onde trilhou o ensino do desenho em Pernambuco, originários na EBAP. E proporcionou uma visão, ainda que pouca profunda, de como foram implantados os cursos do Ensino Superior, na área artística, que temos

atualmente nas graduações que são ofertadas pela UFPE. Deste modo, este estudo nos forneceu pistas dos caminhos percorridos para uma concepção de ensino do Desenho, oriundos na EBAP, que num dado momento histórico, seguiu duas linhas distintas: a formação artística e a formação técnica, no Ensino Superior em Pernambuco.

## **REFERÊNCIAS**

### **DOCUMENTOS OFICIAIS**

EBAP. Livro Nº 110 Relatório para Inspeção Federal dos Anos de 1938

EBAP. Livro de Atas da Congregação

EBAP. Livro de Atas das Reuniões do Conselho Técnico-Administrativo

EBAP. Livro Congregação dos Anos de 1932 A 1941

EBAP. Livro Impressões

EBAP. Livro de Inscrição de Alunos Livres

EBAP. Livro de Matrícula (um para cada ano de cada curso)

EBAP. Livro de Ponto dos Professores

EBAP. Livro de Posse do Pessoal Administrativo

EBAP. Livro de Posse dos Membros da Diretoria

EBAP. Livro de Posse dos Professores

EBAP. Livro de Presença dos Alunos

EBAP. Livro de Protocola de Saída de Ofícios e Documentos

EBAP. Livro de Registro de Licença dos Professores

EBAP. Livro de Termos de Provas Finais

EBAP. Mapas de Promoção de Alunos

### **PERIÓDICOS E REVISTAS**

A criação da Universidade de Pernambuco. Jornal A Noite. Rio de Janeiro, 20 de Maio de 1946.

A Escola de Bellas Artes de Recife quer sua oficialização. Jornal O Globo. Rio de Janeiro: 04 de Março de 1938.

A inauguração da Escola de Bellas Artes. Jornal Pequeno. Recife, 22 de Agosto de 1932.

Arte Barôca. A conferência, ontem, do professor Antoine Bon. Folha da manhã, 09/11/1944.

A segunda conferência, hoje, do professor Antoine Bon. Jornal do Comercio. Recife 9 de novembro de 1944.

Alunos da Escola de Belas Artes em Visita a Goiana. Jornal do Comercio. Recife, 10 de Outubro de 1944.

Amor e Solidariedade: Abelardo da Hora 60 anos de arte. Catálogo. Parque Dona Lindu. Recife, março a junho de 2011.

COMO SE FAZ A ESCOLA DE BELAS-ARTES DE PERNAMBUCO. Jornal do Comercio, Recife, 18 de Dezembro de 1949. Texto Baltazar da Câmara.

Conferências. Pintura francesa do século XX. Jornal do Comercio. Recife, 12 de novembro de 1944.

COSTA, J. Bandeira. A Noite Ilustrada. A Noite. Recife, 29 de julho de 1947.

Diário de Pernambuco, Recife, 01 de fevereiro de 1946.

ESCOLA DE BELAS ARTES DE PERNAMBUCO. Folha da Manhã. Recife, 10 de outubro de 1944.

Escola de Belas Artes de Pernambuco. Jornal do Comercio. Recife, 30 de dezembro de 1944.

Escola de Belas Artes de Pernambuco. Abertura do ano letivo. Jornal do Comercio. Recife, 12 de março de 1944.

ESCOLA DE BELAS ARTES DE PERNAMBUCO. Jornal do Comércio. Recife, 27 de Janeiro de 1946.

ESTÍMULO PARA A ARTE NO NORTE DO PAIZ: A missão que trouxe a esta capital o secretario da Escola de Bellas Artes de Pernambuco, Sr. Rubens Gomes. Jornal A Nação. Rio de Janeiro: 26 de Fevereiro de 1938. [Foto do secretario da escola].

EXCURSÃO DOS ALUNOS DA ESCOLA DE BELAS ARTES A GAIBÚ. Jornal Folha da Manhã. Recife: 26 de Setembro de 1943.

Inaugura-se, hoje, oficialmente a Escola de Bellas Artes de Pernambuco. Jornal Diário da Tarde, Ano 20. Recife, 20 de Agosto de 1932.

Pelo reconhecimento da Escola de Belas Artes de Pernambuco. A missão do Sr. Rubens Gomes, no Rio. Jornal A Noite. Rio de Janeiro: Quarta-feira, 23 de Fevereiro de 1938.

O ENSINO DAS BELAS ARTES EM PERNAMBUCO. A Escola de Belas Artes em Pernambuco é um dos maiores centros de cultura artística do Brasil. Jornal Diario Carioca. Rio de Janeiro: Sexta-feira, 23 de Setembro de 1938.

O ENSINO ARTÍSTICO EM PERNAMBUCO. Coluna Bellas Artes. Rio de Janeiro, Setembro e Outubro de 1938.

UFPE. CAC. Biblioteca Joaquim Cardozo. Coleção especial, acervo da Escola de Belas Artes de Pernambuco.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rafael. **Fedora do Rego Monteiro**: anotações sobre gênero e artes visuais em Pernambuco. In: ZACARRA, Madalena; PEDROSA, Sebastião (Orgs.). *Artes Visuais e suas conexões: panorama de pesquisa*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.

BARBOSA, Ana Mae. **Ensino de Arte**: memória e história. São Paulo: Perspectiva, 2008.

\_\_\_\_\_. **Arte-Educação no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BARBOSA, Rui. **Reforma do Ensino Secundário e Superior**. Câmara dos Deputados. Parecer e Projeto apresentado em sessão de 13 de abril de 1882. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1882.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições70, 1977.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Análise de conteúdo clássica**: uma revisão. In: *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2003.

BRASIL. Governo Federal. **Legislação histórica** - Constituições anteriores. Portal da Legislação do Governo Federal. Disponível em: <<http://www4.planalto.gov.br/legislacao/legislacao-historica/constituicoes-antiores-1#content>>. Acesso em: 14 de setembro de 2014.

BRUSCKY, Paulo; VIANA, José Carlos. **Panorama das Artes Plásticas em Pernambuco no Século XX**. In: PERNAMBUCO, Secretaria de Educação de Pernambuco, Fundarpe. *Quadragésimo Quinto e Quadragésimo Sexto Salão de Artes Plásticas de Pernambuco*. Catálogo. Adriana Dória Matos e Marco Polo Guimarães (Orgs.). p. 150-152.

CÂMARA, Aurora Christina Dornellas. **A escola de Belas Artes de Pernambuco**: contribuições para a cultura pernambucana. Recife: a autora, 1984.

CARVALHO, Vicente Vitoriano **Newton Navarro**: um flâneur na direção da arte e da pedagogia da arte no Rio Grande do Norte. Tese de Doutorado em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN, Brasil. 2003.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CIPINIUK, Alberto. **A pedagogia artística de Lebreton**. In: *Anais do Seminário EBA 180 (180 Anos de Escola de Belas Artes)*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação da EBA/UFRJ, 1998.

COUTINHO, Rejane. **Sylvio Rabello: o Educador e Suas Pesquisas sobre o Desenho Infantil.** In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Ensino da arte: Memória e História.* São Paulo: Perspectiva, 2008. p.353.

\_\_\_\_\_. **Mário de Andrade e os Desenhos Infantis.** In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Ensino da arte: Memória e História.* São Paulo: Perspectiva, 2008. p.353.

EBA/UFRJ. **A EBA.** Institucional. Disponível em: <<http://www.eba.ufrj.br/index.php/a-eba/institucional>>. Acesso em: 18 de Novembro de 2013.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes.** Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. **Pessoas.** Georgina de Albuquerque. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa21325/georgina-de-albuquerque>>. Acesso em: setembro de 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GALVÃO, Joel F. Jayme. **Memórias de uma cruzada: Escola de Belas Artes de Pernambuco, sua criação e sua vida.** Recife: Arquivo Público Estadual, 1956.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** São Paulo: Atlas 2003.

LEITE, Reginaldo da Rocha. **A prática da cópia no ensino artístico acadêmico: revisão crítica e análises da metodologia pedagógica.** Anais do XXIV Colóquio do CBHA, São Paulo, 2006. Disponível em: <[http://www.cbha.art.br/coloquios/2006/pdf/57\\_XXVICBHA\\_Reginaldo%20da%20Rocha%20Leite.pdf](http://www.cbha.art.br/coloquios/2006/pdf/57_XXVICBHA_Reginaldo%20da%20Rocha%20Leite.pdf)>. Acesso em: 06 de Janeiro de 2014.

MARQUES, Norma de Oliveira. **Escola de Bellas Artes de Pernambuco: aspectos de estudo histórico.** Monografia da Especialização em Artes Plásticas. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, março de 1988.

MELO, Carlos Alberto Barreto Campello de; BORBA, Fernando de Barros. **Murillo La Greca: sua arte sua vida.** BORBA, Fernando de Barros Borba (Colaboração). Recife: Bagaço, 1999.

MELO E SILVA, Beatriz de Barros. **A pedagogia da Escola de Belas Artes do Recife: um olhar a mais.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em História. Recife, 1995.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do Conhecimento.** São Paulo: UCITEC-ABRASCO, 2000.

NASCIMENTO, Erinaldo Alves do. **Ensino do desenho: do artífice/artista ao desenhista auto-expressivo.** João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2008.

PEREIRA, Ricardo A. B.. **A ENBA da primeira metade do século XX vista pela obra de alguns dos seus professores** - uma gradual transição para o moderno. 19&20, Rio de Janeiro, v. VIII, n. 1, jan./jun. 2013. Disponível em: <[http://www.dezenovevinte.net/ensino\\_artistico/ensino\\_enba\\_rp.htm](http://www.dezenovevinte.net/ensino_artistico/ensino_enba_rp.htm)>. Acesso em: 10 de setembro de 2014.

PEREIRA, Sonia Gomes. **A história da Academia**: um problema a ser repensado na História da Arte Brasileira. In: Anais do Seminário EBA 180 (180 Anos de Escola de Belas Artes). Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação da EBA/UFRJ, 1998.

\_\_\_\_\_. **Academia Imperial de Belas Artes no Rio de Janeiro**: revisão historiográfica e estado da questão. Revista Arte & Ensaios, PPGAV/EBA/UFRJ, n. 8, 2001, p. 72-83. Disponível em: <[http://www.eba.ufrj.br/ppgav/doku.php?id=revista:arte\\_e\\_ensaios\\_08](http://www.eba.ufrj.br/ppgav/doku.php?id=revista:arte_e_ensaios_08)>. Acesso em: 18 de Novembro de 2013.

\_\_\_\_\_. **O Museu D. João VI**. Acervo. Rio de Janeiro. V. 21. Nº 1. P. 149-160. Jan/jun 2008.

RODRIGUES, Nise de Souza. **O Grupo dos Independentes**: arte moderna no Recife - 1930. Recife: Editora da Autora, 2008.

SANTOS, Andreia Patrícia dos. **Fazer ciência e fazer-se cientista em Pernambuco**: o caso da Facepe. Orientador Péricles Moraes de Andrade Júnior. Dissertação (Mestrado em Sociologia) Universidade Federal de Sergipe: São Cristovão, 2012.

SILVA, Dilma de Melo. **A Academia Imperial de Belas Artes**: ruptura com o Barroco. In: Anais do Seminário EBA 180 (180 Anos de Escola de Belas Artes). Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação da EBA/UFRJ, 1998.

SILVA, Maria Betânia e. **A inserção da arte no currículo escolar (Pernambuco, 1950-1980)**. Dissertação (Mestrado em Educação). Recife: UFPE, 2004.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. **Académie Julian e a formação de artistas brasileiros**. In: DAZZI, Camila; VALLE, Arthur. Oitocentos – Arte Brasileira do Império à República – Tomo 2. Rio de Janeiro: EDUR-UFRRJ/DezenoveVinte, 2010. Disponível em: <[www.dezenovevinte.net/800/tomo2/files/800\\_t2\\_a04.pdf](http://www.dezenovevinte.net/800/tomo2/files/800_t2_a04.pdf)>. Acesso em: 20 de Outubro de 2014.

SOËTARD, Michel. **Jean-Jacques Rousseau**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

UFPE. CAC. Galeria Capibaribe. **Acervo da Escola de Belas Artes, 1932-2006**. Catálogo da Exposição, período de 28 de Novembro a 22 de Dezembro 2006.

VALE, Vanda Arantes do. **Academia Imperial de Belas Artes - Escola Nacional de Belas Artes**. In: Anais do Seminário EBA 180 (180 Anos de Escola de Belas Artes). Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação da EBA/UFRJ, 1998.

VIANA, Marcele Linhares. **O espaço da arte decorativa no ensino acadêmico**: do ornato às artes aplicadas. Anais do XXXII Colóquio CBHA 2012. Direções e Sentidos da História da Arte. Unb, Outubro de 2012. Disponível em: <<http://www.cbha.art.br/coloquios/2012/anais/anais2012.pdf>>. Acesso em: 06 de Janeiro de 2014.

ZACCARA, Madalena. **Uma artista mulher em Pernambuco no início do século XX**: Fédora do Rego Monteiro Fernandez. 19&20, Rio de Janeiro, v. VI, n. 1, jan/mar. 2011. Disponível em: <[http://www.dezenovevinte.net/artistas/frm\\_mz.htm](http://www.dezenovevinte.net/artistas/frm_mz.htm)>. Acesso em: 27 de outubro de 2014.

**APÊNDICE**

## **Currículo dos fundadores e docentes da Escola de Belas Artes de Pernambuco (EBAP) no período de 1932 a 1946.**

Neste texto, apresentaremos os professores que atuaram na EBAP no período dos anos de 1932 a 1946, no curso de Pintura, Gravura e Escultura. Para o exercício do magistério na EBAP, estes profissionais tinham que ter seus diplomas reconhecidos pelo Departamento Nacional de Educação (DNE). Os professores que não tinham esta comprovação profissional eram substituídos nas disciplinas e afastados da escola. A importância de trazermos os aspectos da atuação dos professores na EBAP vale-se pela participação que eles desempenharam e que, por conseguinte, influenciaram no ensino oficial do Estado. Visto que muitos professores atuavam em outros estabelecimentos educacionais.

E conforme, Certeau, quando dedica seu livro *A invenção do cotidiano* ao homem ordinário, que ele chama de herói comum. Para o autor, estes indivíduos anônimos...

...veem de muito longe. É o murmúrio das sociedades. De todo o tempo, anterior aos textos. Nem os espera. Zomba deles. Mas, nas representações escritas, vai progredindo. Pouco a pouco ocupa o centro de nossas cenas científicas. Os projetores abandonaram os atores donos de nomes próprios e de brasões sociais para voltar-se para o coro dos figurantes amontoados dos lados, e depois fixar-se enfim na multidão do público. Sociologização e entropologização da pesquisa privilegiam o anônimo e o cotidiano onde *zooms* destacam detalhes metonímicos – partes tomadas pelo todo (CERTEAU, 2014, p.55).

Apresentando os seus perfis, dá-se visibilidade aos profissionais que também atuaram em outras áreas. Sabendo-se que durante o período pesquisado, os professores da EBAP ministravam aulas sem receberem remuneração, suas profissões exercidas fora da escola eram o que os mantinham financeiramente. E nem por isso, a contribuição destes docentes para EBAP era menos valorizadas por eles.

O arquiteto João Corrêa Lima nasceu em 1908, no Rio de Janeiro, diplomado em Arquitetura pela ENBA. Teve seu diploma registrado no DNE em 16/01/1935 para poder atuar na EBAP. Exerceu funções técnicas, na construção do Palácio do Governo, Secretaria Geral e do Grande Hotel em Goiânia. Acompanhou o serviço do plano de urbanização da mesma cidade, como também, na Construtora Cesar de Melo Cunha & Cia. Trabalhou no escritório de Arquitetura e Urbanismo que realizou plano de remodelação da cidade do Recife. Exerceu o cargo de 1º arquiteto da Diretoria de Arquitetura e Urbanismo do Estado de Pernambuco. É autor de vários projetos, entre eles o do presídio de Itamaracá. Foi professor catedrático efetivo da disciplina de Pequenas Composições de Arquitetura, admitido por ato

do conselho técnico-administrativo da EBAP, em 22/01/1936, substituiu temporariamente o professor Heitor da Silva Maia Filho, nesta disciplina.

Baltazar José Estêvão Dorneles da Câmara nasceu em 1890, em Pernambuco. Estudou no Rio de Janeiro e no Recife, tendo sido discípulo de Franz Hoepper, Carlos Fiedder e os irmãos Chambelland. Concorreu ao Salão de Belas Artes do Rio de Janeiro, onde obteve menção honrosa com o quadro “Mãe Pátria”, medalha de bronze com o “Retrato de Ana Amélia de Queiros Carneiro de Mendonça” e “Pernambuco”; painéis sacros na Igreja da Madre de Deus, na Matriz da Boa Vista, no Seminário de Olinda, na Basílica do Carmo e em outros templos do interior do Estado, além de obras em galerias particulares de Pernambuco, da Bahia, do Espírito Santo, do Rio de Janeiro, de Santos e de São Paulo, onde também realizou exposições. Além de ter sido fundador da EBAP e professor catedrático efetivo da disciplina de Desenho de Modelo Vivo, no Curso de Pintura do 4º ano, foi também professor de Desenho do Ginásio Osvaldo Cruz, da Escola Normal Pinto Junior, do Instituto Nossa Senhora do Carmo, do Liceu Pernambucano e do Ateneu Pernambucano.

Única mulher que foi professora deste período, que se tem registro, Fédora do Rêgo Monteiro, nasceu em 1895 em Pernambuco. Irmã do também artista Vicente do Rego Monteiro, fez seus estudos na ENBA e na Academia Julien, em Paris, tendo tido, entre outros mestres, Brocos, Visconti, Gervais e Gultin. Obteve medalha de prata no Salão de Belas Artes do Rio de Janeiro e menção honrosa no Salon de 1º Art de La Femme. Na Pinacoteca Estadual tem os seguintes trabalhos: “La Sorcière, La Danseuse em rouge, La Dame au manchon”, além de outros em coleções particulares do Recife, São Paulo e Rio de Janeiro. Foi fundadora da EBAP e professora catedrática efetiva da disciplina de Desenho.

O alemão Carlos Botzilaus Fest nasceu em 1882, e naturalizou brasileiro. Fez o curso de “engenheiro arquiteto” na Real Escola Politécnica de Hgnover (grifo do autor). Teve como mestres Föppl, Von Thiersch, Burmester e outros. Obteve medalha de prata na Exposição alemã de Este, em Pover, em 1911. Pertenceu a Sociedade de Arquitetura de Berlim e a Deutscher Werkbund. Foi professor da Escola Técnica de Posen, na Polônia, engenheiro da cidade de Colônia, Alemanha, chefe da seção de execução de obras da firma Fried Krupp, em Essen, Alemanha. Diretor de obras e de administração de imóveis da Sociedade Eschweiler, Bergswerksverein, e diretor de obras das usinas da firma Rugo Stinnes, em Essen. Executou projetos de vila operária maternidade, de armazéns e de hospitais para a firma Fried Krupp, de fábrica oficinas e de vilas operárias para as minas de carvão de Eschweiler, próximo de Aschen e do prédio da administração, de fábrica de vidro e de vila operária para a firma Hugo Stinnes. Executou o internato do Mosteiro de São Bento e a casa de residência em São Paulo.

Foi sócio do Instituto de Engenharia de São Paulo. Tinha escritório de Construção e Arquitetura em Recife, onde executou reformas de Igrejas, construção de obras industriais e de casas residenciais. Foi professor catedrático efetivo de Perspectiva e Sombras, Estereotomia<sup>37</sup>, admitido na EBAP por ato do conselho técnico-administrativo de 22/10/1936 e teve seu diploma registrado no DNE em 19/02/1935.

O professor Murilo La Greca nasceu em Palmares, Pernambuco, em 1901. Era filho dos italianos Vicente La Greca e Tereza C. La Greca. Perdeu seu pai aos dois anos. Fez estudos no Real Instituto de Belas Artes, em Roma. Obteve medalha de prata no Salão de Belas Artes do Rio de Janeiro com o quadro “Fanáticos de Canudos”. Realizou várias exposições no Rio de Janeiro e no exterior. Dedicou-se aos estudos da anatomia, sendo um ‘figurista’ de renome. Foi fundador da EBAP e professor catedrático efetivo de desenho de Modelo Vivo. Implantou e foi o primeiro professor a ministrar a disciplina de Desenho de Modelo Vivo na EBAP.

José Maria Carneiro de Albuquerque Melo nasceu em 1902, em Pernambuco. Obteve o diploma de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito de Recife. Foi diretor da Biblioteca Pública e do Museu do Estado e secretário da Interventoria Federal em Pernambuco. Foi fundador da EBAP e professor catedrático efetivo da disciplina de História da Arte. Neste período o seu diploma estava em processo de análise pelo DNE.

Mário Luna de Castro Nunes (1889-1982), pernambucano, fundador da EBAP e professor catedrático efetivo de Pintura (paisagem), permanecendo no corpo docente por mais de 30 anos. Começou a pintar muito cedo, com apenas 9 anos de idade. Na juventude, trabalhou como ilustrador do jornal “A Paleta”, por ele criado. Fez seus estudos com Teles Júnior, em Pernambuco. No dia 3 de maio de 1929, artistas pernambucanos, liderados por ele, promoveram, no Teatro de Santa Isabel, o I Salão Pernambucano de Belas Artes. Expôs no Salão de Belas Artes do Rio de Janeiro. Obteve medalha de bronze em 1927 e de prata em 1930 e grande prêmio do Estado de Pernambuco. Dentre seus trabalhos destacam-se “Templo colonial” e “Parede velha” na Pinacoteca do Estado de Pernambuco; “Uma Tarde no Pina”, “Ponte de Nassau. Foi ainda professor da Escola Doméstica de Pernambuco, do Instituto Carneiro Leão, da Escola Normal e da Escola Normal Pinto Júnior. No Ginásio Pernambucano, foi professor contratado. Nunes foi um dos artistas convidado para pintar o Teatro do Parque, quando ele foi inaugurado em 24 de Agosto de 1915.

---

<sup>37</sup> Ciência que trata do corte e da divisão dos sólidos empregados na indústria e na construção. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/estereotomia/>>. Acesso em: 6 junho de 2014.

O engenheiro civil, Nestor Moreira, pernambucano nasceu em 1888, era formado pela Escola de Engenharia de Pernambuco, onde obteve o grau de Doutor em Ciências Físicas e Matemática. Foi membro da Sociedade de Cultura Musical da Associação dos Amigos de Arte do Liceu de Artes e Ofícios, do Clube de Engenharia, professor de Geometria Descritiva na Escola de Engenharia de Pernambuco. Exerceu os cargos de engenheiro da Societè Du Port de Pernambuco, das Obras Contra as Secas, engenheiro diretor da Repartição de Viação e Obras Públicas do Estado, da Diretoria de Saneamento do Interior e da Diretoria de Arquitetura do Estado. Foi fundador da EBAP e professor efetivo da disciplina de Geometria Descritiva.

Bibiano Antão da Silva nasceu em 08 de março de 1888, em Vitória de Santo Antão, Pernambuco. Estudou na ENBA. Executou o grande Monumento da Independência, em bronze, para ser colado na época, em frente ao Palácio do Governo de Natal. Foi o único brasileiro que apresentou projeto para o concurso para a execução do Monumento do Ipiranga, em São Paulo, onde foi classificado em 3º lugar. É autor de todos os grupos que figuram na fachada do Palácio da Justiça, em Recife, como também do busto do Presidente Getúlio Vargas (1934), sendo o único escultor para quem o presidente pousou. Entre muitos trabalhos é autor da figura “Libertus” com que concorreu a prêmio de viagem. Tem várias medalhas de ouro e de prata adquiridas em vários salões. É autor de diversos bustos, inclusive o do Ministro Valdemar Falcão, encomenda do Governo do Ceará, para ser colocado em uma das praças de Fortaleza. Como funcionário municipal, foi censor do mausoléu do Cemitério de Santo Amaro. Exerceu o magistério em vários colégios e escolas profissionais do Recife. Foi fundador da EBAP, tendo sido seu primeiro diretor. Foi professor catedrático efetivo da disciplina de Escultura, foi temporariamente substituído por Casemiro Corrêa, professor catedrático da disciplina de Modelagem.

O italiano Mário Tullio nasceu em 1895, mas foi naturalizado brasileiro. Estudou em Veneza, tendo como mestres Sartorelli, Minotto, Sormani e Lorenzetti, tendo ali obtido duas menções honrosas e três medalhas de prata. Obteve duas menções honrosas e uma medalha de prata no Salão de Belas Artes do Rio de Janeiro. Dentre seus trabalhos, destacam-se “O enterro da Ilusão” (Salão de 1918), “A Serra de Teresópolis” e “Águas que partem” (na Pinacoteca do Estado de Pernambuco). Fundou o 1º Salão da Primavera no Rio de Janeiro e o 1º Salão Pernambucano da Sociedade de Belas Artes de Pernambuco. Foi professor da Escola Técnica Profissional Masculina e ex-professor do Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro. Foi cenógrafo do Teatro Municipal do Rio de Janeiro em várias peças teatrais. Foi professor

efetivo da EBAP da disciplina de Pintura, admitido pelo ato do conselho técnico-administrativo de 22/10/1936.

Os professores que serão apresentados abaixo não possuíam diploma reconhecido pelo DNE e por este motivo, estavam enquadrados na categoria de professores catedráticos a título precário. Portanto, poderiam ser substituídos das suas funções quando assim determinasse o conselho da escola. Dentre os professores pesquisados, os que atuaram no curso de Pintura, Escultura e Gravura e não tinham comprovação profissional regularizada são os seguintes:

Professor Abelardo de Albuquerque Gama, que nasceu em 1896, em Pernambuco. Teve como mestre José Redran de Orosco. Exerceu dos anos de 1928 aos anos de 1931 o cargo de arquiteto do Departamento de Higiene. Foi professor da disciplina de Desenho e Geometria em vários estabelecimentos de ensino. Concorreu ao 2º e 3º Salão Geral de Belas Artes de Pernambuco e a Exposição Geral de Pernambuco, onde obteve no ano de 1924 o diploma de mérito com medalha de bronze. Tinha escritório de Arquitetura em Recife. Publicou as seguintes obras: Distribuição interna das habitações, Elementos de Geometria Prática (aprovada pelo Conselho de Ensino de Pernambuco); Desenho Linear Geométrico; Rudimentos de Desenho a Mão Livre. Foi fundador da EBAP e professor catedrático da disciplina de Arquitetura Analítica, cadeira exercida também pelo professor efetivo Fernando da Silva Almeida. Era licenciado como arquiteto pelo Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura da 2ª Região.

O pernambucano Heitor da Silva Maia Filho nasceu em 1901. Estudou com Teles Júnior, Mauricéia, H. Moser, G. Palumbo. Visitou os museus do Rio de Janeiro, Paris, Bruxelas, Berlim e Moscou, fazendo apontamento e observações sobre suas especialidades. Foi arquiteto da prefeitura do Recife e membro da Comissão do Plano da Cidade. Foi membro do Clube de Engenharia de Pernambuco e professor de vários estabelecimentos de ensino da cidade. Tinha escritório de arquitetura e construções, havendo construído e projetado várias obras importantes, dentre elas a Faculdade de Direito de Alagoas, o Hospital de Alienados de Alagoas, o Balneário de Olinda. Foi fundador da EBAP e exerceu interinamente o cargo de diretor. Foi também professor catedrático da disciplina de Grandes Composições de Arquitetura, substituído temporariamente pelo professor João Corrêa Idma. É licenciado como arquiteto pelo Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura da 2ª Região (carteira profissional nº 075).

Heinrich Moser nasceu em 1885, na Alemanha, fez seus estudos na Raviera, na Kgl. Kunstgewerkeschule (Escola Real de Artes Aplicadas) e na Kgl. Akademie der Bildenden Kuenste (Real Academia de Belas Artes), tendo como mestres Max Dasio, Wiedenmann,

Kleiber, Gabriel Von Hackel, etc. Obteve durante seu curso, incentivos do governo e menção honrosa. Obteve medalha de ouro na exposição comemorativa do Centenário da Independência do Brasil, em 1922. Destacou-se na história do vitral em Pernambuco. Em 1930, Moser concluiu o primeiro vitral feito no Recife. A obra foi produzida para o Palácio da Justiça, no centro do Recife. O tema era a primeira Assembléia Legislativa, instalada em 1640, por Maurício de Nassau. Foi fundador da EBAP e professor da disciplina de Arte Decorativa. Na EBAP montou o primeiro ateliê de vitral do estado. Pintor sacro, decorador e vitralista, o artista executou as pinturas e os vitrais da Igreja Madre de Deus, do Palácio do Governo, da Igreja das Graças e da Basílica do Carmo. da Basílica do Carmo, da Igreja das Graças, da Madre Deus e outras.

A seguir apresentaremos os professores que atuaram no curso de Pintura, Escultura e Gravura que não eram na categoria de catedráticos, que não tinham comprovação específica da atuação na disciplina que ministravam na EBAP, e portanto ficavam em disponibilidade.

Geraldo Souza Paes de Andrade Filho, nasceu em 1905, em Pernambuco, diplomou-se como médico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (Faculdade Nacional de Medicina). Pertenceu à Sociedade dos Americanistas de Paris e à Academia Pernambucana de Letras e é atualmente presidente da Sociedade de Medicina de Pernambuco. Foi professor da Faculdade de Medicina de Pernambuco e da Escola Normal (oficial) e da Escola Normal Pinto Junior. Foi inspetor de higiene social do Departamento de Saúde Pública e vereador da Câmara Municipal do Recife. Foi fundador da EBAP e professor catedrático em disponibilidade da disciplina de Sociologia Aplicada, que era lecionada como curso de extensão universitária. Tem diploma registrado no DNE em 22-01-1927 (folha 97 do livro competente).

O engenheiro civil Domingos da Silva Ferreira, nasceu em 1897, em Pernambuco, diplomou-se na Escola de Engenharia de Pernambuco. Exerceu os cargos de engenheiro chefe da Comissão Geodésica e Topográfica do Recife e de Diretor do Departamento Geral das Municipalidades. Foi chefe do Escritório Técnico da Prefeitura de Recife e consultor estético da cidade. Membro do Clube de Engenharia de Pernambuco. É autor do cálculo geodésico da planta da cidade do Recife contido na obra Triangulação do Recife, e de um plano geral de desenvolvimento urbanístico da cidade. Foi fundador da E. B. A. P (de que já foi diretor) e professor catedrático em disponibilidade de Resistência dos materiais, Grafo-estática, Estabilidade das construções (2º cadeira), que foi exercida pelo professor catedrático efetivo Pelópidas Silveira. Tem diploma registrado no DNE em 22/01/1927 (folha 288 do livro competente)

Mário Carneiro do Rêgo Melo, nasceu em 1884, bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais da Faculdade de Direito do Recife. Foi secretário do Instituto Arqueológico de Pernambuco e membro dos Institutos Históricos do Amazonas, do Pará, do Maranhão, do Ceará, do Rio Grande do Norte, da Paraíba, de Alagoas, de Sergipe, da Bahia, do Espírito Santo, do Rio de Janeiro, Distrito Federal, do Estado do Rio de Janeiro, de Belo Horizonte, de Ouro Preto, de São Paulo, do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul; das Academias de Letras de Pernambuco, do Amazonas e de Alagoas; das sociedades de Geografia do Rio de Janeiro, de Lisboa, de Washington, de Paris e de Lima; da Academia de Belas Artes e Ciências Históricas de Toledo; da Societé Academique d'Histoire Internationale de Paris; e da Sociedade de Estudos Históricos de Lisboa. Foi diretor do Museu do Estado. Foi professor de português e de história do Brasil na Faculdade de Comércio de Pernambuco. Foi funcionário da Diretoria Regional dos Correios e Telégrafos de Pernambuco e jornalista. Tem várias obras publicadas entre as quais: A igreja mais antiga do Brasil; os Carnijos de Águas Belas; Os pelourinhos do Recife; Genealogia Municipal de Pernambuco; Frei Caneca; A cidade do Recife e sua evolução; Aspectos da História, o Forte dos Marcos, entre outras. Faleceu em 24 de Maio de 1957.

**ANEXOS**

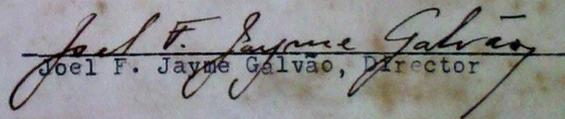
## Anexo A – Ato nº 1 para adaptar a EBAP ao Decreto nº 22.897

Acto nº 1

O Director da Escola de Bellas Artes de Pernambuco, tendo em vista a necessidade de adaptar convenientemente esta instituição ao Decreto nº 22.897, de 6 de Julho de 1933, que rege a organização do ensino artistico ministrado pela Escola Nacional de Bellas Artes, e, para fins de preencher ultimas exigencias determinadas pelo Ministerio de Educação e Saúde Publica, por intermedio da Divisão do Ensino Superior, resolve adotar rigorosamente a seriação constante do decreto acima, para todos os cursos mantidos por este estabelecimento, pondo em disponibilidade os professores cathedrativos das cadeiras Sociologia Applicada, Esthetica, Critica e Archeologia, respectivamente, dr. Geraldo Paes de Andrade, Frei Mathias Teves, dr. Octavio Leite Moreira e Bacharel Mario Carneiro do Rego Mello, de conformidade com o regulamento em vigor.

Submetta-se o presente acto ao veredictum da Congregação.

Recife, 17 de Março de 1938

  
Joel F. Jayme Galvão, Director

## Anexo B – Carta ao Ministério da Educação e Saúde

Ministerio da Educação e Saúde  
Gabinete do Ministro

Em 5.3.938

Sr. Presidente:

A Escola Nacional de Belas Artes de Pernambuco  
pleiteia:

- a) inspeção federal;
- b) auxilio financeiro da União.

A solução do primeiro assunto depende de parecer do Conselho Nacional de Educação, que, por lei, conhece dos pedidos de fiscalização. O processo referente á Escola deverá ser remetido a êsse órgão para estudo nas suas sessões dêste mês.

Quanto á subvenção, deverá ser requerida na fôrma da legislação que, em breve, se estabelecerá.

Atenciosamente,

a) Capanema.

## Anexo C – Ata de fundação da Escola de Belas Artes de Pernambuco

Acta da fundação da Escola de Bellas Artes de Pernambuco, realizada em vinte e nove de Março de mil e novecentos e trinta e dois.

Sessão presidida pelo esculptor Bibiano Silva e secretariada pelo architecto Jayme Oliveira.

Aos vinte e nove dias do mes de Março, do anno de mil e novecentos e trinta e dois, no atelier dos Pintores Alvaro Amorim e Mario Nunes, sito no segundo andar, da Rua Joaquim Tavora, desta cidade do Recife, foi, sob a orientação do esculptor Bibiano Silva, escolhido pelos presentes para presidir os trabalhos e secretariada pelo Architecto Jayme Oliveira, realizada a annunciada reunião dos artistas residentes na cidade do Recife, com o fim de crear em Pernambuco, uma Instituição, para ministrar conhecimentos artisticos. Orientando os trabalhos o senhor Bibiano Silva, lembra a necessidade de se organizar um grupo que melhor controlasse o movimento e a quem se attribuisse poderes para, em nome dos artistas, residentes no Estado, agir em favor da causa. A idéa é acceita pelos presentes, sendo esse grupo designado de "Comité pró Escola de Bellas Artes de Pernambuco" pois, é esse o nome da Instituição que acaba de ser fundada. Os presentes resolveram, crear, uma Escola de Bellas Artes, em vista do grande interesse publico e dadas as necessidades, de um Estabelecimento desse genero, no Nordeste brasileiro. Argumentando-se, então, que, a fazer um Instituto de ensino artistico, lacuna das matizes num centro de cultura, Pernambuco, digo, como é o Pernambucano, não se devia fazel-o, senão de accordo com os dispositivos do governo federal, sobr o assumpto.

Assim, ficou fundada a Escola de Bellas Artes de Pernambuco, debedendo os seus regulamentos e demais dispositivos burocraticos, seguirem as normas adaptadas na Escola Nacional de Bellas Artes e decretadas pelo Chefe do Governo Provisorio da Republica Brasileira. É aclamado o Comité pró Escola de Bellas Artes de Pernambuco assim constituído: Esculptor, Bibiano Silva, presidente; Architecto, Jayme Oliveira, secretario e o Pintor, Balthazar da Camara, thesoureiro. Esse Comité terminará o seu mandato quando for eleita e empossada a Directoria definitiva, do novo estabelecimento de ensino. Foram nomeadas varias commissões afin de se entender com autoridades, intellectuaes, homens publicos, Commercio, Industria, Imprensa, etc. para que apparem e prestigiem esse movimento unanime dos artistas que, vivem em Pernambuco. O senhor presidente convida os presentes, a se reunirem novamente, em dia opportunamente annunciado pela Imprensa, para que assim possamos, o mais breve concretizarmos o que acabamos de fundar. Quando orientando os trabalhos, o senhor Bibiano Silva teve palavras de carinho e reverencias por outras tentativas, embora fracassas, no sentido de uma fundação, de um Estabelecimento desse genero em Pernambuco. E nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão. E, para constar, eu, Jayme Oliveira, secretario do Comité, laurei este resumo, no mesmo livro que servirá, futuramente, para nelle serem lançadas as actas da Congregação da nova Escola.

Secretaria do Comité, em 29 de Março de 1932. Jayme Oliveira - Secretario.

Presidente:

Membros:

- a) Balthazar da Camara
- " Mario Nunes
- " Alvaro Amorim
- " Murillo La Greca
- " Henrique Elliot
- " Emilio Fransosi
- " Henrique Moser
- " Heitor Maia Filho
- " Abelardo Gama

Confere com o original  
Recife, 26 de Novembro de 1932.

Rubens Christiano Gomes

VISTO

José Calvão

Anexo D - Carta do secretario Rubens Gomes ao Presidente da República Getúlio Vargas



## Escola de Belas Artes de Pernambuco

(C O P I A)

Rio, 21 de Fevereiro de 1938

Exmo- Snr. Presidente dr. Getulio Vargas

Reconhecendo a quasi impossibilidade de avistar-me, no momento, com V. Excia., cujas altas occupações com trato de solução dos palpitanes problemas nacionaes tomam-lhe todas as horas do expediente,-- como teve occasião de acentuar V. Excia. em sua brilhante entrevista collectiva á imprensa-- tomo o alvitre de enviar a V. Excia. a Mensagem da Congregação da Escola de Bellas Artes de Pernambuco, da qual sou portador.

Quero, no entanto, aproveitar-me da oportunidade para solicitar de V. Excia. sua attenção para o pedido de inspecção que a Escola de Bellas Artes de Pernambuco dirigiu ao Ministerio da Educação e tambem para a parte financeira.

Certo de que V. Excia., no obstante os motivos que expuz acima, não relegará ao esquecimento a justa pretensão da referida Escola, apresento-lhe os meus cumprimentos, com a melhor expressão do meu apreço e subscrevo-me

Atto. patricio e obrigado.

(a) Rubens Christiano Gomes  
Secretario.

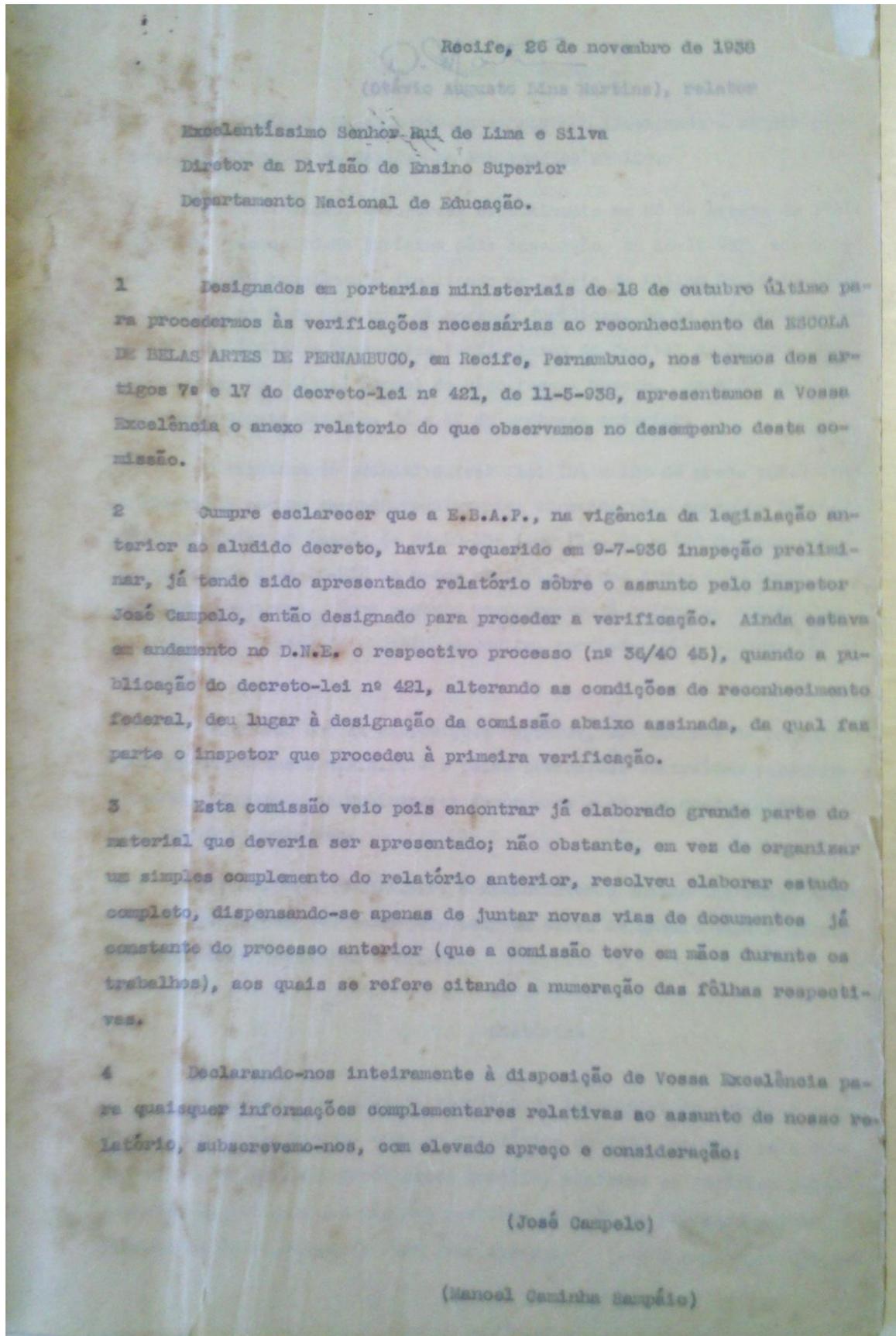
## Anexo E - Relatório para Inspeção Federal dos anos de 1938. Livro nº 110.

Apresentação -----	pg. 11
Sumário -----	1v
Generalidades -----	1
Histórico -----	1
Patrimônio. Situação financeira -----	2
Condições materiais -----	5
Organização administrativa -----	9
Organização didática -----	11
Corpo docente -----	15
Organização escolar -----	21
Corpo discente -----	23
Conclusões -----	26

## ANEXOS:

Curricula vitae dos professores -----	28	a	35
-Documentos referentes aos professores -----	36	a	45
Históricos escolares dos alunos -----	46	a	76
Diário do Estado de 26-10-938 -----			77
Trabalhos escolares de alunos -----	78	a	84
Cóia de atas da congregação -----	85	a	109
Cóia de atas de reuniões do conselho técnico --admi nistrativo -----	110	a	113
Cóia do ato nº 1 -----			114
Cóia de relatórios apresentados à congregação pê- lo diretor (1936 a 1937) -----	115	a	141
Projeto de mobiliário para a sala da congregação -----			142
Cóia de contrato de cessão do prédio -----			143
Certidão de depósito -----			144
Plata da escola -----			145
Fotografias -----	146	a	149.

## Anexo E- Relatório para Inspeção Federal dos anos de 1938. Livro nº 110



## Anexo E- Relatório para Inspeção Federal dos anos de 1938. Livro nº 110.

da E.B.A.P. teve lugar em 20 de agosto de 1932.

7 Bem recebida pelos meios artísticos locais, pela imprensa e pelos poderes públicos, foi considerada de utilidade pública pelo decreto estadual nº 165, de 22-12-932. O apoio que lhe vêm concedendo o governo estadual e os poderes municipais têm sido concretizado ainda por vários atos oficiais: isenção de impostos estaduais pelo ato nº 224, de 18-2-933 (cf. fl. 38 proc. ant.) e de impostos municipais (fl. 42 v); redução na contribuição d'água de acôrdo com o decreto estadual nº 382, de 21-3-935 (fl. 39); subvenção estadual de 5:400\$ e municipal de 4:800\$ (fl. 38 e 42 v). A lei estadual nº 204, de 3 de dezembro de 1936 (cujo texto consta da fl. 46 do proc. ant.) autorizou o governador do estado a constituir um patrimônio em favor da E.B.A.P. representado por apólices da dívida pública do estado no valor de 200:000\$ (duzentos contos de reis).

8 Finalmente, mediante contrato celebrado na Secretaria do Interior a 5-1-938 (ver pg. ) o governo cedeu à E.B.A. o prédio onde já vinha funcionando desde sua fundação, prédio esse adquirido por 120 contos, porém avaliado em 200 contos. A E.B.A.P. obteve subvenção federal de 20:000\$, tendo recebido em 1935 a contribuição correspondente ao ano anterior. As demais contribuições têm sido recebidas com irregularidade, devido a dessídia do procurador. Em 1938 foram recebidos 10 contos de subvenção federal correspondente a 1937.

9 Assim, com o apoio dos poderes públicos, lutando embora contra dificuldades financeiras porém contando com a dedicação de seu corpo docente, vem a E.B.A.P. trabalhando honestamente no sentido de dotar o norte do país de um centro de estudos artísticos à altura das tradições culturais da capital pernambucana.

Patrimônio - Situação financeira

10 O patrimônio da E.B.A.P. é constituído de: (a) prédio em que funciona, situado na Rua Benfica nº 150, cedido pelo governo estadual nos termos do contrato de pg. (b) moveis, material didático, livros

Anexo E - Relatório para Inspeção Federal dos anos de 1938. Livro nº 110.

5

de sua bibliotéca, e peças de sua pinacoteca incipiente; (c) apólices da dívida pública estadual no valor de 200:000\$ (duzentos contos), concedidas nos termos da lei nº 204, de 3 de dezembro de 1936 (ver fl. 46 do proc. anterior e certidão de pg. ).

11 O imóvel onde funciona a E.B.A.P. foi adquirido em 22-10-33 dos irmãos Soares de Amorim, pöla importância de 120:000\$; entretanto, a Diretoria de Obras Públicas do Estado o avaliou em 200:000\$, valor admitido para o cálculo do patrimônio.

12 De acôrdo com o inventário de 31-12-32, referido no balanço cujo resumo consta da fl. 322 do proc. ant., os moveis, utensílios e material didático existentes na escola naquela data correspondiam ao valor de 217:265\$000 (duzentos e dezeseite contos duzentos e sessenta e cinco mil reis); as aquisições provenientes de compras e doações verificadas até esta data podem ser estimadas em 44:300\$, assim discriminadas:

Móveis e utensílios.....	15:200\$
Bibliotéca.....	7:400\$
Atelier de pintura.....	400\$
Atelier de desenho.....	900\$
Atelier de escultura.....	600\$
Atelier de natureza morta.....	1:400\$
Gabinete de materiais.....	200\$
Pinacoteca.....	20:200\$
	44:300\$

13 Os acréscimos mais importantes figuram sob a rubrica de Móveis e utensílios (correspondente à aquisição de um grupo estofado; 3 bureaux; 2 cadeiras; 1 estante-fichário; 1 arquivo de plantas; 2 armários de vinhático; 1 epidiascópio Zeiss com tela de projeção, etc.) e sob a rubrica de Pinacoteca (correspondente à doação de 12 telas e 2 esculturas, entre os quais pode-se mencionar os quadros de Manuel Santiago, Osvaldo Teixeira, Armando Viana, Sara V. de Figueiredo, Georgina de Albuquerque e as esculturas de Humberto Cavina e Corrêa Lima). O valor dessas aquisições (44:300\$) somado ao valor correspondente ao

Anexo E - Relatório para Inspeção Federal dos anos de 1938. Livro nº 110.

inventário de 31 de dezembro de 1935 (217:265\$; ver fls. 322 e 323 do processo anterior) dão um total de 261:565\$, sejam 261:600\$ (duzentos e sessenta e um contos e seiscentos mil reis).

	1933	1934	1935	1936	1937
14 Baseado nesses elementos, pode-se avaliar o patrimônio atual da E.B.A.P. na importância total de 661:600\$ (seiscentos e sessenta e um contos e seiscentos mil reis) assim distribuídos:					
Diversa: Terreno e edifício.....				11.200:000\$000	11.200:000\$000
Móveis, utensílios, material didático, etc.....				261:600\$000	261:600\$000
Apólices da dívida pública estadual.....				200:000\$000	200:000\$000
T o t a l.....				661:600\$000	661:600\$000

15 A rigor, não deveria ser considerado bem patrimonial da E.B.A.P. o edifício onde está instalada, pois é legalmente imóvel pertencente ao estado, cedido à escola mediante contrato, enquanto bem funcionar. Praticamente, porém, pode ser como tal considerado, e por isso foi incluído pela comissão no cálculo do patrimônio.

16 Apesar do apoio material concedido pelos poderes públicos, a E.B.A.P. vem, desde sua fundação, lutando contra dificuldades financeiras que tem conseguido vencer graças à dedicação de seus professores que, desinteressadamente, vêm gratuitamente ministrando as aulas a seu cargo. A receita e despesa a partir do exercício de 1933 podem ser resumidas nos seguintes quadros:

RECEITA

	1933	1934	1935	1936	1937
Subvenção federal			20:000\$0		
Subvenção estadual	5:400\$0	5:400\$0	5:400\$0	5:400\$00	5:400\$0
Subvenção municipal	2:400\$0	2:400\$0	2:400\$0	4:800\$0	4:400\$0
Taxas escolares	9:117\$9	8:530\$5	8:937\$7	9:330\$5	11:500\$0
Outras rendas	2:800\$0	1:720\$2	-	4:476\$5	9:026\$5
Total	19:717\$9	17:050\$5	36:737\$7	24:007\$5	31:326\$5

## Anexo E - Relatório para Inspeção Federal dos anos de 1938. Livro nº 110.

DESPESA

	1933	1934	1935	1936	1937
Manutenção do pessoal administrativo	7:080\$0	7:080\$0	8:160\$0	7:080\$0	8:388\$5
Em material didático	4:190\$4	1:141\$5	6:780\$2	4:950\$0	5:113\$7
Diversas despesas	8:400\$0	8:684\$2	14:498\$0	11:941\$5	16:759\$7
	19:670\$4	16:845\$5	29:438\$2	23:969\$4	30:261\$9

17 A escrita financeira da E.B.A.P. só passou a ser feita com a regularidade desejável a partir de fevereiro de 1936. São mantidos desde então as seguintes livros essenciais: livro de movimento da receita e despesa (inscrito como caixa), livro de patrimônio e livro de contas correntes dos alunos. Tem 33,0 m<sup>2</sup>, o atelier de desenho figurado, com 22,0 m<sup>2</sup>, o atelier de arte decorativa e pintura, com 27,0 m<sup>2</sup> e uma sala com 24,0 m<sup>2</sup>, providenciando as condições materiais modelo tipo.

18 Uma biblioteca está providenciada o atelier de escultura, com 15,0 m<sup>2</sup>. O edifício onde funciona a E.B.A.P. fica situado na rua Benfica nº 150, no bairro da Madalena, distante dois quilômetros e meio do centro comercial da cidade. A rua, bem esçada, servida por várias linhas de bondes, é zona residencial, não havendo nas proximidades fábricas ou casas de diversão.

19 O prédio principal fica recuado 12 metros da rua, cujo tráfego é moderado, não havendo ruídos que perturbem os trabalhos didáticos.

20 O terreno, que se limita ao fundo com o rio Capibaribe, tem a forma geral de quadrilátero irregular, com uma frente de 35 metros e comprimento médio de 90 metros. Sua área total é de 2.700 m<sup>2</sup>. A área edificada corresponde a 553 m<sup>2</sup> (20% do total), deixando uma área não edificada de 2.150 m<sup>2</sup>. A frente do edifício é voltada para Sudoeste.

21 O prédio principal, edificado há cerca de 50 anos para residência, sofreu ligeiras modificações para adaptá-lo ao fim atual. Tem dois pavimentos e um sótão, este só utilizado como depósito de material. É

## Anexo E - Relatório para Inspeção Federal dos anos de 1938. Livro nº 110.

de sólida construção e acabamento satisfatório, achando-se em boas condições de conservação. A distribuição das salas de aula, gabinetes, ateliers e salas de administração permite boas condições de iluminação e arejamento.

22 A administração da E.B.A.P. pretende construir, possivelmente com auxílio de donativo particular, um pavilhão destinado ao diretório acadêmico e a melhores instalações dos ateliers de escultura, de modelagem, de arte decorativa e de modelo vivo. Encontra-se em anexo (pgs e ) o projeto dessa construção que deverá substituir as atuais dependências à esquerda do edifício principal.

23 No pavimento térreo está situada a sala comum à diretoria e secretaria, com 26,2 m<sup>2</sup>; o arquivo, com 15,0 m<sup>2</sup>; o atelier de modelagem, com 26,8 m<sup>2</sup>; o atelier de perspectiva, arquitetura analítica e composições de arquitetura, com 53,0 m<sup>2</sup>; o atelier de desenho figurado, com 23,5 m<sup>2</sup>; o atelier de arte decorativa e pintura, com 27,6 m<sup>2</sup> e uma sala com 29,5 m<sup>2</sup>, provisoriamente destinada aos estudos com modelo vivo. Numa dependência está situado provisoriamente o atelier de escultura, com 24,4 m<sup>2</sup>.

24 No segundo pavimento existe a sala de professores, com 41,2 m<sup>2</sup>; um salão para conferências e reuniões, com 64,6 m<sup>2</sup>; a biblioteca, com 30,5 m<sup>2</sup>; a sala de materiais de construção, com 15,2 m<sup>2</sup>; o atelier de natureza morta, com 48,4 m<sup>2</sup>; e duas salas para aulas teóricas, com 23,0 e 28,6 m<sup>2</sup>.

25 O material didático já está relacionado no processo anterior, de acôrdo com as referências que se seguem:

Gabinete de topografia: ver relação de fl. 222 do proc. ant.

Gabinete de materiais de construção: ver relação de fls. 224/5.

Atelier de modelagem: ver relação de fl. 231.

Atelier de perspectiva, arquitetura, etc.: ver relação de fls. 233 e 234.

Atelier de artes decorativas: ver relação de fl. 237.

Atelier de modelo vivo: ver relação de fl. 240.

Atelier de natureza morta: ver relação de fls. 242 e 243.

## Anexo E - Relatório para Inspeção Federal dos anos de 1938. Livro nº 110.

Atelier de desenho figurado: ver relação de fl. 245, à qual se  
 deve acrescentar bustos de Laectus, Júpiter, Sêneca, Nicolau,  
 Promar (W. Neobe, Brotolone, Lourenço de Médicis, uma cabeça de Cristo,  
 Veron várias máscaras, grifos, etc.

Atelier de pintura: ver relação de fl. 247.

Atelier de escultura: ver relação de fl. 249.

26 A biblioteca está instalada no segundo pavimento e dispõe de mo-  
 veis confortáveis. Possui 832 volumes, alguns de cultura em geral e a  
 maioria sobre assuntos de arquitetura, pintura, escultura e gravura.  
 Além da relação constante de fl. 251 do processo anterior, cumpre mencio-  
 nar os seguintes:

Hourtica (L.)	Encyclopédie des Beaux Arts (2 v.)
Speltz (A.)	La Ornamentacion Policroma (3 v.)
Ruskin (J.)	Stones of Venice (2 v.)
Elauc (Ch.)	Grammaire des Arts du Dessin
Hartmann	Historia de los estilos artisticos
Bayard (E.)	Les Styles (7 v.)
Bayard (E.)	Les Grands Maîtres de l'Art
Bayard (E.)	L'Art de reconnaître les styles
Bayard (E.)	L'Architecture moderne
Gromond (G.)	L'Architecture en France au XIX siècle
Melani (A.)	Manual de Architectura Italiana antiga
Cardoso (N.C.)	Monumentos de Portugal
Krafft (A.)	Pétit Manuel d'Architecture
Gaudet (J.)	Elements et théorie de l'Architecture (4 v.)
Rucci (C.)	Michelangelo
Day (F.)	Nature and Ornament
Brucke (E.)	Principes scientifiques des Beaux Arts
Lavedan (P.)	Histoire de l'Urbanisme
D'Espouy (H.)	Fragments d'Architecture de la Renaissance
Taine (H.)	La Peinture en Italie
Gonzalez (V.)	La Peinture Italienne
Maillar (D.)	L'Art Byzantin
Bellanger (C.)	L'Art du Peintre

## Anexo E - Relatório para Inspeção Federal dos anos de 1938. Livro nº 110.

11

Rodin (Aug.)	Les Cathedrales de France
Silvestre (A.)	Le mu au Salon
Froner (W.)	La sculpture antique
Veron	Esthetique
	Coleção Galerias da Europa; Louvre; Prado;
	Museus alemães; Pintura moderna.
	Maravillas del Universo (3 v., Jackson, éd.)
	Enciclopédia e Dicionário Internacional (20 v., Jackson, éd.)
	Masterpieces of Rubens; Franz Hals, Goya; Velasquez; Murillo.
Merrimann (M.)	Elements of Mechanics
Merrimann (M.)	Strength of Materials
Espitallier (M.G.)	Béton armé (2 v.)
Pinheiro (F.B.)	Alvenaria e Cantaria
Manguidi (C.)	Anatomia plástica
Picard (P.)	Chauffage et Ventilation (2 v.)
Bazard (A.)	Cours de mécanique (5 v.)
Oslet (G.)	Traité de Menuiserie
Oslet (G.)	Traité de Charpente en fer
Oslet (G.)	Traité de Charpente en bois
Oslet (G.) et Chaix	Traité des fondations, mortiers, maçonneries.

Não existem catálogos por assunto nem por autores. Há um livro onde as obras estão relacionadas por ordem alfabética dos títulos.

27 Como início de uma pinacoteca, possui a E.B.A.P. uma coleção de quadros de pintores brasileiros, podendo-se mencionar entre os autores Rosalvo Ribeiro, Antônio Parreiras, Teles Junior, Teodoro Braga, Carlos Chambelland, Murilo La Greca, Dakir Parreiras, Fédora Monteiro Fernandes, Osvaldo Teixeira, Mário Nunes, Henrique Moser, Mário Túlio, H. Helliot, Euclides Fonseca, A. Norfine, Alvaro Amorim, De Monita, Sara Vilela de Figueiredo, Osvaldo Teixeira, Quirino Campofiorito, Hilda Campofiorito, Jordão de Oliveira, Haidéia Santiago, Manuel Santiago, Vicente Leite, Armando Viana, Georgina Albuquerque, Lucílio Albuquerque

## Anexo E - Relatório para Inspeção Federal dos anos de 1938. Livro nº 110.

Rodin (Aug.)	Les Cathedrales de France
Silvestre (A.)	Le nu au Salon
Froner (W.)	La sculpture antique
Veron	Esthetique
	Coleção Galerias da Europa; Louvre; Prado;
	Museus alemães; Pintura moderna.
	Maravillas del Universo (3 v., Jackson, éd.)
	Enciclopédia e Dicionário Internacional (20 v., Jackson, éd.)
29	As fotografias: Masterpieces of Rubens; Franz Hals, Goya; Velasquez; Murillo.
Merrimann (M.)	Elements of Mechanics
Merrimann (M.)	Strength of Materials
Espitallier (M.G.)	Béton armé (2 v.)
Pinheiro (F.B.)	Alvenaria e Cantaria
Manguidi (C.)	Anatomia plástica
Picard (P.)	Chauffage et Ventilation (2 v.)
Bazard (A.)	Cours de mécanique (5 v.)
Oslet (G.)	Traité de Memuiserie
Jamin (J.)	Traité de Charpente en fer
Oslet (G.)	Traité de Charpente en bois
Oslet (G.) et Chaix	Traité des fondations, mortiers, maçonneries.

Não existem catálogos por assunto nem por autores. Há um livro onde as obras estão relacionadas por ordem alfabética dos títulos.

27 Como início de uma pinacoteca, possui a E.B.A.P. uma coleção de quadros de pintores brasileiros, podendo-se mencionar entre os autores Rosalvo Ribeiro, Antônio Parreiras, Teles Junior, Teodoro Braga, Carlos Chambelland, Murilo La Greca, Dakir Parreiras, Fédora Monteiro Fernandes, Osvaldo Teixeira, Mário Nunes, Henrique Moser, Mário Túlio, H. Heliot, Euclides Fonseca, A. Norfine, Alvaro Amorim, De Monita, Sara Vilela de Figueiredo, Osvaldo Teixeira, Quirino Campofiorito, Hilda Campofiorito, Jordão de Oliveira, Haidéia Santiago, Manuel Santiago, Vicente Leite, Armando Viana, Georgina Albuquerque, Lucílio Albuquerque

Anexo E - Relatório para Inspeção Federal dos anos de 1938. Livro nº 110.

12

e D. Ismailovitch. Há ainda vários gessos, entre êles os assinados por G. Lima e V. Cavina. X *Presente por José Natalino de Barros e Silva*

28 Na sala de conferências, onde funcionam cursos de extensão universitária, existe um epidiascópio Zeiss. No Liceu Industrial está sendo executado o mobiliário desta sala, que se comporá de cadeiras para a congregação e assistência. Em anexo encontram-se os desenhos desses móveis, cuja execução foi contratada pela quantia de onze contos e quinhentos mil reis.

*(a) Arquitetura: João Correa Lima*  
*(b) Pintura, Escultura e Gravura: Murilo La Green.*

29 As fotografias constantes do processo anterior e as que figuram em anexo ao presente relatório dispensam descrição minuciosa das instalações. As plantas esclarecem a distribuição das salas no corpo do edificio. *Presente: Natalino de Barros e Silva.*

33 Desde a sua fundação, tem a E.B.A.P. sido administrada pelos seguintes diretores, alguns dos quais têm exercido o cargo interinamente como substitutos legais dos diretores ausentes. Na relação estão assinaladas as datas de início dos exercícios.

30 A E.B.A.P. é administrada por uma diretoria, composta de diretor e vice-diretor eleitos entre os catedráticos efetivos; pelos diretores dos cursos; pelo conselheiro-técnico-administrativo e pela congregação. Cabe ao diretor nomear livremente um secretário, um tesoureiro e os demais funcionários administrativos.

*Ribiano Silva 20-2-33*  
*Editor da Silva Maia Filho (Int.) 17-2-33*  
*Murilo La Green (Int.) 24-7-33*  
*Editor da Silva Maia Filho (Int.) 26-2-34*

31 Os diretores dos cursos têm como função assistir o diretor da escola no que se refere aos assuntos escolares, didáticos e administrativos dos cursos que lhes estão afetos; são nomeados pelo diretor dentre os professores catedráticos efetivos ou em disponibilidade.

32 Atualmente está assim constituída a administração da E.B.A.P.

Diretor: Joel Galvão *professor Domingos Ferreira, cujo cargo foi assumido em 1-2-38 e atualmente encontra-se em licença sem vencimentos.*

Vice diretor: Mário Nunes

Secretário: Rubens Cristiano Gomes

Tesoureiro: Vago. Suas funções vêm sendo preenchidas pelo secretário.

Membros do conselho técnico-administrativo:

Oscar da Silva Ferreira  
 João Correa Lima

## Anexo E - Relatório para Inspeção Federal dos anos de 1938. Livro nº 110.

12

32 Existem na secretaria Heitor da Silva Maia Filho, (substituído temporariamente por José Estelita de Barros e Silva)  
 Livro de insc Otávio Leite Moreira (substituído temporariamente por Henrique Moser)  
 Livro de termos José Maria Carneiro de Albuquerque  
 Livro de posse João Alfredo Gonçalves da Costa Lima  
Diretores dos cursos: geral administrativo  
 Livro (a) Arquitetura: João Correa Lima  
 Livro (b) Pintura, escultura e gravura: Murilo La Greca.  
Auxiliar de secretaria e bibliotecário: Luiza Ribeiro  
Bedeis: José Correia de Barros  
 Livro de Manoel de Oliveira Souza  
Servente: Esterlito Severino de Freitas, unico-administrativo  
 Livro de protocolos de saída de officios e documentos.

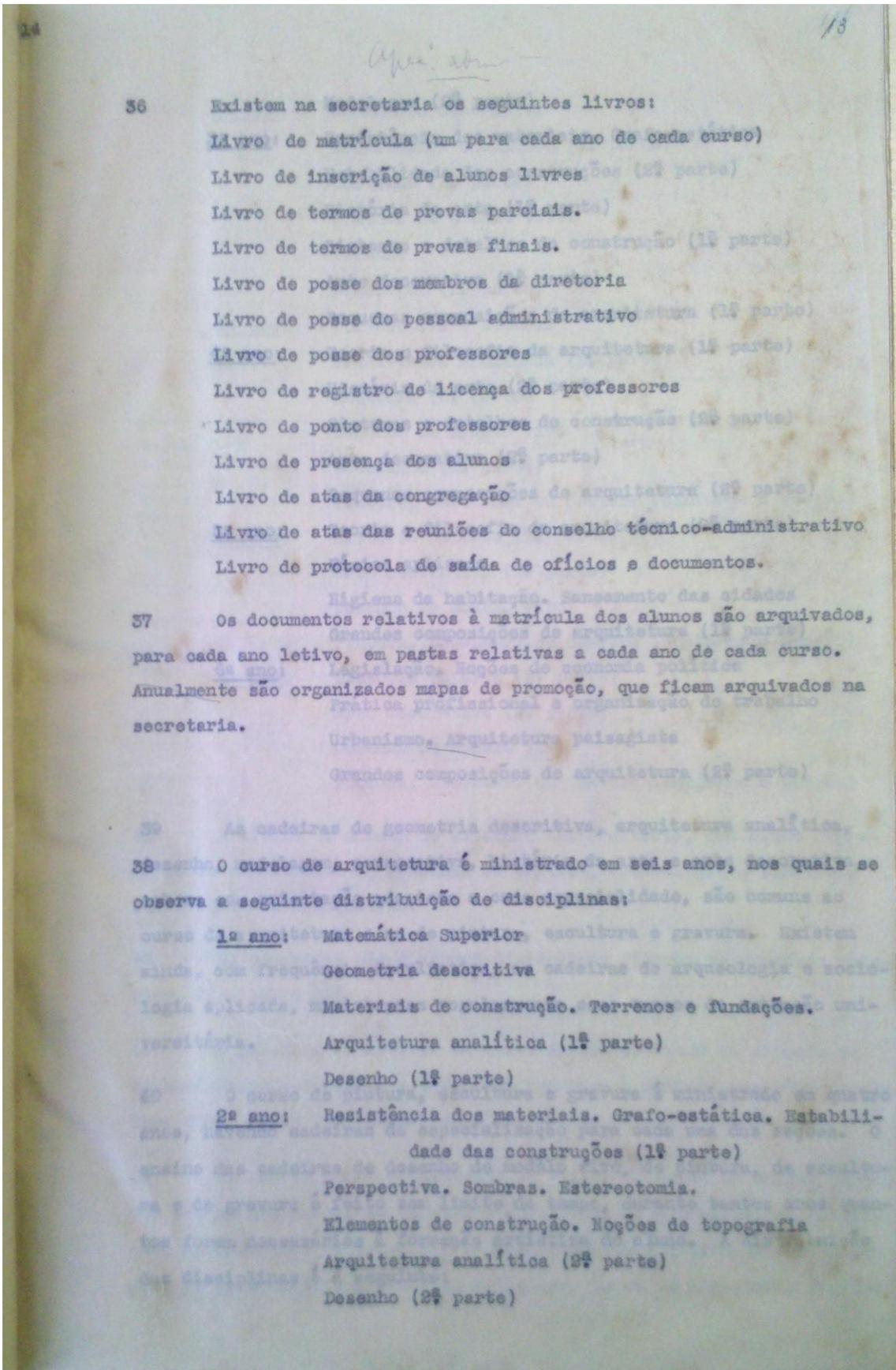
33 Desde a sua fundação, tem a E.B.A.P. sido administrada pelos seguintes diretores, alguns dos quais têm exercido o cargo interinamente como substitutos legais dos diretores ausentes. Na relação estão assinaladas as datas do início dos exercícios, que ficam arquivados na secretaria

Bibiano Silva	20-8-932
Heitor da Silva Maia Filho (int.)	17-5-933
Murilo La Greca (int.)	24-7-933
Heitor da Silva Maia Filho (int.)	26-2-934
João Alfredo G. da Costa Lima (int.)	1-6-934
Mário Nunes (int.)	2-10-934
Domingos Ferreira	22-7-935
Joel Galvão	4-3-936

34 O atual diretor, professor Joel Galvão, foi eleito em 4-3-936, na vaga decorrente da renuncia do professor Domingos Ferreira, cujo tempo completou, sendo reeleito em 1-6-936 e novamente reeleito a 31-5-938.

35 Os serviços administrativos ficam a cargo do secretário. Embora não seja modelar o sistema de escrita de atos e arquivo de documentos escolares, dispõe a E.B.A.P. dos livros essenciais que permitem a verificação da situação escolar de qualquer aluno.

## Anexo E - Relatório para Inspeção Federal dos anos de 1938. Livro nº 110.



## Anexo E - Relatório para Inspeção Federal dos anos de 1938. Livro nº 110.

15	14	
		Modelagem (2ª parte)
<u>3º ano:</u>		Resistência dos materiais. Grafo-estática
		Estabilidade das construções (2ª parte)
		História da arte (1ª parte)
		Sistemas e detalhes de construção (1ª parte)
		Arte decorativa (1ª parte)
<u>3º ano:</u>		Pequenas composições de arquitetura (1ª parte)
<u>4º ano:</u>		Teoria e filosofia da arquitetura (1ª parte)
		História da arte (2ª parte)
		Sistemas e detalhes de construção (2ª parte)
		Arte decorativa (2ª parte)
		Pequenas composições de arquitetura (2ª parte)
<u>5º ano:</u>		Teoria e filosofia da arquitetura (2ª parte)
		Física aplicada
		Higiene da habitação. Saneamento das cidades
		Grandes composições de arquitetura (1ª parte)
<u>6º ano:</u>		Legislação. Noções de economia política
		Prática profissional e organização do trabalho
		Urbanismo. Arquitetura paisagista
		Grandes composições de arquitetura (2ª parte)
39		As cadeiras de geometria descritiva, arquitetura analítica, desenho, modelagem, perspectiva, história da arte e arte decorativa, embora com orientação adaptada a cada especialidade, são comuns ao curso de arquitetura e ao de pintura, escultura e gravura. Existem ainda, com frequência facultativa, as cadeiras de arqueologia e sociologia aplicada, ministradas regularmente como cursos de extensão universitária.
40		O curso de pintura, escultura e gravura é ministrado em quatro anos, havendo cadeiras de especialização para cada uma das seções. O ensino das cadeiras de desenho de modelo vivo, de pintura, de escultura e de gravura é feito sem limite de tempo, durante tantos anos quantos forem necessários à formação artística do aluno. A distribuição das disciplinas é a seguinte:

Anexo E - Relatório para Inspeção Federal dos anos de 1938. Livro nº 110.

15

16

doctrina 1º ano: Geometria descritiva e arte artística dos alunos.

45 A frequência dos professores é média, como se observa no quadro a seguir, onde, nos anos letivos de 1936 e 1937, estão representados para cada disciplina, os seguintes dados: aulas que deveriam ter sido dadas (colunas A); aulas que não foram dadas (colunas F); e porcentagem das faltas em relação as aulas que deveriam ser dadas.

2º ano: Perspectiva e sombras

CADEIRAS		1 2 3 4 5					
		F	A	F	A	F	
	Arquitetura analítica (1ª parte)						
	Anatomia (1ª parte)						
	Desenho de modelo vivo						
	Modelagem (1ª parte)						
	Desenho						
	3º ano: História da arte (1ª parte)						
	Resistência dos materiais (1ª parte)						
	Resistência dos materiais (2ª parte)						
	Perspectiva						
	Elementos de construção						
	História da arte						
	Sistemas de construção						
	Arte decorativa						
	Composições de arquitetura						
	Teoria e filosofia da arquitetura						
	Arqueologia						
	Legislação						
	Urbanismo						
41	A título de cursos de extensão universitária, são ainda regularmente ministradas as cadeiras de crítica, arqueologia e estética, com frequência facultativa.						
42	Os programas das diversas disciplinas figuram no processo anterior, fls. 141 a 215.						
		1344	581	41	1000	837	45

45 A E.B.A.P. já manteve um curso anexo destinado ao preparo de conhecimentos essenciais à matrícula nos cursos ministrados pela escola. Esse curso anexo foi extinto em 1937, faltas e 59 % de comparecimentos, e em 1937, 45 % de faltas e 57 % de comparecimentos.

44 De acordo com o regulamento em vigor, os meios de ensino adotados são as preleções, os debates e arguições, os exercícios de aplicação, as excursões ao campo e a estabelecimentos e a execução de projetos. A orientação das cadeiras especiais, invés de apresentar rigidez

Anexo E - Relatório para Inspeção Federal dos anos de 1938. Livro nº 110.

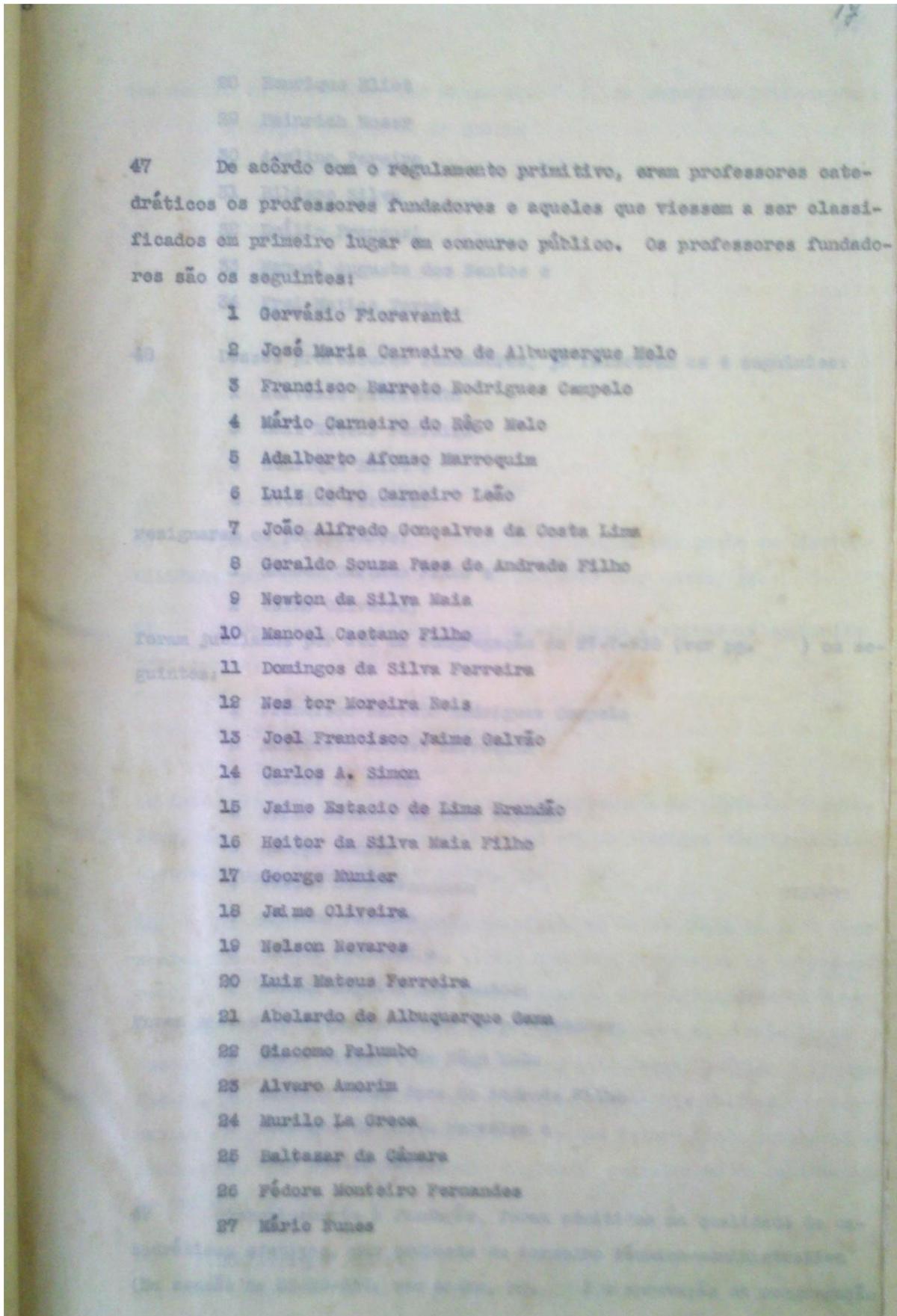
doutrinária, visa desenvolver a personalidade artística dos alunos.

45 A frequência dos professores é média, como se observa no quadro a seguir, onde, nos anos letivos de 1936 e 1937, estão representados para cada disciplina, os seguintes dados: aulas que deveriam ter sido dadas (colunas A); aulas que não foram dadas (colunas F); e percentagem das faltas em relação às aulas que deveriam ser dadas.

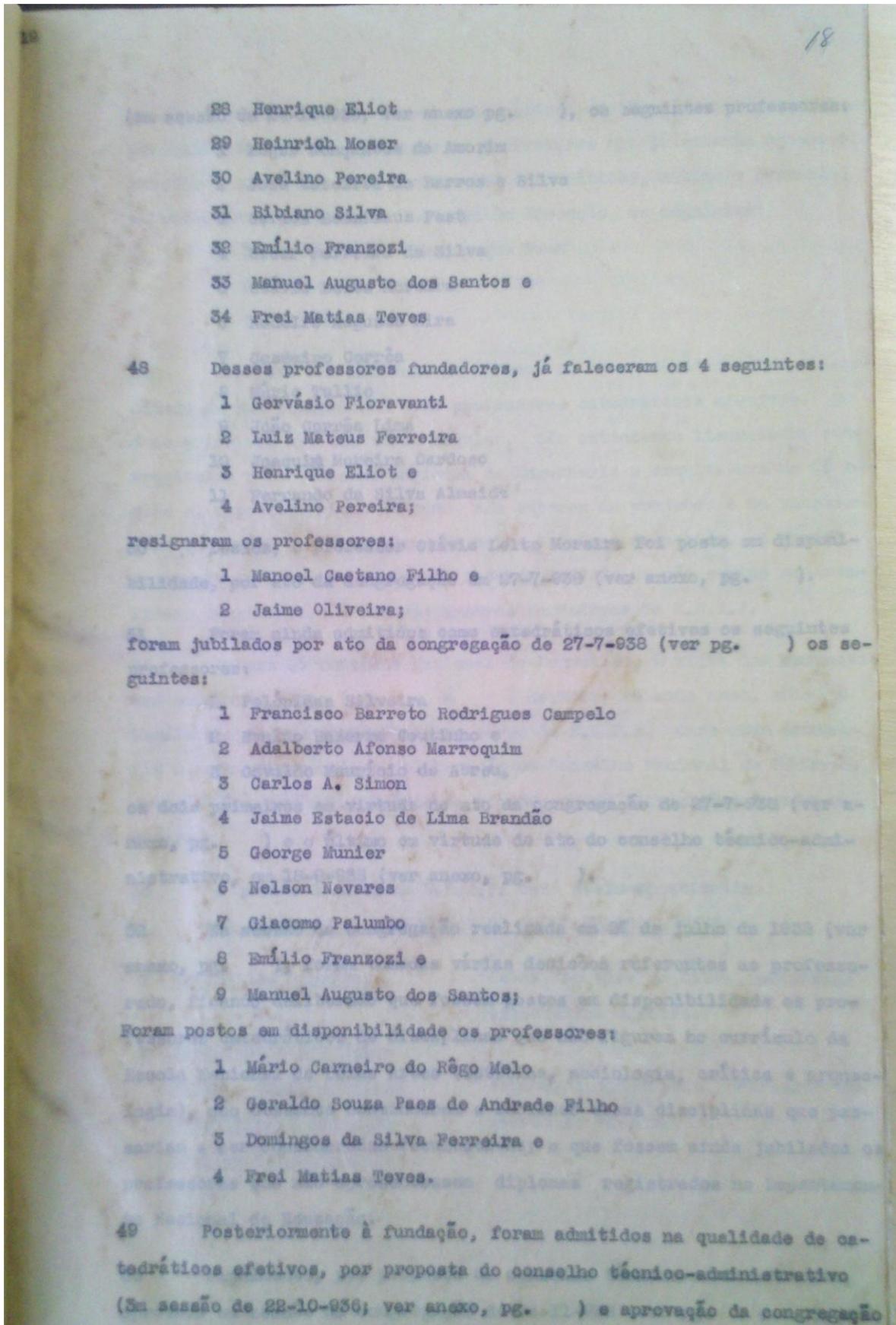
C A D E I R A S	1 9 3 6			1 9 3 7		
	A	F	%	A	F	%
Matemática superior	83	36	43	85	35	41
Geometria descritiva	28	20	71	83	58	70
Materiais de construção	29	20	69	82	62	76
Arquitetura analítica	46	19	41	79	40	48
Desenho	60	20	33	84	21	25
Modelagem	59	5	8,5	87	6	6,9
Resistência dos materiais (1ª cadeira)	72	43	60	70	29	41
Resistência dos materiais (2ª cadeira)	38	26	69	83	45	54
Perspectiva	30	8	27	60	32	53
Elementos de construção	40	25	62	79	45	57
História da arte	66	24	36	86	42	49
Sistemas e detalhes de construção	44	32	73	67	39	58
Arte decorativa	59	24	41	81	27	33
Composições de arquitetura	93	44	47	107	52	49
Teoria e filosofia da arquitetura	25	10	40	80	62	78
Arqueologia	31	17	55	79	42	53
Legislação	28	11	39	0	0	-
Urbanismo	55	21	38	0	0	-
Anatomia	64	28	44	76	36	49
Modelo vivo	104	31	30	82	17	21
Pintura (paisagem)	54	10	18	83	9	11
Pintura (natureza morta)	54	25	43	82	24	29
Pintura (composição)	63	27	43	79	39	49
Escultura	47	2	4,3	87	9	10
Crítica	35	9	26	83	35	42
Estética	27	9	33	24	11	46
T o t a l	1344	551	41	1888	817	43

46 Pelo quadro acima, verifica-se quanto à frequência geral do professorado, que em 1936 houve 41 % de faltas e 59 % de comparecimentos, e em 1937, 43 % de faltas e 57 % de comparecimentos.

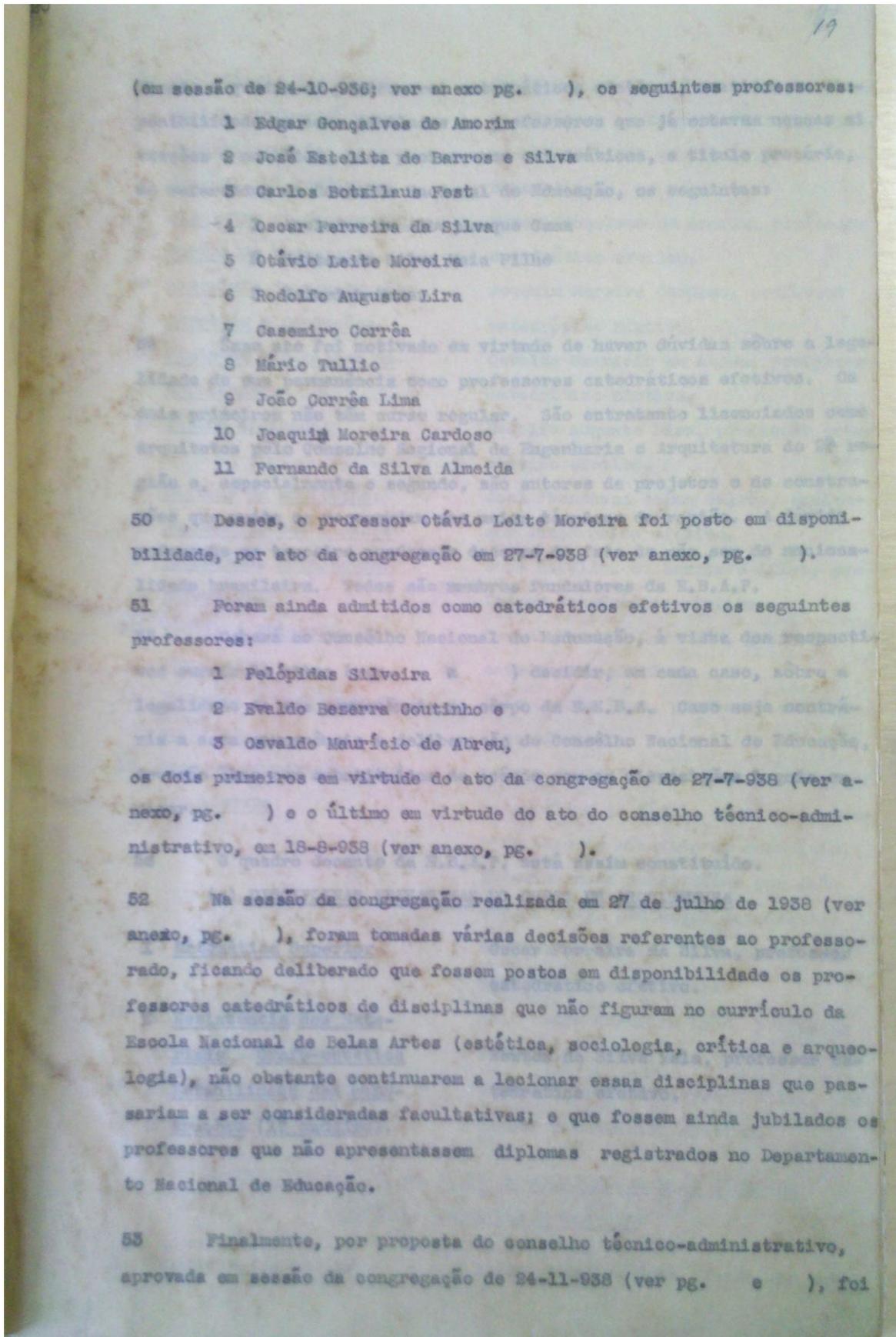
## Anexo E - Relatório para Inspeção Federal dos anos de 1938. Livro nº 110.



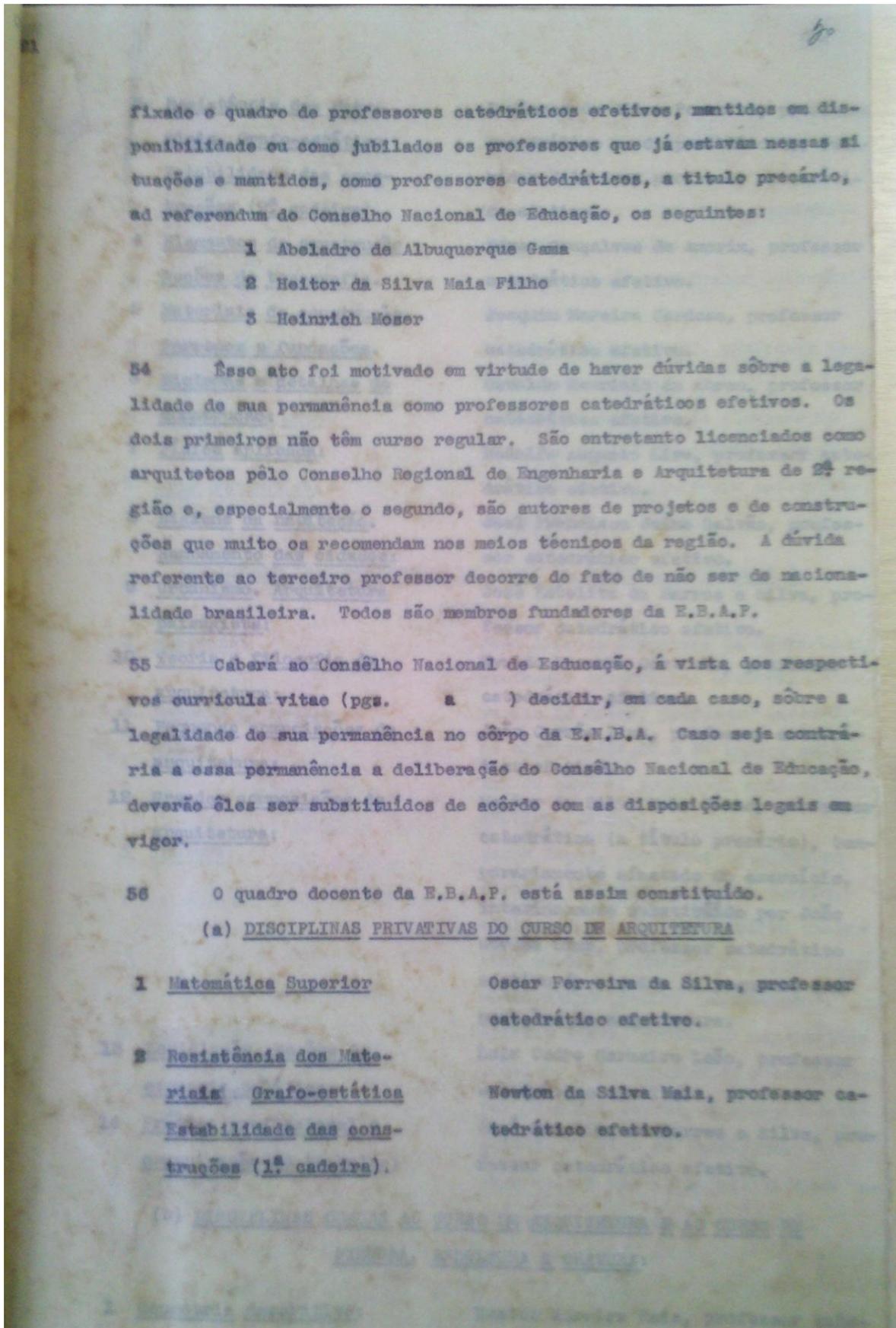
## Anexo E - Relatório para Inspeção Federal dos anos de 1938. Livro nº 110.



## Anexo E - Relatório para Inspeção Federal dos anos de 1938. Livro nº 110.



## Anexo E - Relatório para Inspeção Federal dos anos de 1938. Livro nº 110.



## Anexo E - Relatório para Inspeção Federal dos anos de 1938. Livro nº 110.

	21
3 <u>Resistência dos Materiais. Grafo-estática</u>	Domingos da Silva Ferreira, professor
<u>Estabilidade das construções (2ª cadeira).</u>	catedrático em disponibilidade; Pelópidas Silveira, professor catedrático efetivo. <del>Alro Fernandes, professor</del>
4 <u>Elementos de construção</u>	Edgar Gonçalves de Amorim, professor
<u>Noções de topografia.</u>	catedrático efetivo. <del>Professor catedrático</del>
5 <u>Materiais de construção.</u>	Joaquim Moreira Cardoso, professor
<u>Ferrenos e fundações.</u>	catedrático efetivo. <del>Professor</del>
6 <u>Sistemas e detalhes de construção: arte:</u>	Osvaldo Maurício de Abreu, professor
7 <u>Física aplicada:</u>	Rodolfo Augusto Lira, professor catedrático efetivo. <del>Professor catedrático</del>
<u>Arte decorativa:</u>	
8 <u>Higiene da habitação.</u>	Joel Francisco Jaime Galvão, professor
<u>Saneamento das cidades:</u>	catedrático efetivo.
9 <u>Urbanismo. Arquitetura paisagista:</u>	José Estelita de Barros e Silva, professor catedrático efetivo.
10 <u>Teoria e filosofia da arquitetura:</u>	<del>João Alfredo Gonçalves da Costa Lima, professor catedrático efetivo.</del>
11 <u>Pequenas composições de arquitetura:</u>	Evaldo Bezerra Coutinho, professor catedrático efetivo.
12 <u>Grandes composições de arquitetura:</u>	João Corrêa Lima, professor catedrático efetivo (18, 21 e 24 anos) e Heitor da Silva Maia Filho, professor catedrático (48 anos).
	Heitor da Silva Maia Filho, professor catedrático (a título precário), temporariamente afastado do exercício, interinamente substituído por João Corrêa Lima, professor catedrático efetivo da cadeira de pequenas composições de arquitetura.
13 <u>Legislação. Noções de economia política:</u>	Luiz Cedro Carneiro Leão, professor catedrático efetivo. <del>Professor catedrático</del>
14 <u>Prática profissional e organização do trabalho:</u>	José Estelita de Barros e Silva, professor catedrático efetivo. <del>Professor catedrático</del>
(b) <u>DISCIPLINAS COMUNS AO CURSO DE ARQUITETURA E AO CURSO DE PINTURA, ESCULTURA E GRAVURA:</u>	
1 <u>Geometria descritiva:</u>	Nestor Moreira Reis, professor catedrático efetivo.

## Anexo E - Relatório para Inspeção Federal dos anos de 1938. Livro nº 110.

<p>3 <u>Resistência dos Mate- riais. Grafo-estática</u> <u>Estabilidade das cons- truções (2ª cadeira).</u></p> <p>4 <u>Elementos de construção</u> <u>Noções de topografia.</u></p> <p>5 <u>Materiais de construção.</u> <u>Terrenos e fundações.</u></p> <p>6 <u>Sistemas e detalhes de</u> <u>construção: arbo:</u></p> <p>7 <u>Física aplicada:</u> <u>Arto decorativa:</u></p> <p>8 <u>Higiene da habitação.</u> <u>Saneamento das cidades:</u></p> <p>9 <u>Urbanismo. Arquitetura</u> <u>paisagista:</u></p> <p>10 <u>Teoria e filosofia da</u> <u>arquitetura:</u></p> <p>11 <u>Pequenas composições de</u> <u>arquitetura:</u></p> <p>12 <u>Grandes composições de</u> <u>arquitetura:</u> <u>Pintura:</u></p> <p>13 <u>Legislação. Noções de</u> <u>economia política:</u></p> <p>14 <u>Prática profissional e</u> <u>organização do trabalho:</u></p>	<p style="text-align: right;">21</p> <p>Domingos da Silva Ferreira, professor catedrático em disponibilidade; Peló- pidas Silveira, professor catedrático efetivo. Pro Fernandes, professor</p> <p>Edgar Gonçalves de Amorim, professor catedrático efetivo. Professor catedrático</p> <p>Joaquim Moreira Cardoso, professor catedrático efetivo. Professor</p> <p>Oswaldo Mauricio de Abreu, professor catedrático efetivo. De Albuquerque</p> <p>Rodolfo Augusto Lira, professor catedrático efetivo. Professor catedrático</p> <p>Joel Francisco Jaime Galvão, profes- sor catedrático efetivo.</p> <p>José Estelita de Barros e Silva, pro- fessor catedrático efetivo.</p> <p>João Alfredo Gonçalves da Costa Lima, Evaldo Bezerra Coutinho, professor catedrático efetivo.</p> <p>Maria La Grew, professor catedrático João Corrêa Lima, professor catedrático efetivo (18, 25 e 37 esp) e catedrático efetivo.</p> <p>Heitor da Silva Maia Filho, professor catedrático (a título precário), tem- porariamente afastado do exercício, interinamente substituído por João Corrêa Lima, professor catedrático efetivo da cadeira de pequenas com- posições de arquitetura.</p> <p>Luiz Cedro Carneiro Leão, professor catedrático efetivo.</p> <p>José Estelita de Barros e Silva, pro- fessor catedrático efetivo.</p>
---	--

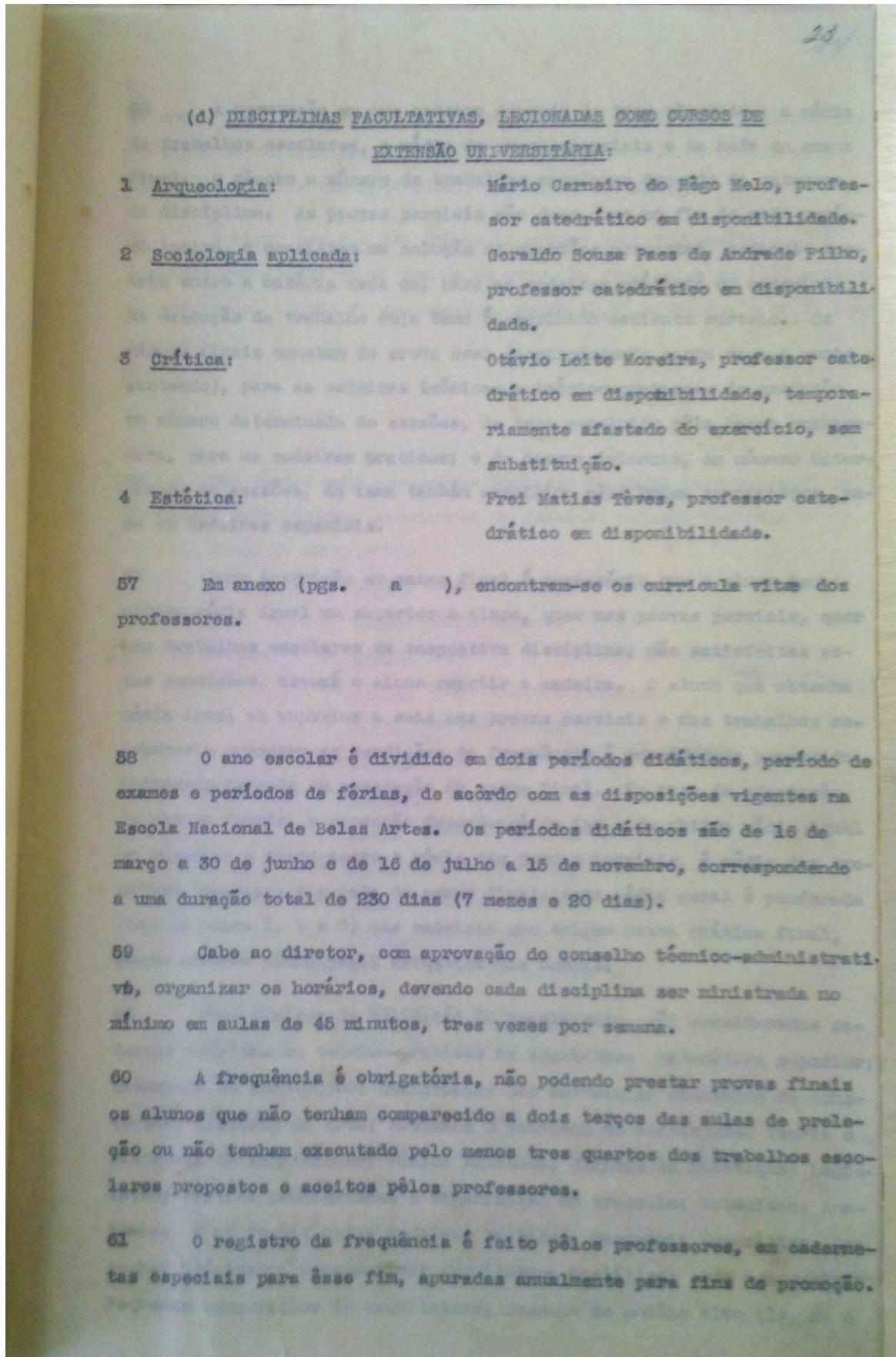
(b) DISCIPLINAS COMUNS AO CURSO DE ARQUITETURA E AO CURSO DE  
PINTURA, ESCULTURA E GRAVURA:

<p>1 <u>Geometria descritiva:</u></p>	<p>Nestor Moreira Reis, professor catedrático</p>
---------------------------------------	---

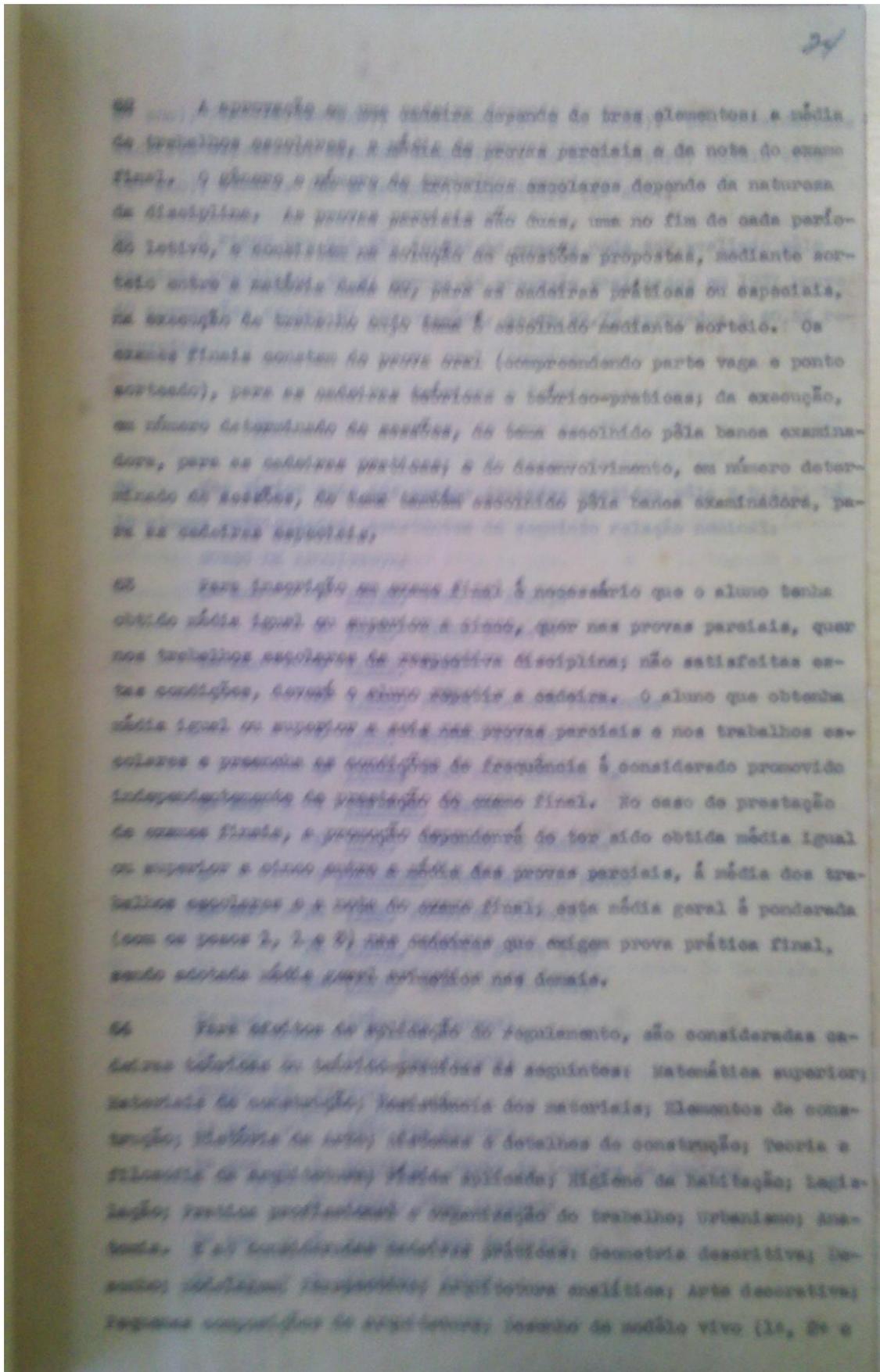
## Anexo E - Relatório para Inspeção Federal dos anos de 1938. Livro nº 110.

		Gráfico efetivo.
2	<u>Arquitetura analítica:</u>	Fernando da Silva Almeida, professor catedrático efetivo.
2	<u>Arquitetura:</u>	
3	<u>Desenho:</u>	Fédora Monteiro Fernandes, professor catedrático efetivo.
3	<u>Escultura aplicada:</u>	
4	<u>Modelagem:</u>	Casemiro Corrêa, professor catedrático efetivo.
5	<u>Perspectiva. Sombras</u>	Carlos Botkilans Pest, professor catedrático efetivo.
	<u>Stereotomia:</u>	
6	<u>História da arte:</u>	José Maria Carneiro de Albuquerque Melo, professor catedrático efetivo.
7	<u>Arte decorativa:</u>	Heinrich Moser, professor catedrático (a título precário).
<b>(c) DISCIPLINAS PRIVATIVAS DO CURSO DE PINTURA, ESCULTURA E</b>		
<b>GRAVURA</b>		
1	<u>Anatomia:</u>	João Alfredo Gonçalves da Costa Lima, professor catedrático efetivo.
2	<u>Desenho de modelo vivo:</u>	Murilo La Greca, professor catedrático efetivo (1ª, 2ª e 3ª ano) e Baltazar da Câmara, professor catedrático efetivo (4ª ano).
3	<u>Pintura:</u>	Mário Nunes, professor catedrático efetivo (paisagem); Álvaro Amorim, professor catedrático efetivo (natureza morta) e Mário Túlio, professor catedrático efetivo (composição).
4	<u>Escultura:</u>	Bibiano Silva, professor catedrático efetivo, temporariamente substituído por Casemiro Corrêa, professor catedrático efetivo de Modelagem.
5	<u>Gravura:</u>	Yago (Ainda não foram solicitadas matrículas na secção de gravura).

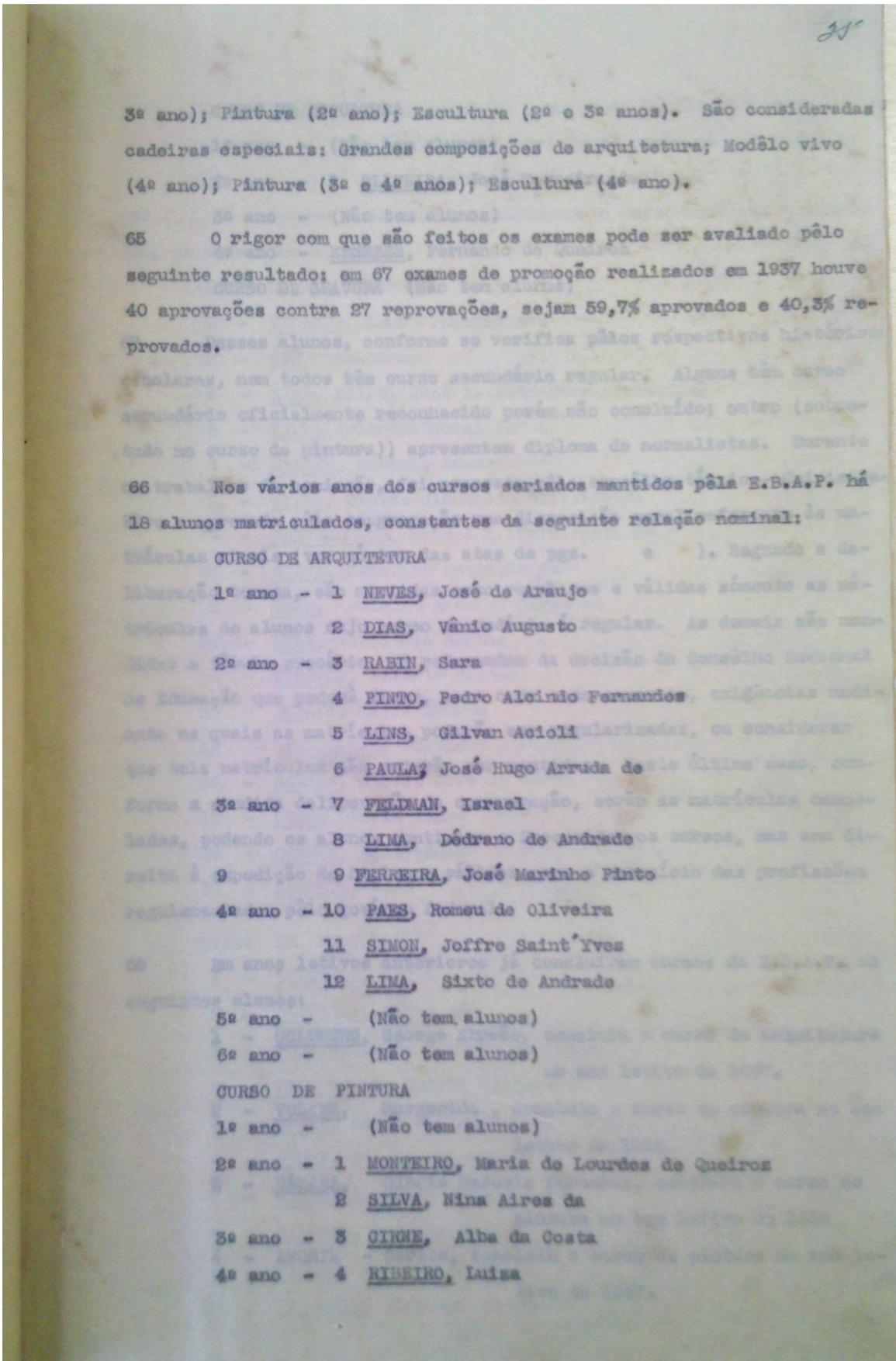
## Anexo E - Relatório para Inspeção Federal dos anos de 1938. Livro nº 110.



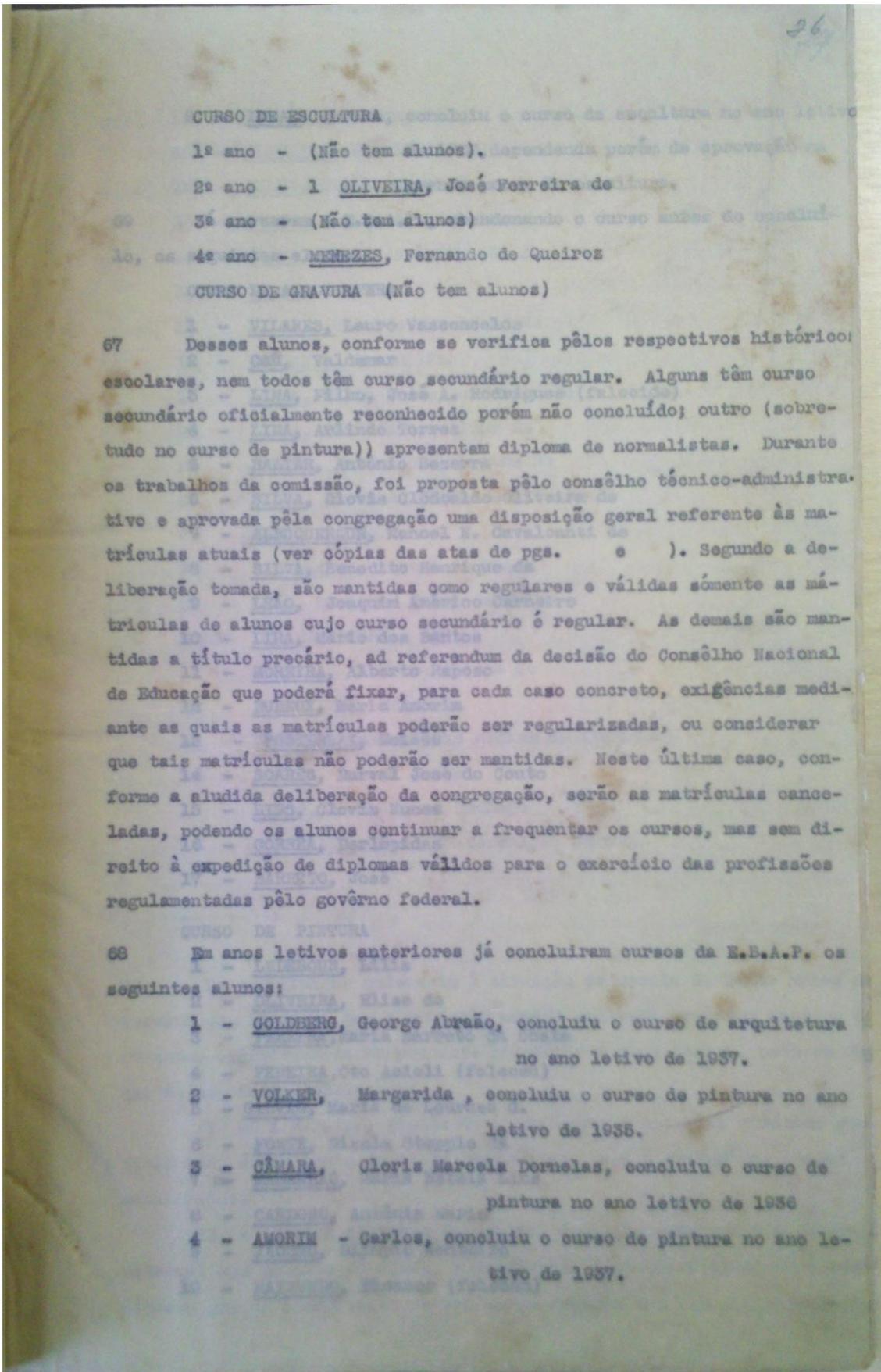
## Anexo E - Relatório para Inspeção Federal dos anos de 1938. Livro nº 110.



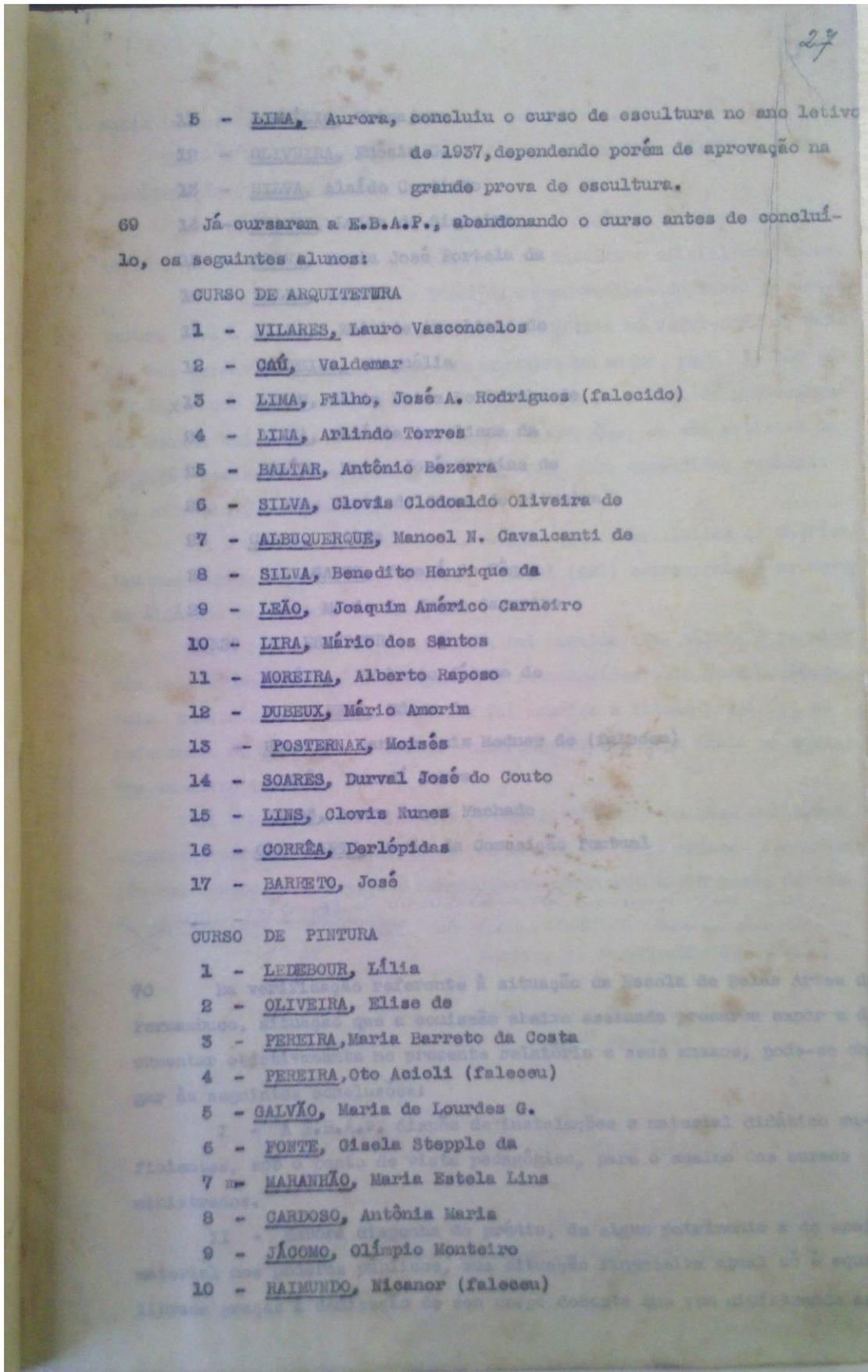
## Anexo E - Relatório para Inspeção Federal dos anos de 1938. Livro nº 110.



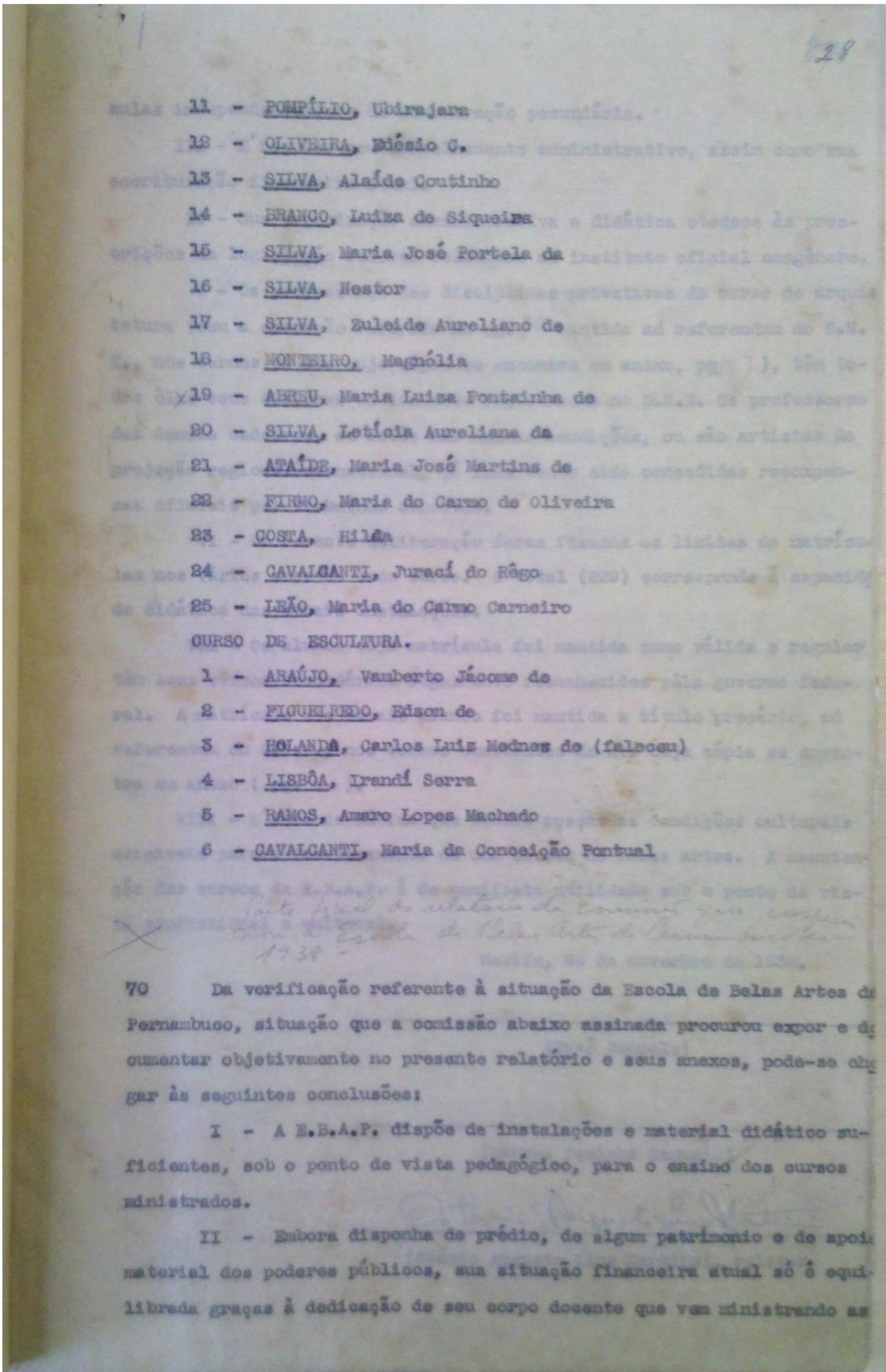
## Anexo E - Relatório para Inspeção Federal dos anos de 1938. Livro nº 110.



## Anexo E - Relatório para Inspeção Federal dos anos de 1938. Livro nº 110.



## Anexo E - Relatório para Inspeção Federal dos anos de 1938. Livro nº 110.



## Anexo E - Relatório para Inspeção Federal dos anos de 1938. Livro nº 110.

aulas independentemente de remuneração pecuniária.

III - É regular seu aparelhamento administrativo, assim como sua escrituração financeira atual.

IV - Sua organização administrativa e didática obedece às prescrições da legislação federal relativas ao instituto oficial congênere.

V - Os professores das disciplinas privativas do curso de arquitetura (com a exceção referida na pg. 90 mantida ad referendum do C.N.E., nos termos da ata cuja cópia se encontra em anexo, pg. 107), têm todos os seus diplomas devidamente registrados no D.N.E. Os professores das demais cadeiras, ou estão nas mesmas condições, ou são artistas de projeção regional ou nacional, já lhes tendo sido concedidas recompensas oficiais por trabalhos expostos.

VI - Em recente deliberação foram fixados os limites de matrículas nos vários anos de cada curso. O total (229) corresponde à capacidade didática das atuais instalações.

VII - Os alunos cuja matrícula foi mantida como válida e regular têm seus cursos secundários legalmente reconhecidos pelo governo federal. A matrícula dos demais alunos foi mantida a título precário, ad referendum do C.N.E., nos termos constantes da ata cuja cópia se encontra em anexo ( pg. 102).

VIII - É fóra de dúvida que Recife possui as condições culturais exigíveis para o funcionamento de uma escola de belas artes. A manutenção dos cursos da E.B.A.P. é de manifesta utilidade sob o ponto de vista profissional e cultural.

Recife, 26 de novembro de 1938.

---

(José Campelo)

---

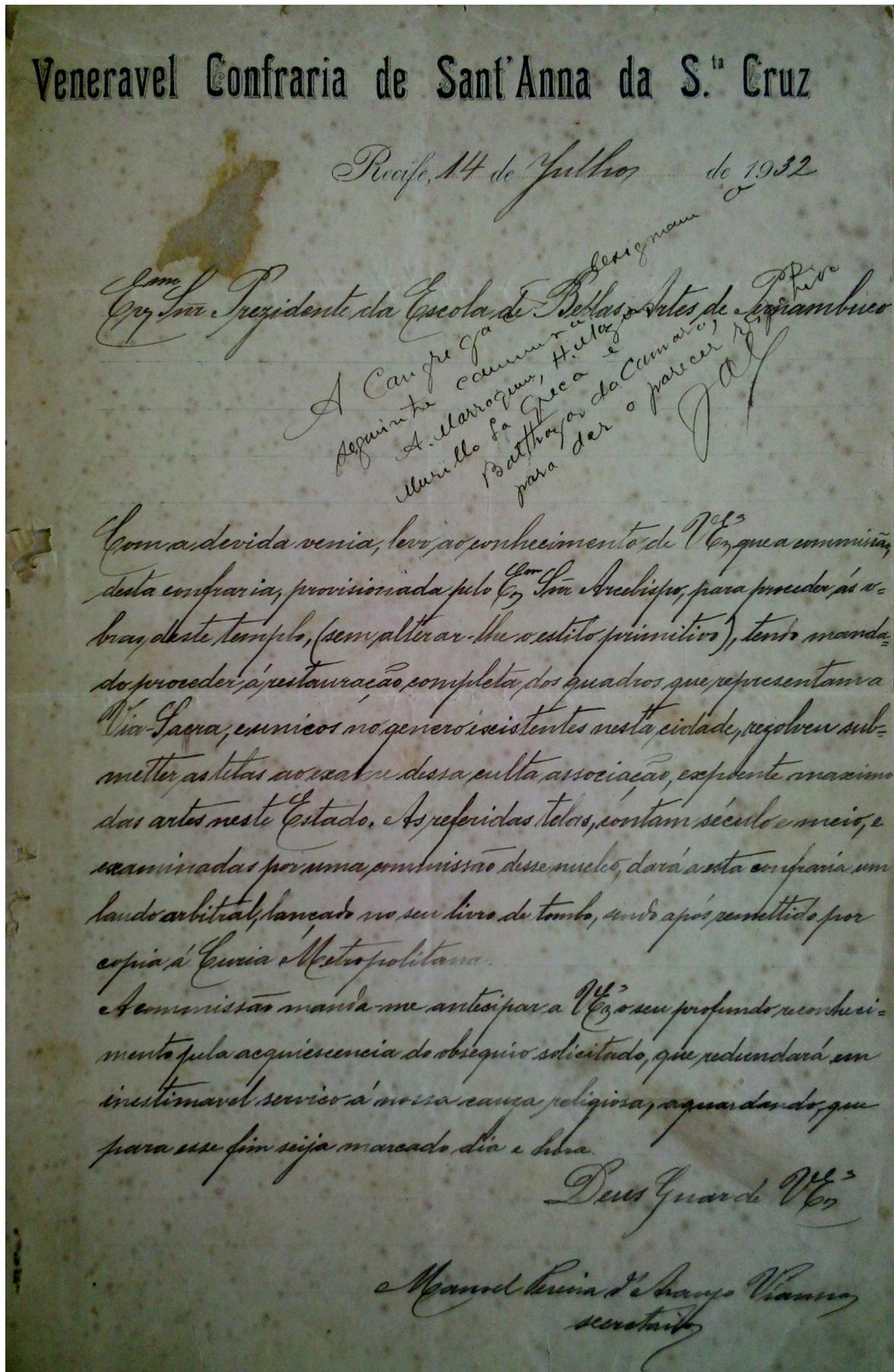
(Manoel Caminha Sampaio)

---

*Otávio Augusto Lins Martins*

(Otávio Augusto Lins Martins), relator.

## Anexo F – Laudo para restauração de pintura pelos membros da EBAP



Planta baixa da EBAP – Fonte: Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural (DPPC).

